UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

APOLÔNIO DE TIANA: MÍSTICO, SÁBIO, HOMEM DIVINO

SIGELMAN SILVA DE ARAUJO

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

APOLÔNIO DE TIANA: MÍSTICO, SÁBIO, HOMEM DIVINO

SIGELMAN SILVA DE ARAUJO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Área de Concentração : Ciências da Religião. Linha de Pesquisa: Religião, Conhecimento e Linguagem.

Orientador: Prof. Drº Carlos Eduardo Brandão Calvani.

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2025

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A663a

Araujo, Sigelman Silva de
Apolônio de Tiana : místico, sábio, homem divino / Sigelman Silva de Araujo ; orientador Carlos Eduardo Brandão Calvani. – São Cristóvão, SE, 2025.
93 f.

Dissertação (mestrado em Ciências Religião) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Religião – Filosofia. 2. Misticos. 3. Sofistas (Filosofia grega). 4. Misticismo. 5. Jesus Cristo – Divindade. 6. Apolônio, de Tiana, 4-97 – Crítica e interpretação. I. Calvani, Carlos Eduardo Brandão, orient. II. Título.

CDU 2-587

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SIGELMAN SILVA DE ARAUJO

APOLÔNIO DE TIANA: MÍSTICO, SÁBIO, HOMEM DIVINO

APROVADO EM: 18 de Setembro de 2025

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Área de Concentração : Ciências da Religião. Linha de Pesquisa: Religião, Conhecimento e Linguagem.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – UFS

Prof. Dr. Alexandre de Jesus dos Prazeres (Avaliador Interno)
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - UFS

Prof. Dr. José Adriano Filho (Avaliador Externo)
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – FUV

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2025

Dedico este trabalho:

À minha família Silva de Araujo, isso inclui, **Manoel Umbelino de Araujo** (in memorian) e **Juracy Silva de Araujo** (in memorian) e irmãos, que sempre levou a sério a questão dos estudos, sempre tentando o teto máximo para aquisição de conhecimento e nunca desistindo. Também à minha esposa **Inadilza Silva Santos**, que desde o início da jornada me deu apoio no uso desse tempo focado nos estudos e meu filho Arthur Henrique Santos Silva de Araujo que em conversas simples, sempre torceu por mim.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai para as dificuldades da vida. Ao vir de uma família grande, com oito irmãos, meus pais saindo do interior e vindo morar na capital, minha mãe falecendo quando eu era muito novo, sabe-se que a vida, de tal maneira, não foi muito fácil. Assim, cada dificuldade que a vida foi impondo, serviu-me de degrau para que eu pudesse dar um passo mais acima. Diante disso, este é o meu muito obrigado, pois, essas dificuldades me fizeram resiliente.

Ao meu orientador, Prof. Drº Carlos Eduardo Brandão Calvani, pela paciência e disposição na orientação e suas aulas que me deram um novo olhar sobre o mundo, principalmente no aspecto religioso.

Aos meus colegas de curso que em boas conversas sempre incentivando um ao outro;

A aqueles que antes de mim pesquisaram sobre temas afins a este.

A todos os outros professores que ministraram disciplinas neste curso e contribuiram para um conhecimento impar.

A Universidade Federal de Sergipe e ao Curso de Licenciatura em Ciências da Religião.

A Instituição e colegas da AMORC que ao longo dos anos de estudos sobre misticismo me levaram a este tema.

No âmbito familiar, a todos os meus irmãos que, mesmo longe um do outro, sempre existe a torcida por dias melhores para cada um.

A Manoel Umbelino de Araujo, in memorian.

A Juracy Silva de Araujo, in memorian.

A meu filho, Arthur Henrique Santos Silva de Araujo, por ele, minha resiliência sempre seguiu em alta.

À minha esposa, Inadilza Silva Santos, que sempre me incentivou e soube lhe dar com minhas ausências em dias de aulas do mestrado.

A todos esses e aqueles que sempre caminharam comigo e aqueles que hoje, não mais caminham. Seguem meus sinceros votos de agradeciomentos.

Com muita Luz, Vida e Amor.

Paz profinda.

Antes de ele nascer, sua mãe recebeu um visitante dos céus que lhe disse que seu filho não seria um mero mortal, mas que de fato seria divino. Seu nascimento foi acompanhado por sinais divinos incomuns no céu. Adulto, saiu de casa para engajar-se em um ministério de pregação itinerante. Percorreu vilas e cidades, falando para todos que quisessem ouvir que não deviam se preocupar com suas vidas mundanas e bens materiais; deveriam viver para o que era espiritual e eterno. Reuniu em torno de si um grupo de seguidores que ficaram convencidos de que ele não era um homem comum, e sim o Filho de Deus. E fez milagres que confirmaram as crenças: conseguiu curar os enfermos, expulsar demônios e ressuscitar os mortos. No final da vida, suscitou oposição entre as autoridades governantes de Roma e foi levado a julgamento. Contudo, não conseguiram matar sua alma. Ele ascendeu aos céus e continua a viver lá até hoje. Para provar que continuou vivendo depois de deixar o globo terrestre, apareceu de novo ao menos para um de seus seguidores incrédulos, que ficou convencido de que ele de fato permanece conosco ainda hoje. Mais tarde, alguns seguidores escreveram livros, e ainda podemos ler sobre ele hoje em dia. No entanto, bem poucos de vocês já terão visto esses livros. E imagino que a maioria nem sabe quem era esse Filho de Deus e grande operador de milagres. Referi-me a um homem chamado Apolônio, que veio da cidade de Tiana. Ele era um pagão — isso é, um adorador politeísta de muitos deuses romanos — e filósofo renomado de seu tempo. Seus seguidores achavam que ele era imortal. Temos um livro a respeito dele escrito por Filóstrato, seu devoto posterior.

Bart D. Ehrman

“Eu queria fazer o bem, mas não queria fazer barulho, pois senti que o barulho não faz bem e que o bem não faz barulho. ”

Luis-Claude. de Saint-Martin

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender as narrativas de Flávio Filóstrato sobre Apolônio de Tiana na obra "A Vida de Apolônio de Tiana" como um homem sábio, místico e divino, no contexto religioso, socio-cultural e político da antiguidade tardia. E como um homem com essas prerrogativas narradas, taumaturgo, não teve seu nome reverberado pelos séculos? Essa indagação se dá devido à semelhança das narrativas atribuídas a ele e a Jesus de Nazaré, e que envolvem atos milagrosos, ensinamentos e ações taumatúrgicas. A dissertação toma como base de estudo as narrativas de Filostrato, sofista grego, em sua obra "A Vida de Apolônio de Tiana" (VA). Através desta obra, Semíramis Corsi Silva escreveu artigo sobre Apolônio como um sofista (sábio) e Gabriele Cornelli escreveu tese de doutorado que analisa Apolônio como homem divino. Este estudo também faz uma varredura na obra de Bart Eherman que disseca o contexto histórico que levou os cristãos a considerarem Jesus como Deus. Com a disseminação da VA alguns admiradores de Apolônio e seguidores de Jesus fizeram comparações entre os dois personagens. Para isso abordaremos no capítulo I sobre o gênero literário da obra "A Vida de Apolônio de Tiana", levando ao leitor um maior entendimento de que a VA trata de uma narrativa de um biógrafo com traços ficcionais, podendo não remeter ao Apolônio histórico. No segundo capítulo, será abordado sobre a vida de Apolônio para fazer compreender o mesmo como homem sábio e divino de acordo com as narrativas, tecendo informações históricas, obras principais, seguidores principais, relevância na cultura grega. O capítulo III aborda o lado místico da VA, o caráter esotérico de seus ensinamentos, alquimia, suas influências (Hermes, Pitágoras, religião cívica grega, cultos de mistério) e a recepção de Apolônio em grupos esotéricos atuais que mantém sua memória. Seguindo com o capitulo IV, a pesquisa apresenta o porquê de o nome de Jesus ser mais lembrado que o de Apolônio durante os séculos que passaram, a ascensão do cristianismo, a exaltação de Jesus a Deus, conflitos entre os seguidores de Apolônio e de Jesus. E as considerações finais, que de acordo com a hagiografia da época e as narrativas de Flavio Filóstrato, Apolônio era considerado um mistico, sábio e divino, tratando também de alguns aspectos do esquecimento do nome de Apolônio de Tiana.

Palavras-chave: Apolônio de Tiana. Jesus. Místico. Sábio, Sofista. Divino.

ABSTRACT

This research aims to understand Flavius Philostratus' narratives about Apollonius of Tyana in "The Life of Apollonius of Tyana" as a wise, mystical, and divine man, within the religious, sociocultural, and political context of late antiquity. And how could a man with these narrated prerogatives, a thaumaturge, not have his name reverberated through the centuries? This question arises due to the similarity of the narratives attributed to him and Jesus of Nazareth, which involve miraculous acts, teachings, and thaumaturgical actions. The dissertation is based on the narratives of Philostratus, a Greek sophist, in his work "The Life of Apollonius of Tyana" (VA). Through this work, Semíramis Corsi Silva wrote an article on Apollonius as a sophist (wise man), and Gabriele Cornelli wrote a doctoral thesis analyzing Apollonius as a divine man. This study also examines the work of Bart Eherman, which dissects the historical context that led Christians to consider Jesus as God. With the spread of the Life of Apollonius, some admirers of Apollonius and followers of Jesus drew comparisons between the two figures. To this end, Chapter I will address the literary genre of "The Life of Apollonius of Tyana," leading the reader to a better understanding that the Life of Apollonius is a biographical narrative with fictional overtones and may not refer to the historical Apollonius. The second chapter will address Apollonius's life, providing an understanding of him as a wise and divine man according to the narratives, weaving together historical information, key works, key followers, and his relevance in Greek culture. Chapter III addresses the mystical side of the Life of Apollonius, the esoteric nature of his teachings, alchemy, his influences (Hermes, Pythagoras, Greek civic religion, mystery cults), and Apollonius's reception in contemporary esoteric groups that preserve his memory. Continuing with Chapter IV, the research presents why Jesus' name was more remembered than Apollonius' over the centuries, the rise of Christianity, the exaltation of Jesus as a god, and conflicts between the followers of Apollonius and Jesus. Finally, according to the hagiography of the time and the narratives of Flavius Philostratus, Apollonius was considered a mystic, wise, and divine, and also addresses some aspects of the forgotten name of Apollonius of Tyana.

Keywords: Apollonius of Tyana. Jesus. Mystic. Sage, Sophist. Divine.

SUMÁRIO

Introdução 13

Capítulo 1 - Gênero literário da obra A Vida de Apolônio de Tiana (VA) 22

1.1. Gênero Romance 24

1.2. Gênero Hagiografia 26

1.3. Aretologia 27

1.4. Gênero Biografia 29

Capítulo 2 - Apolônio de Tiana – a construção do personagem principal 33

2.1. Nascimento, primeiros passos e morte 33

2.2. Qualificações, características de Apolônio de Tiana 36

2.2.1. Itinerante 36

2.2.2. Homem divino 36

2.2.3. Taumaturgo 38

2.2.4. Homem sábio, sofista 39

2.2.5. Reformador de mistérios (cultos, rituais e costumes) 41

2.2.6. Pedagogo 42

2.2.7. Médico 43

2.2.8. Exercícios espirituais 45

2.3. Obras 47

2.3. Seguidores 51

2.4.1.Discipulos 51

2.4.2. Admiradores 52

2.5. Relevância para a cultura grega 53

Capítulo 3 – Apropriação esotérica dos ensinamentos de Apolônio de Tiana 56

3.1. Influências esotéricas que reverberam na VA 57

3.1.1 Hermes 57

3.2 Pitágoras 60

3.3. Religião cívica grega 65
3.4. Cultos de mistérios 68
3.4.1. Mistérios de Elêusis 69
3.4.2. Mistério de Dionísio 71
3.5. Recepção de Apolônio em ambientes esotéricos 75
3.5.1 Esoterismo de Apolônio 75
3.5.2. Alquimia 77
3.5.3. A recepção de Apolônio em sociedades esotéricas e iniciáticas 82
CONSIDERAÇÕES FINAIS 87
Referências 92

INTRODUÇÃO

Em minha trajetória particular, estudei em colégio batista e até frequentava escola dominical dos próprios diretores da escola. Na adolescência, estudei em colégio católico, que, obviamente tinha uma igreja em anexo e nela fiz minha primeira comunhão. Assim sendo, sempre estive bem perto das narrativas sobre Jesus. Suas histórias ficaram sempre guardadas em minha memória, pelo que os catequistas ensinavam. Já na fase adulta resolvi adentrar os portais da Antiga e Mística Ordem Rosacruz (AMORC), uma organização místico-filosófica, (dividida por jurisdições idiomáticas), sem fins econômicos, cultural, educacional e apolítica, que busca promover o auto aperfeiçoamento do ser humano por meio do despertar de seus poderes interiores, a fim de que tenha uma vida mais plena e integral. Os estudos dessa Ordem se dão através de pequenas monografias e manuscritos enviados para o endereço do membro participante e os encontros destes membros, através de células em cada estado do país chamadas de Organismos Afiliados. Já dentro dos ensinamentos desta Ordem tive contato com o personagem Apolônio de Tiana, objeto principal do meu tema e, como nos ensinamentos dela, Apolônio sempre vem como um personagem miraculoso, um homem acima do normal, com feitos que nenhum outro homem comum consegue executar.

Influenciado pelos ensinamentos da AMORC, decidi cursar Licenciatura em Ciências da Religião na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e obter minha segunda formatura. Já em contato com as aulas, um determinado professor, que nesta pesquisa, é meu orientador, disse algumas palavras encantadoras sobre o personagem Apolônio, recebi isso como um sinal e depois de uma boa conversa, decidi pesquisar sobre esse personagem, com intuito de conhecê-lo melhor e saber mais sobre sua vida cotidiana e todas as suas influências na época e região em que vivia.

Além dos manuscritos da Ordem Rosacruz, outros contatos com as obras de Apolônio de Tiana foram através de livros de autores gnósticos. Aos poucos a vida desse personagem foi-se desvelando como uma figura política e reformadora de cultos; um homem integrado na religião cívica grega; um filósofo seguidor dos ensinamentos de Pitágoras, portanto um neo-pitagórico; de um mago taumaturgo e, não apenas o homem que escreveu sobre o nuctemeron, obra muito mencionada nos ambientes esotéricos. Logo após, veio o acesso à sua biografia escrita por Flávio Filóstrato, A Vida de Apolônio de Tiana, (VA) e assim foi-se revelando, de acordo com as narrativas da obra, como, além das características já mencionadas acima, um homem sábio, sofista grego, místico, disciplinado, dedicado à filosofia, com grandes virtudes e

divino, de acordo com a hagiografia daquela época. Alguns autores comparam o Apolônio de Filóstrato com Jesus de Nazaré dos evangelhos, devido as narrativas dos dois serem semelhantes em relação aos milagres praticados por ambos e a coincidência de terem sido contemporâneos, citando Apolônio como o Cristo pagão.

Pesquisar sobre Apolônio de Tiana, traz como benefício para o mestrado, um maior entendimento do contexto sócio-político e religioso de uma época em que a ciência da magia era relevante. No aspecto religioso, mostra a hagiografia atualizada do homem divino daquela época e nesse contexto, engloba não só ele, mas outros homens divinos, como é o caso de Jesus de Nazaré, onde ambos tinham sabedoria sobrenatural, poderes miraculosos, ascetismo, mediação entre o humano e divino, resistência a perseguição e ambos tiveram nascimentos sobrenaturais, onde suas mães receberam presenças de entidades e mortes muito contestadas, assim como, aparições pós-morte, aos seus discípulos.

Uma das motivações dessa pesquisa nasce do fato de entender o personagem Apolônio de Tiana, de acordo com as narrativas de Flavio Filóstrato, como homem místico, sábio e divino e após diversas leituras sobre o assunto, surge a seguinte inquietação: por que o nome e a memória do personagem Apolônio foram apagadas da cultura ocidental, sobrevivendo apenas em ambientes esotericos, enquanto a memória do personagem Jesus se solidificou em várias partes do mundo?

Nos séculos II, III e IV o cristianismo estava em ascensão no que tange à religião institucionalizada, principalmente a partir do momento em que Constantino assumiu como imperador de Roma e houve um debate teológico acirrado entre os presbíteros sobre a divindade de Jesus. É certo que com o apoio de Constantino, as relações com o cristianismo mudaram, Porém, o imperador não aboliu por completo os cultos pagãos[1]. Havia uma pluralidade religiosa no seu reinado, por certo, uma tolerância entre as duas correntes, pagãs e cristãs. Os cultos pagãos e seus sacrifícios foram aos poucos sendo abolidos com a chegada de outros imperadores que sucederam Constantino e o poder da igreja católica foi crescendo geometricamente. Templos pagãos foram destruídos ou substituídos por igrejas. É óbvio que os adeptos do paganismo tiveram reações contrárias.

> No final do século IV, algo como a metade do império inteiro havia se convertido ao cristianismo ortodoxo, o imperador promulgou leis

[1] O termo pagão, vem da palavra paganus, que originalmente significava rural, referindo-se ao homem do campo, posteriormente, esse termo passou a ser usado para se referir a pessoas não cristãs e que realizavam cultos a outros deuses greco-romanos.

> promovendo a religião cristã e banindo o sacrifício e adoração pagãos, e o cristianismo triunfou de vez sobre todas as religiões pagãs que antes aceitavam o imperador como divino (EHRMAN, 2014, p.212).

Não há relatos de um confronto direto entre as duas personagens, porém, entre os seus seguidores alguns conflitos aconteceram.

Sobre as reações contrárias, o maior conflito aconteceu no século IV d.C. por Sosiano Hierócles, governador da Bitínia e perseguidor de cristãos ao lado do imperador Diocleciano e Eusébio de Cesareia.

Hierócles teria valorizado os atributos miraculosos de Apolônio contra Jesus Cristo, dizendo ser Apolônio superior a Jesus. Eusébio de Cesareia, o primeiro historiador da Igreja Cristã, numa carta a Hiérocles admite que Apolônio era um homem sábio e virtuoso, mas argumenta que não havia provas suficientes dos milagres que operava e, se porventura esses milagres fossem verdadeiros, não poderiam ser obra senão do demónio.

Jerónimo relata uma grande narrativa sobre uma competição de milagres entre Apolónio e São João, em que descreve exaustivamente a derrota de Apolónio. A partir de então a Igreja, salvo algumas exceções, passou a associar a imagem de Apolónio a um anticristo pagão. A partir desse momento, Apolónio de Tiana tinha de ser esquecido, destruído, pois na nova crença que emergia no panorama religioso da época, não era compatível coexistirem dois líderes espirituais similares. Como podem coexistir dois salvadores? (MEAD; AMARANTE; ABALADA, 2013, p.45).

Esses conflitos certamente aconteceram devido ao crescimento do cristianismo em número de adeptos e os filósofos e governadores greco-romanos que queria manter suas crenças e práticas espirituais politeístas. Com a destruição de muitos textos filosóficos, principalmente os da biblioteca de Alexandria, essa discussão adormeceu por um longo período, mas, alguns textos sobreviveram, dentre estes, textos sobre Apolônio, principalmente sua biografia. Nos tempos atuais, esse debate veio a ressurgir.

> Não apenas na Antiguidade, mas também durante o século XIX, os estudiosos da VA apontaram as semelhanças entre os evangelhos canônicos e a obra de Filóstrato (PRIETO GOMEZ, 2017, p.37).

Os debates surgiram mais como uma tentativa de validar ou criticar os respectivos sistemas de crenças, conforme o cristianismo se expandia e se tornava mais influente no mundo greco-romano. Sabemos que Apolónio, taumaturgo e filósofo, assemelhava-se demasiadamente

a Jesus, através de sua biografia. Este fato deve ter influenciado a Igreja cristã a tentar esconder do público a sua existência e a considerá-lo, séculos mais tarde um "instrumento de Satanás".

> Este livro é temido pela Igreja, pois nele não consta qualquer tipo de referência sobre Jesus e o Cristianismo, apresentando Apolónio de Tiana como o grande mestre do I século, reverenciado em todo o Império Romano por todos, desde o Imperador até ao povo (MEAD; AMARANTE; ABALADA, 2013, p.46).

Até o fim do século II os ensinamentos de Apolónio foram reverenciados por povos de lugares por onde teria viajado. Mas, no século III a situação alterou-se sobremaneira, pois alguns cristãos, preocupados que estavam em propagar os seus dogmas, tentaram por todos os meios diminuir a imagem do filósofo. E conseguiram-no, já que os seus ensinamentos e os prodígios que operava passaram a ser vistos como oponentes aos de Jesus e, assim, abriram-se as hostilidades, lideradas pela Igreja, para desacreditar Apolónio: seus escritos foram queimados e, logo que o cristianismo passou a ser a religião oficial do Império Romano, foram considerados heréticos (incluindo nesta categoria as escolas gnósticas) todos os que se opunham à Igreja nascente. Daí que sejam escassos os documentos que sobreviveram até aos dias de hoje. Com o domínio da Igreja, que ainda hoje se faz sentir, tentaram-se eliminar quaisquer provas ou mesmo vestígios da existência de Apolónio; não obstante, a sua reputação manteve-se ao longo dos séculos, inclusivamente entre os árabes, que o consideravam um mestre em alquimia.

Logo que a Igreja se estabeleceu como poder temporal no Império Romano, viu em Apolónio o grande rival de Jesus e, como tal, tudo fez para destruir a sua imagem e o seu trabalho junto aos povos. Daí que a circulação de biografias sobre Apolónio de Tiana tivesse sido evitada.

Nos dias atuais, as religiões e grupos esotéricos e ordens iniciáticas, são as que preservam e contam um pouco das memórias de Apolônio de Tiana, pois elas entendem, de acordo com as narrativas de Filóstrato, se tratar de um grande iniciado e procuram propagar seus ensinamentos como um caminho para a iluminação. São instituições organizadas, não menos importantes, porém, com menor expressão que a instituição católica, que como foi dito, tem um grande poder literal e espiritual no mundo ocidental.

A presente pesquisa é classificada como descritiva, com levantamento de dados sobre o personagem e sem interferência do pesquisador, apenas análise e registro do fenômeno. O procedimento utilizado é a uma pesquisa bibliográfica, consultando especificamente livros, teses, dissertações, artigos científicos, revistas e internet.

A pesquisa não colocará lado a lado os evengelhos e as narrativas da VA, mas, ao citar o Apolônio de Filóstrato, é inevitável para o leitor que, conhecendo os evangelhos, não perceba tal semelhança entre as duas narrativas ao ponto de fazer questionamentos importantes, como: o por quê, de o nome de Jesus ter sido muito mais lembrado que o de Apolônio? A resposta para essa pergunta, poderia ser mais eficaz se não fossem perdidos textos sobre Apolônio e se houvessem relatos históricos mais precisos da vida de Jesus de Nazaré. Deste modo, sobre a pesquisa, prevalecerá, sempre o que dizem as narrativas sobre as personagens.

Esta pesquisa tem como relevância científica no campo da história das religiões, uma vez que aborda temas e relatos da época da antiguidade tardia e, levanta dados sobre religião greco-romana tendo como arcabouço teórico a obra de Flávio Filóstrato "A Vida de Apolônio de Tiana" que se trata de uma biografia, mas, dentro desta, podemos encontrar elementos de outros gêneros como romance, hagiografia e aretologia. Tem relevância também no campo da filosofia, pois, nas narrativas sobre este, o mesmo é tratado como um filósofo. No que diz respeito a área de concentração Religião, Conhecimento e Linguagem, é de tamanha relevância ao abranger as religiões greco-romanas, conhecimentos não só filosóficos como religiosos e abrangente linguagem como todo o simbolismo da magia, taumaturgia e rituais iniciáticos e festividades religiosas.

A problemática da investigação se dá a partir de conceitos de categorias como, homens divinos, magia, renovador de mistérios, filosofia e religião cívica grega, num período decisivo na história da humanidade, devido as transformações sociais que se desenvolveram nele e que chegam até os dias atuais.

No que diz respeito aos autores, sabemos que Flávio Filóstrato foi um destacado sofista grego da ilha de Lemnos, parte do território ateniense. Foi próximo à corte dos imperadores da dinastia dos Severos, Septímio Severo e Caracala, e, possivelmente, chegou a viajar junto com o cortejo imperial, por manter boas relações com a imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio e mãe de Caracala, para quem, segundo Filóstrato, foi escrita a obra sobre a vida de Apolônio de Tiana. Entre o corpus documental produzido por Filóstrato, destacamos a obra Vidas dos Sofistas (VS), uma série de textos de caráter biográfico sobre sofistas e filósofos considerados sofistas. Para nós, Filóstrato via seu ambiente de uma perspectiva sofística. Afinal, ele foi um dos escritores a catalogar a existência e o universo destes indivíduos em VS, deixando transparecer, em seus demais textos, este universo e a afirmação da cultura grega, comum aos

membros da Segunda Sofística[2]. Isso demonstra a importância que os sofistas tinham para ele, levando-o a se preocupar em escrever e afirmar a história de sua categoria. A obra de Filóstrato, inclusive, é o documento mais antigo, que chegou até nós, a mencionar o termo Segunda Sofística (SILVA, 2014, p.109-110).

Dentre as obras escritas, a que interessa para esta pesquisa é A Vida de Apolônio de Tiana. A VA, escrita provavelmente durante as três primeiras décadas do século III d.C., é um texto controverso em termos de gênero literário, historicidade dos relatos sobre os feitos e sobre o próprio protagonista, intenções e inserção do autor na narrativa. Filóstrato é o narrador da obra, que tem um forte caráter apologético. Consideramos que a VA tem uma natureza biográfica, apresentando elementos fundamentais do gênero na Antiguidade, tais como um fundo histórico e a própria mistura de relatos da história de vida do personagem com elementos de ficção. Ademais, Filóstrato cita que escreve uma bios de Apolônio de Tiana (SILVA, 2014, p.110).

A VA se configura como um longo relato da vida de Apolônio e está dividida em oito livros. Filóstrato transformou o tianeu, com fama de praticante de magia, na forma negativa que estas práticas podiam ter na época do Império Romano, em um sábio filósofo pitagórico (SILVA, 2014, p.108).

Um segundo autor que embasa essa pesquisa é Bart Denton Ehrman, nascido em 5 de outubro 1955 na cidade de Lawrence no estado do Kansas nos Estados Unidos da América. Ehrman é um estudioso da Bíblia estadunidense com foco em crítica textual do Novo Testamento, o Jesus histórico e a origem e desenvolvimento dos primórdios do cristianismo. Ele escreveu e editou 30 livros, incluindo três acadêmicos. Ele também é o autor de seis best sellers do New York Times.

Na coleta de dados a obra que interessou para a pesquisa foi Como Jesus se tornou Deus, uma obra dividida em 9 capítulos e um epílogo, onde o autor tenta explicar como um pregador judeu da classe baixa dos cafundós da Galileia rural que foi condenado por atividades ilegais e crucificado por crimes contra o Estado. Todavia, não muito depois de sua morte, seus seguidores proclamavam que ele era um ser divino. Por fim, foram ainda mais longe, declarando que ele não era outro senão Deus, Senhor do céu e da terra. E daí a pergunta: como um camponês

[2] Segundo (SILVA, 2016) em seu artigo: A SEGUNDA SOFÍSTICA de FILÓSTRATO: IDENTIDADE GREGA, PAIDEIA E IMPÉRIO ROMANO, a segunda sofística refere-se a uma estratégia de afirmação e de criação da identificação dos sofistas perante o poder e a política administrativa do Império Romano e não um movimento literário. Porém, ela destaca que alguns autores consideram um movimento literário e outros consideram os dois: tanto um movimento literário, como um fenômeno identitário.

crucificado passou a ser visto como o Senhor que criou todas as coisas? Como Jesus se tornou Deus? Esse livro mostra todo um contexto político, de relação de poder entre padres e depois com a ajuda do estado, para que tal fato pudesse acontecer.

Outra obra a ser trabalhada nesta dissertação é a tese de doutorado de Gabriele Cornelli, escrita em 2001 na Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, no doutorado da Universidade Metodista de São Paulo, intitulada "*Sabios, Filósofos, Profetas ou Magos? Equivocidade na recepção nas figuras de homens divinos na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré*". Esta tese estuda comparativamente a recepção da magia de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré em suas respectivas literaturas.

Nesta pesquisa cita-se também obras de Tese de Doutorado e artigos de Semíramis Corsi Silva, Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. É doutora, mestre e graduada em História pela UNESP/Franca.

Outros autores que desenvolveram obras baseadas na VA de Filóstrato bem citados nessa pesquisa são George Robert Stowe Mead, escritor, editor, esoterista e influente membro da sociedade teosófica; Eduardo Amarante, se formou em direito, filosofia e antropologia religiosa e Dulce L. Abalada, que desde cedo dedicou-se aos estudos da teosofia e da filosofia oriental. Além de outras obras secundárias.

Na VA, há criações intencionais do autor que chegam a acentuar o que poderia se caracterizar como uma ficção: como a possível invenção das viagens de Apolônio para regiões fora da Grécia e do Oriente grego. Elsner[3] (apud SILVA, 2017, p.480) exclui totalmente a possibilidade de as viagens terem acontecido, dizendo que as mesmas eram um topos retórico da Segunda Sofistica, pois correspondiam aos lugares canônicos da retórica geográfica da época: Índia, Babilônia, Ásia Menor, Atenas, Esparta, Roma, Gades, Líbia e Egito. Maria Dzielska (1986) considera que o Apolônio histórico realizou suas atividades apenas em poucas cidades da Ásia Menor, especialmente em Éfeso, Egeia, Tiana e Antioquia. Para esta historiadora, Apolônio jamais esteve na Índia, na região da Pérsia ou na Bética, e ele não era conhecido a partir de uma perspectiva de todo o Império. Para nós, possivelmente, nem todas as viagens de Apolônio foram invenções filostratianas, até mesmo porque elas eram relatadas

[3] John Richard " Jaś " Elsner FBA (nascido em 19 de dezembro de 1962) é um historiador de arte e classicista britânico , que é professor de Arte Antiga Tardia na Faculdade de Clássicos da Universidade de Oxford (desde 2014). Obra citada em (Silva, 2017): ELSNER, Jas'. Hagiographic geographic: travel and allegory in the Life of Apollonius of Tyana. Journal of Hellenic Studies, n. 117, p. 22-37, 1997.

nas cartas consideradas pela tradição como de autoria do próprio Apolônio; ou seja, faziam parte de uma tradição paralela à obra de Filóstrato.

> Concordamos com a possibilidade da real existência de Apolônio como viajante, mas acreditamos que parte considerável das viagens eram criações de Filóstrato, conforme seus interesses em mostrar a importância de determinadas regiões do Império Romano (SILVA, 2014, p.110-111).

As memórias de Apolônio, dizem-nos, foram escritas por seu discípulo Damis, que o acompanhou em suas viagens. As memórias originais não mais existem. Ficaram, de maneira suspeita, esquecidas desde o primeiro até o terceiro século, muito embora Apolônio tivesse relações próximas com os imperadores Nero e Domiciano e houvesse ocupado cargos importantes. Alguns literatos afirmam que Damis não deixou quaisquer memórias e que Filostratos apenas inventou um romance religioso e ingênuo para afastar o tédio de Julia Domma. Outros admitem a existência do argumento original, achando, porém, que ele foi adornado por Filostratos para se constituir em "um revide pagão ao Novo Testamento" (FINGER, 2013, p.48).

Como em um dos capítulos será mencionada a religião cristã, também há controvérsias sobre a existência do personagem Jesus de Nazaré – de que pode não ter existido e seus relatos serem apenas narrativas fictícias como mencionam (MEAD, AMARANTE e ABALADA, 2013, p.37). "O que se sabe das fontes é que Jesus de Nazaré teria nascido numa época em que Roma dominava a Palestina e Augusto era o Imperador. O que as mesmas fontes referem também não fazem luz sobre a existência de Jesus".

MEAD, AMARANTE e ABALADA (2013, p.49), destacam uma pesquisa feita por Taylor em Diegesis, nomeadamente em 1829, nos tempos mais recentes, e escrevem o seguinte:

> Investigámos todos os documentos que reclamassem uma investigação mais atenta e que a história tivesse preservado das mudanças ocorridas no primeiro século, e nem uma passagem, por mais simples que fosse (mesmo que esta tivesse sido escrita em qualquer um dos anos dos primeiros séculos), foi produzida no sentido de mostrar a existência de um homem Jesus Cristo ou de um grupo de homens que pudesse assemelhar-se aos seus discípulos.

A conclusão que se pode chegar sobre as hipóteses, diz respeito à questão histórica dos personagens. Não se sabe da vida histórica deles. O que temos são narrativas dos seus seguidores: um, pós evangelho, o outro, pós biografia narrada por Filostrato. Porém era uma época em que a figura do homem divino era sempre esperada como conduta do homem perfeito, do homem que mais próximo de Deus pode chegar. Assim evangelistas e biografo, tentaram

cada um a seu modo, através de narrativas e espelhando-se em suas culturas, levar a mensagem da melhor forma de conduta moral, de comportamento e respeito aos deuses ou ao Deus de cada um, com a finalidade de convergência social, que afinal, é uma função da religião, e estabelecimento de poder institucional, seja ele do estado ou instituição religiosa. É sabido também, que esse *modus operandi* de homem divino, já fazia parte do imaginário popular que se manifestava latentemente no cotidiano e que foi captado pelos escribas, tanto os do evangelho, quanto o da biografia. Desta forma, sabendo que, talvez nem tenham existido, a pesquisa se desenha pelas narrativas do arquétipo do homem divino que se figurava em cada cultura na antiguidade tardia.

Fazendo algumas pequenas e inevitáveis comparações, neste e no outro parágrafo, Mesmo sabendo que o imaginário popular ocidental já abraçou de forma concisa as narrativas sobre Jesus de Nazaré, é mister, para a saúde das Ciências da Religião, pesquisar sobre personagens que viveram na mesma época e que tinham em si, o mesmo conceito de homem divino (*theios anér*), para uma melhor compreensão de como aquele tempo, para o ocidente, foi crucial, tanto para o mundo pagão, que se abasteceu de Apolônio, quanto para o mundo cristão de cariz católico que cessou e não admitiu mais nenhum, além de Jesus, que tivesse nascido com poderes divinos, afim de promover milagres e o tornado filho de Deus encarnado.

Nas narrativas sobre Apolônio, afirma-se que o mesmo teve interesse sobre astrologia, interpretação de sonhos e adivinhação, além da taumaturgia. Coisa que não aparece nos evangelhos sinóticos sobre Jesus, sendo esse mais ligado a taumaturgia. CORNELLI (2001, p.185) diz que Jesus e Apolônio são magos, portanto, as duas figuras não podem ser compreendidas fora de suas atividades mágicas que contribuíram para a grande difusão da magia no mundo mediterrâneo do século I, tão significativo ao ponto de Gerd Theissen referir-se a ele como transbordamento do Oriente Médio. E, exatamente na magia, os dois parecem aproximar-se de maneira mais decisiva e, em certos casos, até surpreendente.

Capítulo 1 - Gênero literário da obra A Vida de Apolônio de Tiana (VA)

Mesmo com a invasão do Império Romano no mundo grego, havia uma grande admiração do império em relação à cultura grega. Os romanos assumiram os deuses gregos, sincretizados com nomes romanos e admiraram toda filosofia, arte, arquitetura e literatura gregas. Nesse contexto literário, Filóstrato escreveu algumas obras como: Vida dos Sofistas (VS), onde biografa a vida de vários sofistas e A vida de Apolônio de Tiana (VA). Como um sofista, nesta época, criou o que se pode chamar, a "segunda sofística". Sobre a VA, existem várias discussões sobre o seu gênero literário.

Após discorrer sobre vários assuntos, Gabriele Cornelli, em sua tese de doutorado, faz um apanhado da VA colocando a obra como uma mistura de romance e biografia.

> ...aqui a biografia, é já romance, e a trama tem seu ápice. Depois disso, de fato, ao Apolônio de Filóstrato, só resta morrer. (CORNELLI, 2001, p.61).

Segundo Semíramis Corsi Silva, em sua tese de doutorado, apresentada na UNESP – Campus Franca, existem algumas discussões sobre o gênero literário dessa obra, passando por romance, hagiografia, aretologia e biografia. Porém concluindo o capítulo que fala sobre esse assunto, ela cita:

> Consideramos que a VA possui uma natureza biográfica, apresentando elementos fundamentais das biografias antigas, como um fundo histórico e a própria mistura de relatos da história de vida do personagem com elementos de ficção. No entanto, há criações intencionais do autor que chegam a acentuar o que pode se caracterizar a ficção própria das biografias, como a possível invenção das viagens de Apolônio para regiões fora da Grécia e do Oriente imperial. Assim, vemos mesclar nessa obra elementos variados que mostram aspectos próprios dos estilos literários de Filóstrato, caracterizados em outras obras de sua autoria, como o biográfico na VS e o romance no Heroicos. Além disso, ela prenuncia elementos hagiográficos e traz, certamente, as intenções, as seleções, o universo cultural e os aspectos ideológicos de seu biógrafo, projetados em características de seu biografado. Portanto, acreditamos que podemos chamar a VA de biografia, mas devemos estar atentos ao hibridismo como característica de seu gênero literário (SILVA, 2014, p.102).

Alguns autores convergiram, como também divergiram sobre esse assunto, cada um lançando sobre suas bases de conhecimentos, o que poderia ser de verdade esse gênero.

Semíramis, para chegar à sua conclusão sobre o gênero da VA, esboça alguns autores que discutiram sobre esse tema:

> Uma primeira opinião sobre o gênero da obra defende a historicidade das informações trazidas na VA. Nesse sentido, o texto filostratiano seria uma biografia-histórica. Entre os autores que compartilham essa opinião, o trabalho mais conhecido é o de Fulvio Grosso, La Vita di Apollonio di Tiana come fonte storica (1954), que acredita na semelhança entre o retrato do Apolônio de Filóstrato e a realidade histórica desse personagem.
>
> Uma segunda opinião critica a historicidade do texto de Filóstrato, considerando o caráter extremamente ficcional e imaginativo do autor. Partilhando essa opinião temos como principal estudioso Bowie, importante intelectual inglês estudioso da Segunda Sofística, que desenvolve a tese em questão no texto Apollonius of Tyana: Tradition and Reality (1978).
>
> Já uma terceira opinião é a dos estudiosos que acreditam nos aumentos de Filóstrato, porém, construídos sobre um fundo de realidade do Apolônio histórico, ficando a VA entre a história, a biografia, a ficção, e prenunciando aspectos hagiográficos para alguns, como Marc Van Uytfanghe, em La vie d'Apollonius de Tyane et le discours hagiographique (2009) (SILVA, 2014, p.84-85).

Dos Santos, em sua dissertação de mestrado, trata a obra como biografia com elementos de outros generos literários inseridos no texto.

> ao longo da biografia encontramos não apenas elementos próprios do romance (a constante itinerância do sábio, acontecimentos dramáticos, o processo de Apolónio, a aretologia e as variadas descrições das personagens), como também formas literárias comuns no século III: o discurso perante o público (dialexis), a declamação (melete), a descrição (ekphrasis), a comparação (synkrisis) e as características próprias da noção de paideia, nomeadamente as referências a Homero e à História da Grécia e aos seus heróis, filósofos e figuras mitológicas (DOS SANTOS, 2023, p.23).

1.1. Gênero Romance

Com as grandes conquistas de Alexandre, as pólis gregas foram enfraquecidas e as fronteiras foram abertas e a segurança que era dada pelo estado já não se fazia mais tão presente, assim o homem grego se viu mais individualizado e passou a enfrentar desafios diários na vida. Com a chegada do Imperio Romano, isso se tornou mais enfático. Essa nova forma de viver, deu inspiração a um novo gênero literário, chamado romance, onde se fazia uma jornada de um herói ou heroina, que tinha um objetivo bem traçado, geralmente amoroso, e que depois de enfrentar diversas dificuldades e aventuras, encontrava o seu amor de forma a viverem felizes para sempre. Essa jornada também tinha um viés religioso, a respeito de que, geralmente esse herói ou heroina clamava por seu Deus que lhe desse resistência, sabedoria e coragem para enfrentar os obstáculos previstos e imprevistos.

O gênero romance "para estas contribuía a própria essência do novo padrão: histórias de ficção em prosa, de tema ligeiro e sentimental, organizadas num esquema estrutural flexível e expressas em linguagem despretensiosa; ou seja, a narrativa de ficção, sempre expressa em verso na literatura helénica, avançava agora pelos modelos da prosa, em geral reservada ao texto de caraterísticas mais técnicas (historiografia e filosofia) ou científicas" (SILVA, 2017, p.9).

O DICIO, Dicionário Online de Português, conceitua romance na literatura como uma narrativa em prosa relativamente longa em que fatos ficcionais são descritos (embora estruturados com verossimilhança), normalmente se pautam em histórias reais, tendo como foco relatar aventuras, costumes ou tipos psicológicos, críticas sociais, econômicas, culturais etc.[4]

No século III, a prosa, principalmente em obras de romances e obras filosóficas, era um dos gêneros literários mais usados na Grécia.

Algumas características que permeavam os romances na antiguidade tardia, era uma boa trama de separação para um posterior reencontro, tratando sobre casais. Eles passavam por diversos percauços até atingir cada um seus objetivos.

> Convencionalmente a narrativa romanesca centra-se nas aventuras de um par, dominado pelo amor, dado a sentimentos frágeis e a emoções exacerbadas, que procura, entre os tormentos ameaçadores de uma viagem, o caminho do regresso, do reencontro e da felicidade. Perseguidos pelos caprichos da Sorte, os jovens heróis, quando separados, encontram a mais firme razão de resistência na fidelidade mútua. Uma mão benfazeja,

[4] https://www.dicio.com.br/romance/ - consultado em 21/04/2025

> estendida por algum deus protetor, lhes assegurará uma ventura eterna e ao público o gozo de um final feliz (SILVA, 2017, p.10).

A VA reune vários pontos de uma obra romancista nas características relacionadas acima, onde o personagem Apolônio passa por diversas dificuldades iniciáticas, faz varias viagens, tudo em busca do seu objetivo, porém aqui, um objetivo filosófico e não amoroso. Além de o personagem ser uma figura simples e com virtudes inatas.

A VA além de tratar questões filosóficas, ela desenvolve longas narrativas, unidas em oito livros, conta os feitos extraordinários de um personagem heróico, fala sobre elementos sobrenaturais com intervenções de deuses e relata as várias regiões onde todas as aventuras do tianeu ocorreram.

> Durante a era imperial, houve um renascimento literário, onde a prosa se destacou acima de qualquer outro gênero literário. É especialmente a retórica que experimentará uma grande renovação neste período, que ficou conhecido como Segunda Sofística. A filiação de Filóstrato ao movimento da Segunda Sofística deixará sua marca na VA (PRIETO GOMEZ, 2017, p.5).

A obra de Filóstrato converge com os conceitos apresentados acima, uma vez que há coerência e existe ligação harmoniosa entre os fatos e as ideias daquela época, ainda que os elementos imaginários e fantásticos sejam determinantes no texto. A obra ainda reúne elementos de ficção, bem como trata de um personagem que evolui ao longo das narrativas.

Como elemento fantasioso, a VA relata diversos pontos - um deles é como se fosse um tele-transporte feito por Apolônio; porém, essa narrativa deve ser compreendida de acordo com os elementos hagiográficos da antiguidade tardia.

> Com discursos desse tipo ele reuniu Esmirna. Mas quando a peste atingiu os efésios e nada foi eficaz contra ela, eles enviaram uma delegação a Apolônio, fazendo dele o médico da doença. E ele pensou que não deveria adiar a viagem, mas que ao simplesmente dizer vamos, ele estaria em Éfeso fazendo, eu acredito, a mesma coisa que Pitágoras: estando em Túrio e Metaponto ao mesmo tempo. Então, depois de reunir os efésios, disse-lhes: - Animem-se, pois, a peste acabará hoje. (VA, IV, 10).

Uma das características de uma obra romancista, é que sempre há um protagonista, personagens secundários relevantes e figuras antagonistas. Que é o caso da obra de Flávio Filóstrato, que nas suas narrativas, temos um personagem heroico pela sua determinação e dedicação dos seus objetivos de vida, principalmente nos ensinamentos pitagóricos e religião cívica grega; Temos personagens antagonistas que são interpretados nas narrativas pelos imperadores tiranos que queriam condenar o personagem principal, no caso, Apolônio de Tiana

e; Personagem secundário relevante com é o caso do disciplo Damis, que segundo as narrativas de Filóstrato, acompanhou Apolônio em sua jornada e escreveu sobre o mesmo e personagens figurativos que fizeram provar a sabedoria do personagem principal, principalmente, segundo as narrativas, as ações miraculosas e tudo isso somados com introdução, seu nascimento; Desevolvimento, vida e obras; Climax, suas dificuldades e; Desfecho, sua morte.

Algumas obras focadas nesse desfecho de romance segundo (SILVA, 2017, p.12) são: a Odisseia, Eurípides e a comédia nova.

1.2. Gênero Hagiografia

Hagiografia é um gênero literário, através do qual o autor biografa a vida de figuras sagradas. No cristianismo católico, trata-se de biografia de santos ou santas e seus feitos, enfatizando o seu papel na fé. Como figuras sagradas pode-se exemplicar deuses como Asclépio, Isis. Os profetas, como Jesus, Apolônio, etc. Este gênero, apesar de narrar a vida de personagens divinos, ele também transmite ensinamentos religiosos e deixa seus fieis inspirados em devoção.

Prieto Gomez, fala sobre os hinos que eram cantados em prol dos deuses, fazendo propagandas e levando a público seus milagres contagiando os fieis.

> Hagiografia surge de hinos culturais que enumeram os feitos de uma divindade específica. Esses hinos, divulgados pelos sacerdotes do templo, narravam os milagres –aretai- de um deus com o objetivo de glorificá-lo e edificar seus fiéis (…) Em alguns cultos de mistério, como o de Asclépio ou o culto de Serápis e Ísis, esses hinos aretológicos eram usados como propaganda e recitados publicamente. Na sensibilidade greco-romana do início da nossa era, aqueles que demonstravam qualidades consideradas extraordinárias pela sociedade eram considerados divinos, e seus feitos eram louvados da mesma forma que aqueles realizados pelos deuses. Por essa razão, como as biografias no Mundo Antigo tendiam a ser feitas de pessoas que eram pelo menos socialmente relevantes, elas eram embelezadas com exageros ou histórias de natureza hagiográfica (PRIETO GOMEZ, 2017, p.8).

No catolicismo, temos a obra de Santo Atanásio, “A Vida”, que se trata de uma biografia da vida de Santo Antão e teve questionada a veracidade dos fatos, assim como aconteceu com a VA, porém a escrita pode ter sido baseada nas biografias antigas, principalmente no aspecto de um homem que passou por diversas dificuldades em sua caminhada, mas que com um grande heroísmo alcançou o objeyivo final, neste caso a santidade, e passou a ser um exemplo a ser seguido pelos seus seguidores, como foi o caso dos monges do deserto.

> Atualmente já ninguém discute que tenha sido efetivamente Santo Atanásio o autor da "Vida". O que se discute entre os entendidos é, sim, o caráter dessa biografia, isto é, qual o seu gênero literário, a veracidade histórica de seu conteúdo, o próprio pensamento de Santo Antão. Parece haver acordo em aceitar que o substancial dos dados contidos na "Vida" corresponde ajustadamente à verdade histórica, Santo Antão, não é, pois, uma figura mítica, pura criação de Santo Atanásio, como tampouco o são as diversas circunstâncias e etapas de sua vida. No entanto, deve-se conceder que os diversos episódios, separadamente considerados, não têm todos a mesma qualidade (ATANASIO, 2000, p.4).

Nas narrativas de Filóstrato, sobre a vida de Apolônio de Tiana, pode-se ver vários ensinamentos religiosos, várias narrativas sobre milagres e prodígios. Apresentam Apolônio como um homem sábio e que defende a cultura grega no que tange a filosofia, especificamente a pitagórica, fala sobre seu nascimento, vocação, desafios e virtudes morais, que levam o tianeu a ser considerado homem divino e que coloca a obra no contexto deste gênero literário.

O Apolônio de Filóstrato, passou por diversos desafios. Foi julgado pelos seus feitos que muitas vezes foram considerados charlatanismo e feitiçaria, fazendo ele sua própria defesa e saindo ileso sem condenações. Dentre as virtudes morais, pode-se citar algumas reformas de cultos, onde Apolônio condena sacrifícios de animais e ao presenciar um, no templo de Asclépio, dirigiu-se ao sacerdote, o ensinando que esses cultos deveriam ser extintos e que apenas aos homens caberiam fazer a seguinte oração: “deuses, conceda-me apenas o que me é devido” (VA, I, 11). Todas essas coisas fazem dele um exemplo a ser seguido.

1.3. Aretologia

O dicionário online Michaelis, conceitua aretologia como parte da filosofia que se ocupa da virtude e da perfeição moral.[5] De acordo com (CORNELLI, 2001, p.77) o termo aretologia nasce no interior do culto a Isis. Os devotos à deusa fazem aretologias para contar as virtudes (aretai) dela, isto é, os favores que ela realizou para os seus, incluindo principalmente as curas milagrosas.

[5] https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/aretologia consultado em 21/04/2025

A palavra aretologia vem do grego, areté (virtude, excelência, poder inerente) e logia se refere a (estudo, discurso, tratado). Desta forma o significado de aretologia é discurso sobre as virtudes.

O termo está muito ligado ao cumprimento da função a que o indivíduo se destina, como também a coragem de enfrentar as adversidades. Isso, na Grécia antiga significava virtude moral. Geralmente os devotos cantavam hinos nos cultos relatando os vários milagres que o deus, deusa ou homem divino realizava. Isso gerava um adjetivo de poder ao devotado.

No que tange ao homem divino, para as práticas dos milagres, e isso não ser considerado um ato de charlatanismo, o mesmo devia sempre considerar o seu lugar de fala, seu argumento de autoridade e conquistar o seu poder diante dos outros e suas práticas serem aceitas na sociedade a qual pertencia. Sendo assim, o mesmo devia sempre frisar pela convergência entre falar e agir de forma harmoniosa, ou seja, se ele fazia abstinência por alimentos de origem animal, jamais podia ser visto comendo carne. Isso serve para outros aspectos e é uma questão de virtude e moral.

A aretologia é um gênero literário que cataloga ou narra os feitos, os atos virtuosos e poderosos de um santo ou homem sábio e divino. Na biografia de Santo Antão, também está inserida este gênero literário quando conta sua luta contra demônios, quando cura doenças e sua resistência nos percalços da vida.

Apesar de que alguns autores consideraram Apolônio um charlatão, na VA de Filóstrato, o gênero aretologia se faz presente de modo muito forte. Filóstrato queria sanar essa questão, trazendo para seu biografado, a condição de virtude e moralidade ilibada. De fato, ele narra as virtudes, sabedoria e ações milagrosas feitas por Apolônio e converge toda sua virtude e moralidade em seus atos de acordo com suas falas. Muitos exemplos podem ser citados como: a oposição aos cultos com sacrifício de animais; sua alimentação vegetariana e os próprios milagres como ressuscitar uma menina que após casar-se, veio a falecer.

> De fato, a discussão já desenvolvida sobre o gênero literário hibrido da VA parece aproximar a obra a um modelo de aretologia entendida simplesmente como narração de obras milagrosas atribuídas a um homem divino (CORNELLI, 2001, p.85).

Alguns relatos aretológicos sobre a Vida de Apolônio de Tiana:

- A praga de Éfeso VA(IV, 10);
- Libertação de um possuído VA(IV,20) e;
- Reanimação ou ressuscitação de uma jovem VA(IV,45).

1.4. Gênero Biografia

Uma biografia, é uma narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem.

Algumas características que devem ser consideradas para que a obra VA de Filóstrato seja considerada uma biografia, são as fontes documentais. O mesmo disse ter relatado os fatos da vida de Apolônio através de diferentes fontes, tais como: livro de memoria de Damis, disciplulo de Apolônio, (apesar de que, muitos autores consideram Damis, uma invenção do próprio Filóstrato para dar credibilidade à obra); as cartas escritas pelo próprio Apolônio e relatos dos povos das cidades por onde Aplônio passou, como menciona CORNELLI (2001, p.55). Outro dado é a existência do próprio Apolônio que veio ao mundo no século I, d.C. conforme relatado por fontes históricas greco-romanas. Assim a obra narra sua vida desde o nascimento até a sua morte, com detalhes sobre suas viagens, seus milagres e ensinamentos.

Ao construir a biografia sobre Apolônio de Tiana e para evidenciar a cultura grega na época, algo um tanto fragilizada devido a invasão romana, Filóstrato colocou a figura do herói em questão, atacando os diversos pontos onde a cultura grega era mais forte em outros tempos. Alem de cruzar elementos hitóricos e ficcionais, desenvolveu a obra como um romance onde o herói, mesmo com as dificuldades impostas (prisões, condenações, ...), atingiu seu objetivo final (a sabedoria e o conhecimento de si mesmo). Para a busca de conhecimentos filosóficos, destacou as viagens, algumas até de forma sobrenatural e trabalha a questão política e religiosa uma vez que destaca as reformas de cultos e o trabalho com a taumaturgia realizando milagres, inserindo na obra outros dois gêneros, como a hagiografia e a aretologia.

Dos Santos destaca que Filóstrato também adentrou nos mitos, assunto muito forte na Grecia antiga:

> ...nelas vemos a indispensabilidade de um sábio capaz de corrigir problemas diversos, a divindade do herói e a extensão do seu conhecimento sobrenatural. Também observamos nas viagens o trabalho mitológico que Filóstrato faz de Apolónio ao relacioná-lo com as figuras de Proteu e Ulisses (DOS SANTOS, 2023, p.2).

Fazendo correlação, pode-se citar uma outra obra clássica biográfica, a obra de Porfirio de Tiro, chamada “A Vida de Plotino”, onde mostra a vida de Plotino como um ensinamento e exemplo a ser seguido, também uma hagiografia, não no sentido cristão de santo, mas, no sentido filosófico. É uma obra que diz respeito de como Plotino pensava e o seu modo de vida,

como, por exemplo: ele buscava a união com o Uno, acreditava na ascensão da alma, como mostra Junior.

> A elevação do sensível ao inteligível para nele vivermos e dele nos nutrinnos: "quem quer que tenha se tornado ao mesmo tempo contemplante e contemplado, ele mesmo de si mesmo e das outras coisas, tendo se tornado essência e intelecto e vivente completo, já não olha para ele [nous] a partir de fora- e tendo se tomado isso, está vizinho, e o seguinte é aquele [o bem], e ele já está próximo sobrerraiando sobre todo o inteligíver' 470. A purificação e o estado de pureza por si sós não são a verdadeira virtude superior, que consiste propriamente em algo ulterior e positivo; à purificação segue-se a conversão, e à conversão, a união da alma com o intelecto. Essa união é já a virtude superior perfeita: ela é uma visão e uma iluminação da alma graças à reminiscência pela qual se atualizam as impressões dos inteligíveis, que jaziam dormentes e ocultos na alma. Enfim, fugimos do sensível para o inteligível entrando em nós mesmos para nos elevarmos (JUNIOR, 2006, p.151).

Junior cita um trecho em sua tese que corrobora com a jornada da alma, fazendo alusão ao Nuctemeron de Apolônio de Tiana, onde Plotino parece desprezar o corpo.

> O segundo passo é vencido quando efetivamente nos purificamos, isto é, quando nos submetemos a um processo drástico de purificação que nos separa do apego ao corpo de tal modo que não mais compartamos com ele as opiniões nem as afecções (prazeres, dores, iras e apetites), evitando, com isso, todos os tipos de erros. Esse processo é obra das virtudes purificativas .. Que ainda não são, contudo, as virtudes superiores propriamente ditas, haja vista que o estado de pureza resultante do processo purificativo é algo negativo: consiste na remoção do alheio, de tudo aquilo que está em nós mas que não nos pertence essencialmente (JUNIOR, 2006, p.151).

Diante de diversas divergências e convergências entre autores sobre esse genero literário, chega-se à conslusão de que se trata de um gênero literário biografia-histórica:

> Uma primeira opinião sobre o gênero da obra defende a historicidade das informações trazidas na VA. Nesse sentido, o texto filostratiano seria uma biografia-histórica. Entre os autores que compartilham essa opinião, o trabalho mais conhecido é o de Fulvio Grosso, La Vita di Apollonio di Tiana come fonte storica (1954), que acredita na semelhança entre o retrato do Apolônio de Filóstrato e a realidade histórica desse personagem (SILVA, 2014, p.84).

Em resumo, a obra de Flavio Filóstrato sobre A Vida de Apolônio e Tiana, trata-se de uma biografia, com elementos de romance grego, hagiografia e aretologia. Biografia, pois narra a vida de uma pessoa ou heroi como era na antiguidade tardia: com fins educativos e morais, onde o heroi era um modelo de conduta, um exemplo a ser seguido; Romance, pelo lado ficcional que a obra sucita no imaginário e alcance de seu objetivo filosófico; Hagiografia, pelos milagres relatados, os quais foram executados por Apolônio e; Aretologia, pelas virtudes do biografado e sua jornada como um herói alcançando seu objetivo.

Capítulo 2 - Apolônio de Tiana – a construção do personagem principal

2.1. Nascimento, primeiros passos e morte

Existe uma linguagem universal quando se trata dos mitos que narram feitos de heróis que viveram suas vidas em busca de uma moral ilibada, da iluminação ou da sabedoria plena para uma salvação ou chegar perto e até mesmo encontrar-se com seu Deus. Essa linguagem universal, "mitema[6]", está presente em diversos personagens, principalmente concernentes aos seus nascimentos que foram sempre envoltos em mistérios com visitas de anjos, deuses ou alguma profecia que pudesse diferenciar tais personagens dos cidadãos comuns e também de suas jornadas heroicas pela vida, onde enfrentavam obstáculos até o objetivo final, como menciona FINGER (2013, p.49): "Uma característica tradicional desse mito é que todos os avatares são ameaçados por um poder antagônico, o mundo de atrações e ilusões, centralizado na matéria. Esse poder está personificado, na história de Apolônio, nas figuras de Nero, Domiciano e pelo seu Judas, Eufrates".

Dentre alguns personagens além de Apolônio estão Jesus de Nazaré, Hércules, Siddhartha Gautama, entre outros. Sobre Apolônio Finger comenta:

> Se os elementos míticos de sua biografia igualam os mitos ligados a outros avatares ou mestres divinos e apóstolos, isto se deve a que todos têm origem comum nos Mistérios (FINGER, 2013, p.48).

Não se sabe exatamente a data de nascimento de Apolônio de Tiana. Alguns estudiosos narram que ele nasceu antes da era cristã. Conforme MEAD; AMARANTE e ABALADA (2013, p.22) "pensa-se que tenha nascido entre 2 a 3 anos a.C.". Outros indicam alguns anos depois do nascimento de Jesus. O que se sabe realmente é que ele nasceu em Tiana na Capadócia, hoje Turquia. Cornelli em sua tese relata que:

> Apolônio nasce na cidade de Tiana, na Capadócia, região na parte centro-oriental da Asia Menor, nos limites entre os mundos gregos e persa em meados de 40, início da era cristã. Anexada em 17 d.C. por Tibério, Tiana, cidade montanhosa do Tauro setentrional (não longe da atual Killisse Hissar), é conhecida desde o segundo milênio a.C. como uma cidade de certa importância (CORNELLI, 2001, p.93).

[6] O conceito de mitema foi dado por Claude Lévi-Strauss na obra "As Mitológicas". Ele utilizou diversos mitos indígenas para demonstrar que em todas as narrativas, existe uma linguagem universal.

SILVA (2014, p.108) abrange mais um pouco as informações. Apolônio de Tiana viveu, provavelmente, no século I d.C., no entanto, sua trajetória, e mesmo sua realidade, são permeadas por dúvidas. Esteve envolvido em diversas polêmicas, sendo comparado a Jesus Cristo, no século IV d.C., por Sosiano Hierócles, governador da Bitínia e perseguidor de cristãos ao lado de Diocleciano, que teria valorizado os atributos miraculosos de Apolônio contra Jesus Cristo, testemunho que, porém, não chegou até nossos dias.

Como Filostrato tentava fortificar a cultura grega através do seu personagem perante um cristianismo que se estabelecia cada vez mais, enalteceu Apolônio, colocando-o acima de Jesus, recebendo resposta em tom de crítica do presbítero Eusébio de Cesareia. Assim desde que a obra a vida de Apolônio de Tiana chegou às mãos da população, começaram os conflitos.

Apolônio teria nascido no seio de uma família nobre. Seus pais possuíam muitas riquezas, e após a morte deles, Apolônio doou sua parte para seu irmão. Quando ainda estava no ventre da sua mãe, conta a lenda que a mesma recebeu a visita de uma divindade e este anunciou que o filho que ela carregava não seria um cidadão comum, mas que nasceria um cidadão diferenciado de grande sabedoria. A lenda conta também que foi o espirito dessa deidade que encarnou no corpo de Apolônio e assim que ele nasceu, o céu anunciou com clarões de raios, assim sendo, ele já nasceu divino.

> Filóstrato, narra o nascimento de Apolônio como um momento envolto em presságios (VA, I, 5). Há, por exemplo, a menção de que ele seria a encarnação do deus Proteu, uma vez que esse deus teria aparecido à sua mãe enquanto estava grávida, predizendo o acontecimento, o que confirmaria a sabedoria divina de Apolônio (VA, I, 4). Além disso, a aparição de um bando de cisnes, momentos antes do seu nascimento, e a queda de um raio, no instante do parto, estariam associadas ao seu favorecimento divino (THOMAZELLA, 2018, p.12).

Em relação ao mitema no primeiro parágrafo, falando do nascimento de personagens heroicos, as comparações entre Apolônio e Jesus no século IV, foram inevitáveis, uma vez que o cristianismo estava em ascensão naquela época. As pequenas diferenças foram postas na mesa, conceitos de Deus entre as religiões foram estabelecidas e assim começaram os conflitos entre seus seguidores. Porém de acordo com os mitos, os céus os anunciaram. Referindo-se a Apolônio, Ehrman cita o seguinte trecho em sua obra:

> Antes de nascer, sua mãe recebeu um visitante dos céus que lhe disse que seu filho não seria um mero mortal, mas que de fato seria divino. Seu nascimento foi acompanhado por sinais divinos incomuns no céu (EHRMAN, 2014, cap. I).

Os pais de Apolônio o levaram para a cidade de Tarso afim de ter uma melhor educação e, continuando sua jornada mudou-se para centros maiores, onde decidiu seguir o caminho da filosofia, especificamente a pitagórica e suas doutrinas rígidas. Ele entendeu que assim alcançaria a retidão, a purificação e a iluminação.

> Filóstrato narra que Apolônio, aos quatorze anos, se mudou para Tarso a fim de ser educado por Eutidemo, que era um bom orador e originário da Fenícia. Mais tarde, se mudou para Egas, onde existia uma escola mais conceituada e um templo de Asclépio, no qual o deus aparecia para os homens. Foi também nesta cidade que Apolônio, aos dezesseis anos, sentiu um impulso e passou a se dedicar aos ensinamentos pitagóricos (VA, I, 7). A partir de então, Apolônio passou a seguir os preceitos de Pitágoras e foi morar no templo de Asclépio. Com isso, as pessoas que moravam nas redondezas do templo passaram a admirá-lo, e o próprio deus manifestou ao sacerdote do templo o seu contentamento por ter Apolônio como testemunha de suas curas. Consequentemente, a reputação de Apolônio aumentou ao ponto de os povos vizinhos, e até mesmo os mais distantes, irem até lá para vê-lo (VA, I, 8) e dele receber curas (VA, I, 9-10). (THOMAZELLA, 2018, p.73).

Sua morte se deu por volta de 96 ou 98 d.C. Muito se tem especulado à volta da sua presumível morte, em Éfeso ou em Creta; que teria subido aos céus; que apareceu a quem dele duvidava; que foi para um templo de Esculápio; e, por fim, há quem defenda que não tenha morrido TORRES (2021, p.236) relata uma passagem da (VA, VIII, 31) dizendo que a narrativa mais minuciosa sobre a morte de Apolônio, é aquela que o coloca nas proximidades do templo de Dictina[7], em hora inapropriada, onde teria sido confundido com um ladrão e aprisionado pelos guardas do templo. À meia-noite, o filósofo desfaz os próprios grilhões, e caminha para a porta do templo, que se abre miraculosamente para recebê-lo, ao som de um coral de cânticos angelicais. Mais tarde, aparecerá a um anônimo discípulo que se demonstrava um tanto cético para lhe confirmar a doutrina da imortalidade da alma.

[7] Dictina, é uma ninfa ou deusa de origem cretense, às vezes sincretizada com a deusa grega Ártemis.

2.2. Qualificações, características de Apolônio de Tiana

2.2.1. Itinerante

Apolônio tinha como característica ser um homem itinerante. Segundo a VA, fez muitas viagens levando suas mensagens e aprendendo com outros sábios, apesar de BECCARI (2017. p.126) relatar que Filóstrato deixa muito claro que seu protagonista mais ensinava do que era ensinado nessas visitas a lugares remotos. Como mencionado no corpo introdutório, as viagens aqui mencionadas não necessariamente fazem parte do Apolônio histórico, mas, sim, das narrativas de Filóstrato na VA e que contam de certa forma com a aprovação de seus admiradores. Então, Apolônio, baseado nas narrativas de Filóstrato, teria viajado para a Babilônia, onde esteve com os magos para aprender sobre magia, na Índia onde esteve com os brâmanes para aprender mais sobre filosofia e entender a sabedoria destes, Éfeso, Roma, Sicília, Atenas, Alexandria, Egito, Grécia entre outros lugares. Nesses lugares por onde passou, CORNELLI (2001, p.50) nos diz que proferiu discursos, fez cura e exorcismos, julgamentos, teve acolhidas triunfais, fugas, oráculos, orações nos lugares sagrados e intrigas políticas que acompanharam o andar desse homem divino.

Apolônio como itinerante fez viagens em busca de conhecimento sublime (Gnose), que, de certa forma, ele encontra em diversos países que visita. O conhecimento torna-se libertador, essa é a chave da Gnose, que resplandece em Apolônio. Apolônio encontra a libertação, transmite estes conhecimentos gnósticos para alguns iniciados e é contemplado por uma vida abundante de espiritualidade.

2.2.2. Homem divino

Vários pesquisadores se ativeram em estudar sobre homens divinos na antiguidade. Naquela época, eram comuns narrativas sobre “homens divinos” que nasceram de um Deus que se relacionou sexualmente com uma mortal, ou que nasceram de um Deus que simplesmente inseminou uma mortal sem relação sexual e homens considerados divinos por ter a alma de um Deus encarnado em seu corpo.

Ao categorizar a figura do homem divino, vários autores encontraram dificuldades neste processo, embora estas tenham sido dificuldades de natureza metodológica e não historiográfica. O que se sabe é que o surgimento do fenómeno do homem divino se desenvolveu nas sociedades mediterrânicas numa época de confluência entre o politeísmo, o judaísmo e o cristianismo

durante os primeiros quatro séculos da nossa era. Apesar de tudo, as lendas e tradições de Pitágoras, Apolónio, Alexandre ou Empédocles sugerem que o tipo mais comum e mais citado não é o herói filosófico, mas o filósofo milagroso, considerado divino pelos seus seguidores e pelo seu público, que não fazia distinção entre os poderes do sábio e do mago, embora, como já foi observado, *goetia*, *magia* ou *terateia* fossem, em cada caso, acusações contra o sábio por parte de seus oponentes. Assim, desde o final do século I d.C, o filósofo, fosse um pregador itinerante, um mágico-profeta ou um líder conhecido de uma escola filosófica específica (sábio, santo ou sofista), passou a ser considerado por seus admiradores e seguidores como um homem divino, a quem eles poderiam fazer pedidos extravagantes por suas habilidades e conhecimentos. (PRIETO GOMEZ, 2017, p.20;22).

Voltando-se mais para o lado natural, sobre homens divinos, Carmem Padilla diz que existem três grupos diferentes desses personagens. No primeiro, devemos incluir aqueles que se distinguem por alguma capacidade e atividade prodigiosa, como profetas, mágicos e milagreiros, fundadores de cidades e heróis de nascimento divino, como Hércules. O segundo grupo, o nome de *theîos anér* costuma ser aplicado àqueles homens que se destacaram por sua vida virtuosa e status de sábios, independentemente de qualquer atividade taumatúrgica. Já o terceiro grupo, eram aqueles que satisfaziam ambas as condições, isto é, conduta virtuosa e atividade taumatúrgica, eram chamados de *theíoi anér*. Nesta classe de homens encontram-se em sua maioria os seguidores de Pitágoras, todos pertencentes a tempos tardios. Apesar da discrepância entre os autores sobre o alcance do termo homem divino, é unânime a opinião de que seu protótipo é Apolônio de Tiana. (Padilla apud ALBY, 2015, p.234-236).

Como na VA Apolônio está inserido nos três grupos, pois foi taumaturgo, mago, sábio, reencarnação do deus Proteu, além de que sua família foi fundadora da cidade onde ele nasceu, percebe-se a total intensão de Filóstrato colocá-lo com o status de homem divino e não de charlatão e feiticeiro, como alguns pretenderam que o fosse. Já Alby, o coloca com o status de médico do saber técnico.

2.2.3. Taumaturgo

A palavra taumaturgia deriva de duas palavras gregas: *thauma*, prodígio (ou "milagres") + *theourgia*, ação divina. Assim, literalmente, podemos dizer que taumaturgia significa os prodígios ou milagres operados pela ação divina, ou melhor dito, o poder de fazer milagres com a ajuda dos deuses. Sob este prisma a taumaturgia, também chamada de medicina divina, é o estudo de um conjunto de técnicas que possibilitam a prática de um milagre.

A palavra milagre era uma terminologia não existente no I século, mas hoje é corrente ouvi-la no contexto religioso para definir algo maravilhoso, fantástico, algo extraordinário, ou seja, que está fora do domínio da nossa compreensão. Contudo, há milhares de anos tal atributo era visto como próprio dos sábios que realizavam ações inexplicáveis, faziam profecias, curas, ressuscitação de mortos, previsões. Apolónio era considerado um desses homens sábios, grande taumaturgo que tinha a capacidade de operar coisas maravilhosas, desafiando, aparentemente, as leis da natureza, manipulando seus elementos.

> ...para não incorrermos em erro, devemos fazer distinção entre os fatos da carreira externa de Apolônio de Tiana e os símbolos e alegorias relacionados à sua vida interior. Os mitos miraculosos da Antiguidade, impossíveis num sentido literal, simbolizam a experiência espiritual interior. Os estágios vitais da vida do mago correspondem às nossas próprias provas e triunfos na ascensão para a consciência universal.... Foram atribuídos a Apolônio poderes taumatúrgicos excepcionais, porém ele afirmava nada possuir além da magia natural da busca sincera e do esforço construtivo (FINGER, 2013, p.48;51).

Na Antiguidade, a separação entre as práticas mágicas e o exercício da filosofia era muito difusa, a tal ponto que, para o escritor romano Apuleio, era necessário que os filósofos conhecessem as práticas mágicas. Além disso, a prática da magia também estava associada à teurgia, arte de realizar curas extraordinárias graças às habilidades sobrenaturais e ao conhecimento do teurgo. Contudo, o fato de os filósofos estarem associados à prática de artes mágicas muitas vezes não significava algo positivo para eles, uma vez que a magia negra ou goética era punível por lei no Império Romano, por ser deixada de fora das práticas e rituais regulamentados pelos sacerdotes. Esta situação significava que, para desacreditar um certo filósofo, os seus críticos rapidamente o rotulariam como charlatão e praticante de magia negra (PRIETO GÓMEZ, 2017, p.15).

Na VA, Filóstrato relaciona trinta e quatro milagres atribuídos a Apolônio, o que na verdade era uma prática comum relacionada aos sábios daquela época.

PELÁEZ e PADILLA (2009) mapearam da obra A vida de Apolonio de Tiana de Filóstrato alguns milagres relacionados ao tianeo:

- A praga de Éfeso VA(IV, 10);
- Libertação de um possuído VA(IV,20);
- A empusa[8] de Corinto VA(IV,20);
- Reanimação ou ressuscitação de uma jovem VA(IV,45);
- Inocência dos condenados VA(V,24);
- Amasis reencarnou VA(V,42);
- O exílio homicida VA(VI,5);
- O demônio sátiro VA(VI,27);
- O tesouro encontrado VA(VI,39);
- Amante de Afrodite VA(VI,40);
- Terremotos calmos VA(VI,41);
- O jovem e o cachorro VA(VI,43);

2.2.4. Homem sábio, sofista

Na Grécia Antiga, os sábios eram considerados mestres independentes que buscavam melhorar os costumes da comunidade e ensinar outras pessoas. Eles eram itinerantes e destacavam-se por seus discursos em público, pois tinham grande habilidades na comunicação e proviam feitos maravilhosos, conheciam sobre as coisas dos céus (de Deus) e da natureza, como foi o caso de Apolônio. A esse respeito como homem sábio (MEAD, AMARANTE e ABALADA (2013, p.10) destacam:

> Se há filósofo que melhor espelhe a vivência da filosofia no dia-a-dia, como meio de chegar à Sabedoria, é Apolónio de Tiana. Não estamos a falar da filosofia como é estudada, ensinada e compreendida na atualidade. Estamos a falar da filosofia à maneira clássica, considerada a mãe de todas as ciências há mais de dois mil anos.

Na Grécia antiga, segundo o dicionário online Michaelis, sofista era um mestre da retórica e de filosofia encarregado de ensinar gramática, conhecimentos gerais e a arte da eloquência aos cidadãos gregos que pretendia entrar na vida política. Também, segundo o

8 Na mitologia grega, empusa é um dos espectros de Hécate, deusa dos caminhos. Acreditava-se que Hécate vagava à noite pela terra, acompanhada por seu séquito de espectros. Tinham garras afiadas, eram mistura de mulher, cabelos em chamas vivas, e tinham patas desproporcionais ao seu corpo, uma das patas de burro e a outra de bronze.

dicionário online Michaelis, é aquele que lança mão da habilidade retórica com o objetivo de defender argumentos enganosos ou inconsistentes do ponto de vista lógico.[9]

Segundo SILVA (2016, p.121), havia uma linha muito tênue entre o que era um filósofo e o que era um sofista no Império Romano na época do Principado. Em geral ambos exerciam funções semelhantes. O que mais os diferenciava era a autoapresentação entre uma ou outra coisa e a aparência física. Filósofos possuíam barbas e cabelos compridos, enquanto sofistas gostavam de se vestir bem, ter cabelos curtos e barbas bem aparadas. Os filósofos por sua vez, os criticavam, por acharem que os sofistas manipulavam a verdade ao invés de buscá-la.

Apesar de Apolônio, na VA, ser tratado como um filósofo pitagórico, existem pontos que assemelham este aos sofistas, principalmente aos sofistas biografados por Filóstrato na obra Vida dos Sofistas (VS). Alguns pontos em comum são a prática da magia, a busca pela divindade de cada um, a vida itinerante em busca de conhecimentos, o fato de ensinar em público, apesar de Apolônio focar na sabedoria espiritual e os sofistas ensinarem retórica com fins políticos. Assim, tanto Apolônio, como os sofistas, ambos biografados por Filóstrato, eram envolvidos por uma aura místico-religiosa.

As diferenças entre estes residem na informação de que Apolônio de Filóstrato defendia uma vida de autoconhecimento e elevação espiritual conectada com o ser divino e os sofistas eram mais materialistas e como manipulavam a verdade, saiam do contexto da virtude e da moral. Porém, Semiramis Silva defende que Filóstrato criou seu Apolônio com base nas biografias de alguns sofistas.

> São vários os aspectos que ligam o Apolônio da VA aos sofistas. Neste artigo buscaremos comparar o Apolônio filostratiano com os sofistas da VS, especial atenção será dada para as semelhanças entre Apolônio e Herodes, o ático, sofista de que Filóstrato escreve a mais longa biografia na VS. Também teceremos algumas considerações sobre as práticas que Filóstrato relata como parte de seu Apolônio, paralelamente à análise de práticas e características de alguns importantes escritores do Império Romano com tradição como sofistas: Apuleio, Dião de Prusa e Élio Aristides... Assim, buscaremos mostrar como, para nós, Filóstrato constrói seu Apolônio a partir de leituras das obras e sobre as vidas de outros personagens com tradição como sofistas. (SILVA, 2016, p.123).

[9] https://michaelis.uol.com.br/palavra/D9Rwp/sofista/

2.2.5. Reformador de mistérios (cultos, rituais e costumes)

Na Grécia, na antiguidade tardia, era comum para agradar aos deuses fazer sacrifícios, principalmente de animais, como ofertas votivas, esperando a dádiva. Porém, um exemplo claro de como Apolônio era um reformador de mistérios, está reportado em CORNELLI (2001, p.103) no trecho da VA que traduz o pensamento de Apolônio de como o mesmo era contra os sacrifícios. "Apolônio revela que um homem rico, que estava realizando ingentes sacrifícios no templo de Asclépio, devia ser expulso, pois era ímpio". O trecho em questão foi direcionado ao sacerdote do templo que permitiu que o homem adentrasse para realizar o ato. Em sua teologia, Apolônio não permitia esse tipo de ação. Filóstrato complementa a aposição de Apolônio:

> O princípio de que nem os sacrifícios, nem as ofertas votivas, devessem superar a justa medida era assim demonstrado racionalmente por Apolônio (VA, I,11)

MEAD, AMARANTE e ABALADA (2013, p.25) também mencionam um episódio do caráter reformista das práticas religiosas que Apolônio propunha, pois se opunha a todo o tipo de sacrifício de animais que implicasse a perda de vida de qualquer ser vivo da natureza:

> Apolónio apresentou-se ao rei Vardan que, estando prestes a sacrificar um belo cavalo branco nísio em honra do Sol, esperava que Apolónio se lhe juntasse, mas este declinou tal honra oferecendo, em vez disso, ao Sol incenso, proferindo, então, as seguintes palavras de sabedoria: "Oh, tu Sol, derrama sobre a terra até onde for agradável a mim e a Ti, e possa eu associar-me aos homens bons, mas que dos maus nunca ouça nada, nem eles de mim". E lançou a oferenda ao fogo.

Ainda em MEAD, AMARANTE e ABALADA (2013, p.30)., é dito que, depois de visitar Atenas e Rodes, Apolónio embarca para Alexandria, onde, na qualidade de reformador religioso por excelência, examina, de forma crítica, os suntuosos cultos do fogo egípcio nos seguintes termos:

> Se de fato tivésseis conhecimento da natureza do culto do fogo, veríeis quantas coisas são reveladas no disco do Sol quando nasce.

Na VA Filostrato menciona alguns templos visitados por Apolônio na Grécia. Esses templos são muito antigos, como Dodona, Delfos, o antigo santuário de Apolo em Abe na Fócida, as cavernas de Anfiros e Trofônio e, o templo das Musas em Helicona.

De acordo com Conybeare (apud TORRES, 2021, p.235), em outro ato reformista, diz que "Embora buscasse certa proximidade com os templos, Apolônio não hesitava em criticar seus frequentadores. Assim, Apolônio denunciou os habitantes de Antioquia pelo mau uso que

faziam do templo de Apolo, pois via que o templo era lindo, mas que não havia nenhum estudo sério que ocorresse nele, pois estava cheio de pessoas que eram semibárbaras e incultas".

MEAD (2007, p.86) diz que quando Apolônio entrava nos áditos destes templos com o propósito de restaurar os ritos, era acompanhado somente pelos sacerdotes e alguns de seus discípulos imediatos. Isto sugere uma extensão ao significado da palavra restauração ou reforma, e quando lemos em outra parte sobre os muitos lugares consagrados por Apolônio, não podemos deixar de pensar que parte deste trabalho era a reconsagração e, portanto, a purificação psíquica, de muitos destes antigos centros. Seu principal trabalho externo, porém, era dar instrução e, como dito retoricamente por Filostrato, "taças com suas palavras eram colocadas por toda parte para que os sedentos pudessem beber" (VA, IV, 24).

2.2.6. Pedagogo

Também era comum aos filósofos saírem pregando e ensinando seus conhecimentos ao público. Desta forma, MEAD, AMARANTE e ABALADA (2013, p.33-34) fazem uma relação desse modo pedagógico, característica de Apolônio:

- A capacidade de compreender a linguagem dos pássaros, ao mesmo tempo que recomendava a caridade e a piedade para com todos os seres da Natureza;
- Ensinar como utilizar as leis da Natureza;
- Explicar como eram feitos os seus milagres;
- Mostrar o poder das cores;
- Explicar que, para além de tudo na Natureza ser vibração, existe a polaridade (já presente nos princípios herméticos) no Todo, e que esse Todo pode ser refletido pela luz, som e cor. Nesse sentido, ensinou o valor das cores e o modo de usá-las nos templos com o fim de se adquirir estados especiais de consciência;
- A música foi outro aspecto que referenciou, pois esta também podia ser utilizada; adequando-a a determinadas situações alcançavam-se determinados estados, aproximando-se da forma como as ciências herméticas procediam nas cerimónias;
- Ensinou simbolismo e linguagem simbólica, que é a forma como cada homem pode entrar em contato com os planos superiores;
- Explicou como se processam as transmutações na natureza e como fazê-las para se conseguir o resultado pretendido;
- Falou sobre o poder imanente de cada coisa, da sua cor e forma;

- Ensinou o poder do aroma e dos cristais e o modo como utilizá-los nos diferentes níveis;
- Comunicou ensinamentos morais, sobretudo aos governantes, pelos locais que visitava;
- O dom da profecia;
- O seu poder era respeitado por todos, pois mal se sabia da sua chegada, as guerras eram interrompidas e os exércitos depunham as armas.

2.2.7. Médico

A figura do médico da noção de homem divino (*theiós anér*), na antiguidade tardia, se projetou numa prática médica em que a crença religiosa, a magia e a técnica propriamente empírica e especulativa se uniam sem notórias demarcações, até a erradicação do componente religioso no ato médico pela medicina racionalista que afetou a integridade da concepção antropológica na qual deve necessariamente se basear uma medicina que leve em conta a totalidade do homem (ALBY, 2015, p.220).

Vale ressaltar, como diz Alby, no resumo do seu artigo, que a taumaturgia na medicina é amplamente atestada em antigos documentos judaicos e cristãos. O milagre interagiu com o ato terapêutico racionalmente orientado, configurando uma *techne iatriké* (saber técnico ou medicina técnica); ou seja, não é fácil separar magia, religião, filosofia e medicina.

Na antiguidade tardia, o culto a Asclépio, um dos mais reconhecidos da Antiguidade, sendo o seu templo mais famoso o de Epidauro, manteve a sua validade durante muito tempo desde o período helenístico até à Antiguidade Tardia, mesmo com a ascensão do Cristianismo. Asclépio era um semideus, filho do deus Apolo, que foi deificado após sua morte, e que seria reverenciado como patrono e símbolo da medicina, e seu culto era importante porque combinava medicina, magia e milagres. Porém, embora os doentes chegassem aos santuários de Asclépio, ali não se praticava nenhum tipo de método terapêutico, mas apenas se produziam milagres; não havia tratamentos para doenças, mas sim curas repentinas. Portanto, não se pode presumir nenhum confronto entre a medicina técnica e a medicina sagrada de Asclépio.

O rito mais importante realizado nos templos de Asclépio era a *incubatio*, que consistia em encontrar a cura através do sono profundo, passando uma noite na *enkoimitaria*, um grande quarto para dormir, onde o deus através dos sonhos, e graças à sua interpretação pelos sacerdotes, supostamente aconselhava os doentes sobre o que deveriam fazer para recuperar a

saúde. Este culto é realizado sob a direção de sacerdotes que se esforçam para curar os devotos através do uso da sugestão e do uso de animais sagrados como a cobra. As funções sacerdotais são divididas de forma que um grupo se ocupa das práticas rituais, enquanto outro grupo se ocupa das práticas terapêuticas. Dentro do culto os sacerdotes mantêm a preponderância, mas com eles trabalha um corpo de médicos, como se reflete nos documentos escritos nos séculos I e II d.C. (PRIETO GOMEZ, 2017, p.18).

Filostrato mostra na VA que Apolônio era adepto desse deus da cura e utilizava muito o templo construído em homenagem a Asclépio para curar milagrosamente os enfermos.

Na Antiguidade Tardia o culto de Asclépio se transformou. Com a ascensão do Cristianismo, foi transferido para uma série de santos curadores que desempenhavam a função antes desempenhada pelo deus pagão. Desta forma, a partir dos séculos I e II d.C. a religião acabou substituindo a medicina, embora não completamente. Desde a época dos apologistas do século II d.C. entre os pensadores cristãos havia uma tendência a interpretar a doença em termos teológicos e a proibir o recurso a qualquer médico que não fosse o Deus cristão. Muitas vezes havia uma tendência, nas histórias de milagres, de ridicularizar os médicos para elogiar o poder curativo dos santos, repetindo o clichê da inutilidade dos médicos (PRIETO GOMEZ, 2017, p.19).

Alby enfatiza a sabedoria de Apolônio nos seus feitos milagrosos em relação a medicina da época quando ele diz que um dos mais notáveis milagres de Apolônio é:

> Aquele que narra a forma como libertou Éfeso de uma praga previamente anunciada por ele diante da indiferença de todos. Assim como Pitágoras, que, segundo diz Filóstrato, esteve em Túrios e Metaponto ao mesmo tempo, Apolônio mudou-se para Éfeso de uma forma maravilhosa apenas dizendo vamos embora. Chegando lá, reuniu a população, encorajando-a com palavras que prometiam o fim da peste e depois mudou-se com eles para o teatro. Lá encontraram um mendigo pedindo esmola, mas para surpresa de todos, Apolônio mandou apedrejá-lo. Diante do desamparo do povo movido pela compaixão, ele repetiu a ordem e começaram a apedrejá-lo. Naquele momento, no lugar do mendigo, apareceu um grande cachorro louco, cujos olhos emitiam fogo. Desta forma, ele removeu a praga de Éfeso. (ALBY, 205, p. 236-237)

Para Alby, este milagre epidemiológico, em vez de descrever qualquer atividade taumatúrgica, dá ênfase à sabedoria de Apolônio em conhecer a origem do mal.

2.2.8. Exercícios espirituais

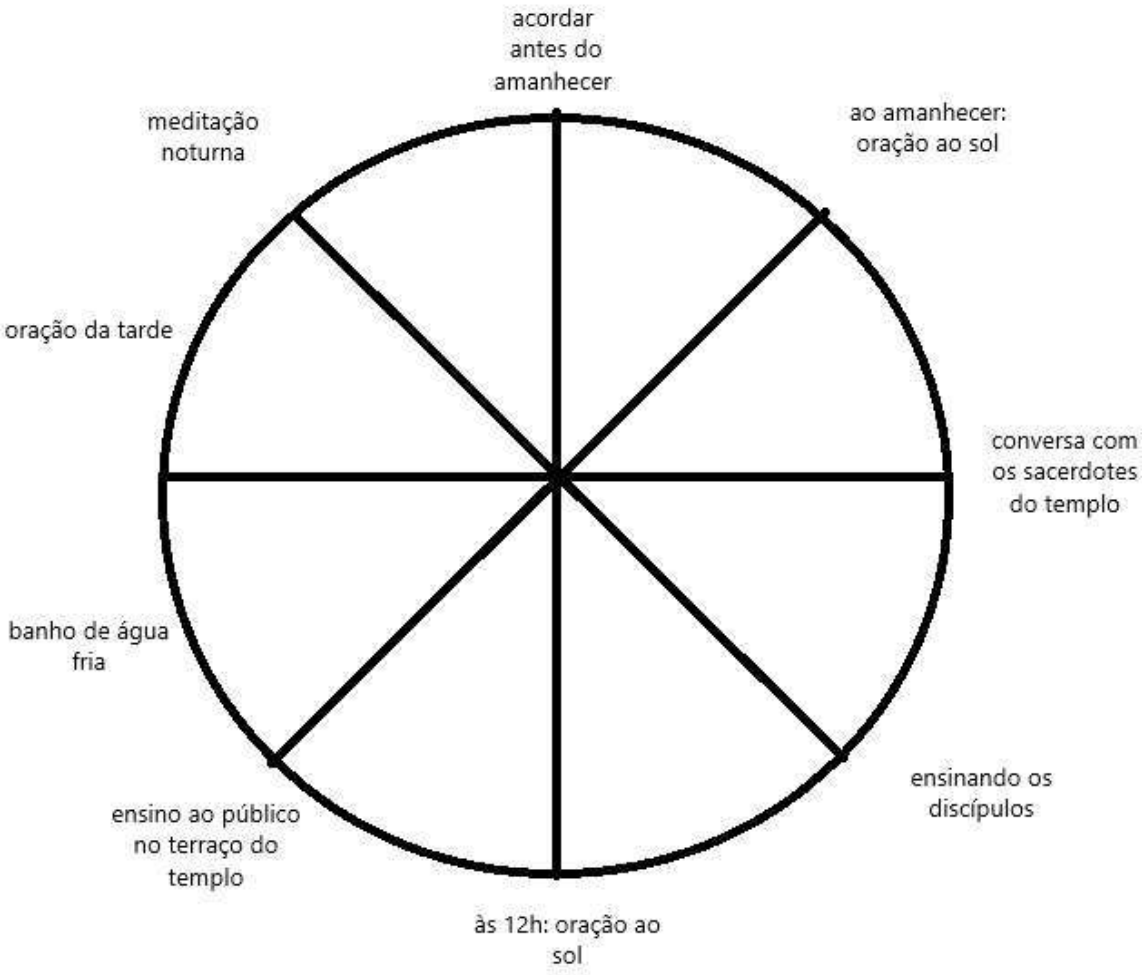
As narrativas dizem que Apolônio se dedicava quatro vezes ao dia em seus exercícios espirituais. Algumas cerimônias ele fazia em segredo e só revelava para aqueles discípulos que já se havia cumprido quatro anos de silêncio.

Ao nascer do sol, ele celebrava para si certos ritos que só eram revelados aos que praticavam o silêncio durante quatro anos. No resto do tempo, se a cidade fosse grega e os cultos conhecidos, após convocar os sacerdotes, ele filosofava sobre os deuses e os corrigia caso se desviassem de alguma forma das práticas tradicionais. Se fossem bárbaros, e seus cultos fossem de natureza peculiar, eles eram informados de quem foram seus fundadores e por que foram estabelecidos e, uma vez informados de como o culto era realizado e depois de terem sugerido algo mais sensato do que o que era feito, se isso lhe ocorresse, ele se reuniria com seus discípulos e os incitaria a perguntar o que quisessem. Ele efetivamente afirmou que aqueles que praticavam esse tipo de filosofia deveriam: ao amanhecer, conversar *com* os deuses; à medida que o dia avança, converse *sobre* os deuses e; no resto do tempo, sobre assuntos humanos (VA, I, 16). Tais exercícios ele não deixava de fazer sob nenhum pretexto. Na Babilônia, o rei mandou chamá-lo, ele respondeu: "Irei quando terminar o que devo aos deuses" (VA, I,6).

Seus dias seguiam um padrão muito preciso: conversar com os deuses ao amanhecer, depois falar sobre coisas divinas e finalmente sobre assuntos humanos. Após as orações matinais, ele se reunia com os sacerdotes dos templos. À tarde, ele respondia pacientemente às perguntas dos seus discípulos e depois instruía o povo, dando conselhos sobre conduta virtuosa. Por fim tomava um banho frio, porque o banho quente, disse ele, é a velhice do homem, (VA, I,16).

> Os banhos quentes foram fechados em Antioquia, por causa de grandes escândalos, o imperador, diz Apolônio, acaba de prolongar a nossa vida, embora não mereçamos esse favor.

Rubio (2013, p.34) mostra um quadro organizado por Michel Thiebaut denominado "O tempo do homem divino", neste quadro ele coloca um gráfico que mostra a rotina diária de Apolônio de Tiana.


acordar
antes do
amanhecer
ao amanhecer:
oração ao sol
conversa com
os sacerdotes
do templo
ensinando os
discípulos
às 12h: oração ao
sol
ensino ao público
no terraço do
templo
banho de água
fria
oração da tarde
meditação
noturna

2.3. Obras

Apesar de existirem vários artigos publicados, teses e dissertação sobre o personagem Apolônio e alguns livros, a maioria desses escritos são baseados na VA de Flávio Filóstrtato, principal obra associada ao tianeo. CORNELLI (2001, p.55) mapeou dentro da VA as principais fontes que serviram de coleta de dados para a escrita de tal biografia. São elas:

- As cartas escritas pelo próprio Apolônio;
- O diário de Damis;
- A obra de Máximo Aigai;
- O tratado em quatro livros. Os memoriais de Apolônio tianeo mago e filósofo de Moiragenes e;
- Sobre os sacrifícios (desapareceu), no qual explicava qual oferenda deveria ser dada para cada Divindade.

CORNELLI (2001) também observa que no léxico suida existem diversas obras associadas a Apolônio, porém quase todas perdidas. MEAD (2007, p.57) acrescenta que além das fontes citadas acima, Filóstrato buscou mais informações nas cidades por onde passou e nos templos que ele restaurou os ritos:

> Coletei o meu material em parte nas cidades que o amaram, em parte nos templos cujos ritos e regras ele restaurou do seu estado de negligência...

Muitos escritores dos séculos da antiguidade tardia escreveram e relataram suas opiniões sobre Apolônio, muitas de forma elogiosa e outras bem pouco favoráveis, assim como quando o cristianismo começou a ascender, padres da igreja, ao terem contato com a obra deram suas opiniões que, muitas, de certo, eram de teor sectário.

Algumas obras listadas que citam Apolônio, são:

- Alexandre ou o falso profeta escrito por Luciano de Samosata, descreve Apolônio como um andarilho, Pitágoras redivivo e profeta de Asclépio;
- A História Augusta [10] confirma que o culto a Apolônio era promovido pela dinastia Severa. Severo Alexandre tinha uma imagem de Apolônio em seu lararium[11]. Ainda nesta mesma obra, diz-se que Apolônio apareceu ao Imperador Aureliano enquanto o mesmo estava

[10] A ***História Augusta*** é uma coleção de biografias romanas tardias, escrita em latim, sobre os imperadores romanos, seus colegas mais jovens, herdeiros designados e usurpadores de 117 a 284 d.C.

[11] O **Lararium** é um altar, o local sagrado da casa onde oferendas e orações são feitas aos Deuses.

prestes a destruir a cidade de Tiana. Apolônio chamado aqui de sábio, filosofo antigo e amigo dos deuses ordena Aureliano não destruir a cidade;

- Vidas de filósofos e sofistas, escrita por Eunápio, orador do século V, define Apolônio como "não-filosofo, mas um ser entre um deus e um homem" e;
- Hiérocles, simultaneamente governador de Palmira, Bitinia e Alexandria, e também filósofo, escreveu em 305 uma obra, que não chegou até nós, intitulada *O Amigo da Verdade*, onde cita elogiosamente Apolônio.

Além das cartas, Apolónio também escreveu tratados, dos quais, contudo, apenas um ou dois fragmentos foram preservados. Alguns deles:

a. *Os Ritos Místicos ou Sobre os Sacrifícios*. Este tratado nos indica o método mais apropriado para o sacrifício a cada deus, e as horas mais propícias para as orações e as oferendas;
b. *Os Oráculos*. 4 livros. (VA, III, 41), Filostrato supõe que o título integral era Adivinhação dos Astros, e diz que se baseava no que Apolónio havia aprendido na Índia;
c. A Vida de Pitágoras. Porfírio refere-se a este livro e Jâmblico cita uma longa passagem do mesmo;
d. O Testamento de Apolónio. Escrito no dialeto jónic, continha um sumário da sua doutrina. Também se lhe atribui um Hino à Memória;
e. Eusébio refere-se a uma Teologia (desaparecida), que poderia fazer parte do livro sobre sacrifícios;
f. No século VI surge o livro *De secretis naturae* ou Livro Secreto da Criação, atribuído a Belenous (Apolónio de Tiana em Arabe), que contém as primeiras referências à Tábua de Esmeralda de Hermes Trimegisto.

Outra obra atribuída a Apolônio chama-se Nuctemeron[12], que Jan van Rijckenborgh[13], rosa-cruz moderno e gnótico hermético, chamou de "O evangelho de Apolônio" e traduz como "o dia de deus que resplandece nas trevas" ou "o deus que está aprisionado em nosso microcosmo". Esse dia está dividido em doze horas ou degraus, e cada hora encerra uma instrução concreta quanto ao modo pelo qual cada candidato pode realizar o "dia de Deus". Em

[12] Segundo a mitologia grega, Hemera, a luz do dia, é filha de Nyx, a deusa da noite, juntas, elas forjam o Nuctemeron, a união entre o dia e a noite pelo caminho das horas.

[13] Rijckenborgh, J. van, 1896-1968. O Nuctemeron de Apolônio de Tiana / comentado por J. van Rijckenborgh. - 4. ed. Jarinu, SP: Lectorium Rosicrucianum, 2011. Título original: Het Nuctemeron van Apollonius van Tyana

suma, é um método, um caminho para a completa libertação. Transcrevemos aqui apenas os títulos de cada capítulo:

- Primeira hora

  Na unidade, os "daimons" cantam os louvores de Deus, perdem a sua malícia e a sua cólera.

- Segunda hora

  Pelo binário, os peixes do Zodíaco cantam os louvores de Deus, as serpentes de fogo se entrelaçam em redor do caduceu e o raio torna-se harmonioso.

- Terceira hora

  As serpentes do caduceu de Hermes se entrelaçam três vezes. Cérbero abre a sua tríplice goela e o fogo canta os louvores de Deus pelas três línguas do raio.

- Quarta hora

  Na quarta hora, a alma volta a visitar os túmulos, é o momento em que se acendem as lâmpadas mágicas nos quatro cantos dos círculos, é a hora dos encantamentos e prestígios.

- Quinta hora

  A voz das grandes águas canta o Deus das esferas celestes.

- Sexta hora

  O espírito fica imóvel, vê os monstros infernais caminharem contra si e fica sem temor.

- Sétima hora

  Um fogo que dá a vida a todos os seres animados é dirigido pela vontade dos homens puros. O iniciado estende a mão e os sofrimentos cessam.

- Oitava hora

  As estrelas se falam, as almas dos sóis correspondem com o suspiro das flores, cadeias de harmonia fazem corresponder entre si todos os seres da natureza.

- Nona hora

  O número que não deve ser revelado.

- Décima hora

  É a chave do ciclo astronômico e do movimento circular da vida dos homens.

- Undécima hora

  As asas dos gênios se agitam com um ruído misterioso; eles voam de uma esfera à outra e levam, de mundo em mundo, as mensagens de Deus.

- Duodécima hora

  Aqui se realizam pelo fogo as obras da eterna luz.

A interpretação do Nuctemeron pode ser feita como uma jornada da alma ou um processo alquimico do hermetismo. A jornada da alma, diz-nos do crescimento interior e o processo alquimico nos fala da transformação do chumbo em ouro, um processo de lapidação do homem, do estado de pedra bruta à pedra polida. Ambos nos remete ao estado final de evolução do homem.

O Nuctemeron, segundo conta no livro Dogma e Ritual de Alta Magia, pag. 256, foi publicado em grego, conforme um antigo manuscrito, por Gilberto Gautrinus: De Vita et Morte Moysis, livro III, pág. 206, reproduzido por Laurent Moshémius nas suas observações sagradas e histórico críticas. Amsterdã, MDCCXXI, traduzido e explicado, pela primeira vez, por Eliphas Levi.

Estas doze horas simbólicas, explicadas por (LEVI, 2017, p. 259-260), segue o seguinte roteiro:

1.° — Dominar as paixões más e forçar, conforme a expres-são do sábio Hierofante, os próprios demônios a louvarem a Deus.

2.° — Estudar as forças equilibradas da natureza e saber como a harmonia resulta da analogia dos contrários. Conhecer o grande agente mágico e a dupla polarização da luz universal.

3.° — Iniciar-se ao simbolismo do ternário, princípio de todas as íeogonias e de todos os símbolos religiosos.

4.° — Saber dominar todos os fantasmas da imaginação o triunfar de todos os prestígios.

5.° — Compreender como a harmonia universal se produz, no centro das quatro forças elementares.

6.° — Tornar-se inacessível ao temor.

7.° — Exercitar-se na direção da luz magnética.

8.° — Aprender a prever os efeitos pelo cálculo de ponderação das causas.

9.° — Compreender a hierarquia do ensino, respeitar os mistérios do dogma e calar-se diante dos profanos.

10.° — Estudar a fundo a astronomia.

11.° — Iniciar-se pela analogia às leis da vida e da inteligência universais.

12.° — Operar as grandes obras da natureza pela direção da luz.

Recentemente, em 2013, Eduardo Amarante, filósofo e antropólogo da religião e Dulce Leal Abalada, que se dedicou ao estudo da Teosofia e da Filosofia Oriental, escreveram uma obra com o título "Apolônio de Tiana: Taumaturgo contemporâneo de Jesus" e, através de seus estudos, encontraram tanta semelhança com as obras de Jesus de Nazaré que, levantando algumas considerações a respeito da existência ou não de Jesus, fazem uma provocação: "Será Apolónio o próprio Jesus? " (MEAD, AMARANTE e ABALADA, 2013, p.42).

2.3.Seguidores

Os seguidores de Apolônio podem ser divididos em duas categorias: os discípulos e os admiradores.

2.4.1.Discipulos

Filóstrato afirma que Apolônio tinha muitos discípulos (VA, I,19), mas, não disse tanto sobre os "apolonianos", como eram chamados os discípulos dele (VA, VIII, 21), como: Se constituíram uma escola ou se reuniam em comunidades? Ou se foram simplesmente estudantes independentes atraídos pela personalidade dominante daquele tempo no campo da filosofia. Porém, informa que muitos deles usavam a mesma roupa que ele e seguiam o seu modo de vida (VA, IV, 39). Sabe-se também que o acompanharam nas suas viagens e sabe-se que para isso os mesmos precisavam ter cumprido o voto de silêncio.

Segundo Koskenniemi (apud TORRES, 2021, p.233) o sábio chega ao número máximo de trinta e quatro discípulos na época de Nero, que passaram a usar o *tribôn* (o manto surrado dos cínicos), tal como seu mestre, mas o número cai eventualmente para oito. De seus discípulos Apolônio exigia completa devoção aos templos que visitavam. As dependências dos templos eram locais ideais para que os mesmos encontrassem um mestre religioso e vice-versa.

A VA indica nomes dealguns discípulos de Apolônio, (MEAD, 2007, p.115): Musónio e Demétrio; o primeiro, considerado o maior filósofo da época depois de Apolónio, e que foi vítima da tirania de Nero, o segundo, Demétrio, que amava Apolónio. Estes nomes são bem conhecidos da História; outros, menos conhecidos, são os do egípcio Dioscórides, que devido a doença foi deixado para trás numa longa viagem à Etiópia, Menipo, a quem livrara de uma obsessão, Fédimo e Nilo, que o seguiu deixando os gimnosofistas, e, é claro, Damis, que nos diz que sempre o acompanhou desde que o encontrou em Nínive.

2.4.2. Admiradores

Os admiradores de Apolônio são aqueles que, segundo a VA de Filostrato, o conheceram pessoalmente e o reconheciam como um homem, sábio, um filósofo e aceitavam suas palavras de sabedoria, além daqueles que passaram a admirar após a leitura de A Vida de Apolônio de Tiana.

Na obra de MEAD (2007, p.97-98), são citados alguns desses personagens que o admiravam e teceram comentário de forma elogiosa.

Apuleio, contemporâneo de Luciano, classifica Apolónio, a par de Moisés e Zoroastro, entre os famosos magos da antiguidade.

Justino, o mártir cristão, que floresceu no século II - em uma obra intitulada *Questiones et Responsiones ad Orthodoxos*, encontramos um interessante parágrafo que diz o seguinte: "Questão XXIV – Se Deus fez e é autor da criação, como é que os objetos consagrados de Apolónio têm poder nos (vários) níveis da criação? Pois vemos que detêm o furor das ondas, o poder dos ventos, a invasão de vermes e os ataques das feras".

Dion Cassius, nas suas histórias, que escreveu em 211-222 da nossa era, afirma que Caracala honrou a memória de Apolónio com uma capela ou monumento.

Julia Domna, mãe de Caracala, foi responsável por a obra "A Vida de Apolônio de Tiana" existir, pois foi ela quem fez o pedido a Filostrato para compô-la e certamente a financiou.

Lamprídio, que floresceu até à metade do século III informa-nos, para além do mais, que Alexandre Severo colocou a estátua de Apolónio no seu lararium, juntamente com as de Cristo, Abraão e Orfeu.

Vopisco, que escreveu na última década do III século, conta-nos que Aureliano consagrou um templo a Apolónio, após este ter lhe aparecido em sonhos quando sitiava Tiana. O mesmo autor fala de Apolónio como de um "sábio do maior renome e autoridade, um antigo filósofo e um verdadeiro amigo dos deuses". Ainda Vospico o coloca como uma manifestação da divindade. "Pois quem, entre os homens foi mais santo, mais digno de reverência, mais venerável e mais divino do que ele? Ele foi o que deu a vida aos mortos, o que fazia e dizia muitas coisas sobre-humanas".

E Vopisco entusiasmou-se tanto com Apolónio que prometeu, se vivesse por mais tempo, escrever um resumo da sua vida em latim, para que os seus feitos e as suas obras estivessem na

língua das gentes, pois, até então, os únicos relatos estavam em grego. Todavia, Vopisco não chegou a cumprir a sua promessa. PRIETO GÓMEZ (2017, p.39) também cita essa passagem da história, porém acha que ele, ou "não conseguiu ou a obra se perdeu".

Sotérico e Nicômaco escreveram duas vidas do nosso filósofo e que, posteriormente, Tascio Victoriano escreveu outra sobre as notas de Nicômaco. Porém, nenhuma destas Vidas chegou até nós.

2.5. Relevância para a cultura grega

No contexto em que o império romano se alastrava, invasão da Palestina, da Grécia, entre outros, havia uma fusão e difusão de identidades culturais, religiosas, políticas e filosóficas na Grécia na antiguidade tardia. Toda região estava sofrendo o impacto da religião romana como também do crescimento do cristianismo que já ia tomando forma.

Outras religiões e culturas também já se faziam presentes no mundo grego e são referenciadas nas próprias viagens de Apolônio narradas na VA, como: os babilônios, os hindus, os egípcios e etíopes.

A cultura grega, especificamente na antiguidade tardia, era baseada em sua religiosidade e espiritualidades, como os festivais para os deuses e seus cultos de mistérios, homenagens aos padroeiros, com suas festas locais, a filosofia, a ciência e a sua influência política.

O impacto que a imagem de Apolônio de Filóstrato dá para a cultura grega, é um impacto de resgate e afirmação dessa cultura e isso se deve muito ao biógrafo, que certamente teve essa intenção. A Grécia passava por transformações profundas; assim, o autor da VA, colocou a filosofia de volta revivendo Pitágoras, trabalhando o neopitagorismo e mencionando outros filósofos. Deu visibilidade para a medicina da época revivendo as curas de Asclépio, trouxe de volta a religião, revivendo os deuses e seus templos e recontou os seus mitos. Além de todos esses aspectos, colocou pitadas de ocultismo, misticismo, esoterismo e alquimia dentro de sua obra.

Conforme THOMAZELLA, Filostrato resgata e valoriza a cultura grega clássica por meio de suas principais obras, Vida dos Sofistas (VS) e VA.

> Na VA, Filóstrato se utiliza do personagem Apolônio para destacar aspectos da cultura grega clássica (THOMAZELLA, 2018, p.20).

Outro aspecto dado a Apolônio, até mesmo porque, segundo as narrativas, era um homem estudado nas letras, nas artes, na religião e filosofia, era a sua sabedoria e domínio da língua culta na Grécia e esse aspecto era de grande relevância.

> Se, para Heródoto, era considerado grego quem era nascido em terras gregas, falava grego e compartilhava de hábitos e costumes similares, na VA são outros os aspectos enfatizados. Nela, percebemos que possuir a cultura grega do período clássico, através do domínio da língua, da literatura e da filosofia, tem um valor maior do que ter nascido na Grécia (THOMAZELLA, 2018, p.20).

Mesmo não sendo ateniense, Apolônio, na VA, fala habilmente o ático: "Sua língua era o ático e isso não mudava por causa do seu sotaque, dada a sua região de origem" (VA, I, 7).

Quando Alexandre Magno conquistou outras regiões levando a cultura grega para esses lugares, Filóstrato quis mostrar essa expansão cultural do império grego quando narra Apolônio conversando sem necessidade de intérprete com os brâmanes, pois os mesmos sabiam a língua grega.

> Até mesmo o monolinguismo dos encontros de Apolônio com personagens de outros países é uma das estratégias que Filóstrato encontrou para valorizar a língua grega no contexto da Segunda Sofistica (THOMAZELLA, 2018, p.21).

Além disso, outros aspectos da cultura grega clássica são retomados quando Apolônio demonstra ter domínio da literatura, da filosofia e da mitologia.

Na VA são citados os poemas homéricos Ilíada e, Hesíodo, Esopo, Arquíloco, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Píndaro, Tucídides, Sócrates e Platão. Sendo integrante de uma elite, cabia a Filóstrato resgatar sinais e traços de uma antiga identidade grega e tentar recompô-la e reativá-la, construindo um modelo exemplar do que é ser grego, com a figura de Apolônio.

Conforme SILVA (2017, p.471), Filóstrato atribui um papel para seu Apolônio, fazendo dele um símbolo do intelectual perfeito, capaz de circular dentro e fora do Império Romano ordenando o que o autor considerava errado, estabelecendo contatos e afirmando a importância da cultura grega e dos sofistas para o Império.

Apolônio era um cidadão do mundo, viajava e adquiria conhecimentos de outros povos que não eram gregos, e que não estava preocupado com questões étnicas: "Toda a Terra é minha", disse Apolónio, "e tenho o direito de ir aonde me apraz" (VA, I, 21), resposta dada ao ser perguntado como se atrevia a entrar na Babilônia sem permissão. Filostrato mostra mais uma vez que a cultura grega atravessava fronteiras.

> A concepção de fronteiras, ligada à ideia de identidades culturais como algo flexível, híbrido e negociável. Neste sentido, mesmo que percebamos que Filóstrato afirme-se como grego, como se existisse uma cultura grega homogênea e estável, temos claro que a identificação como grego em seu contexto, não era a mesma coisa que a identificação como grego na época clássica das póleis, sendo algo cultural e não étnico propriamente (SILVA, 2017, p.472).

Capítulo 3 – Apropriação esotérica dos ensinamentos de Apolônio de Tiana

Não é fácil definir o conceito de esoterismo. Com certeza não existe um esoterismo em si. Não é um campo do conhecimento nos moldes que são as artes ou as ciências. Na realidade, é uma forma de pensamento com um feixe de atitudes e um conjunto de discursos próprios. A palavra esoterismo também evoca segredo e iniciação, dois termos que apesar de não serem o esoterismo, fazem parte do seu conjunto e são a ele muito vinculados.

Em geral o termo esotérico indica "segredo", "arcano"; algo isolado, misterioso ou reservado. VIEIRA (2014, p.4) diz que o esoterismo tem "um sentido a ele associado, o do mistério, que torna o mundo uma experiência de aprofundamento, fora dos afazeres cotidianos, dos objetos comuns, para o insólito, em suma, para o extraordinário, ultrapassando os limites da linguagem e dos conceitos, e ingressa em um âmbito não comunicativo, ou no mundo do símbolo, do mito e do rito, da linguagem velada ou simbólica".

Segundo VIEIRA (2014, p.3) o primeiro a tentar resolver a problemática do termo esoterismo foi Antoine Faivre, professor da Sorbonne, em seu pequeno livro *L'ésotérisme* (1992). A tentativa de Faivre é circunscrever um campo de pesquisa possível. Porém, o esoterismo parece indicar mais uma "forma de pensamento" do que um "campo". Faivre sugere investigar a natureza do esoterismo a partir de discursos que chamam a si mesmo de "esotéricos", e os que implicitamente os dizem ser.

Apolônio não deixava a desejar como homem com fama de esotérico. Ele entendia todas as formas materiais, animais, vegetais e minerais como algo universal, em outras palavras, todas as coisas fazem parte de um todo. Tudo se comunica entre si, como menciona o esoterismo hermético: "Tudo que está em cima é como o que está embaixo". Para o esoterismo, meditar imaginando um astro e reconhecer a energia que ele possa influenciar no corpo, na mente e na alma, além de transformar a natureza das coisas, é algo fundamental e de suma importância.

Como discurso esotérico, pode-se imaginar a natureza como um ser vivo, que pulsa e sente fome, detector de energias poderosas que podem ser usadas em favor da humanidade através dos seus elementos herméticos: fogo; terra; água e; ar. Essas energias quando não bem utilizadas se revoltam e voltam em forma de catástrofes.

> Para Faivre, existem quatro elementos fundamentais do esoterismo: as correspondências; a natureza viva; imaginação e mediações e; a experiência da transmutação (VIEIRA, 2014, p.6) e acrescenta mais dois elementos secundários ou não-fundamentais: A prática da concordância e a transmissão.

3.1. Influências esotéricas que reverberam na VA

3.1.1 Hermes

Na mitologia grega Hermes era um deus protetor dos pastores, viajantes, ladrões (por ter roubado o gado do seu irmão Apolo, ainda em idade precoce), bem como protetor dos oradores, filósofos e intelectuais em geral e, tinha outros poderes associados ao seu bastão de arauto, chamado "caduceu". O caduceu, representado como um bastão, ou vara, ladeado por duas serpentes, terminando em cima por um par de asas, é considerado um símbolo de poder para aquele que sabiamente o utiliza. Nesse enfoque, o caduceu serve de equilíbrio aos dois aspectos do símbolo da serpente, a direita e a esquerda, o diurno e o noturno, uma vez que esse réptil possui duplo aspecto simbólico: um benéfico, outro maléfico, cujo antagonismo e equilíbrio são representados pelo caduceu.

Hermes servia também como intermediário entre os homens e os deuses e guiava as almas para o reino dos mortos. O roubo do gado do irmão, foi considerado um ato de astúcia, porém, ao ser repreendido pelo pai, construiu uma lira com casco de tartaruga e tripa de ovelha e presenteou Apolo. Mais adiante, já no período helenístico, foi associado ao deus Toth do Egito e tornou-se Hermes Trismegisto, o três vezes grande, deus muito associado à alquimia e esoterismo por possuir a sabedoria divina, humana e cósmica.

Hermes aprendeu com seu irmão Apolo, a arte da leitura do futuro, considerada uma arte divinatória.

> ...enquanto pastoreava seu gado, inventou a flauta de pã. Apolo desejou também a flauta e ofereceu em troca o cajado de ouro de que se servia para guardar o armento do rei Admeto. Hermes aceitou o negócio, mas pediu lições de adivinhação. Apolo assentiu e, desse modo, o caduceu de ouro passou a figurar entre os atributos principais de Hermes (BRANDÃO, 1995, P.192).

Nas narrativas de Filostrato, Apolônio por diversas vezes ensinou os indivíduos a se comportarem diante dos deuses, intermediando essas relações, cumprindo um papel determinado por Hermes.

Filostrato, na VA, coloca mesmo que de forma indireta, algumas conexões entre Apolônio e Hermes na passagem em que Damis, seu fiel discípulo, o interpelou em uma viagem que fez para Nínive, na Babilónia (Pérsia, atual Irã e Iraque), dizendo-lhe que conhecia a região à volta da Babilónia e que falava várias línguas como a dos armênios, medos e persas, ao que Apolónio retorquiu que entendia todas as línguas sem que, no entanto, tivesse aprendido alguma.

Perante o espanto de Damis, Apolónio responde: “Não precisas espantar-te com o conhecimento que tenho das línguas, pois, para te dizer a verdade, também conheço todos os segredos do silêncio humano”. Com mais esta resposta Damis não teve dúvidas de que estava perante um sábio e ofereceu os seus serviços, permanecendo a seu lado até ao fim da vida (MEAD; AMARANTE; ABALADA, 2013, p.25). Apolônio não tinha dificuldades em falar com estrangeiros, ele os entendia bem. Trata-se de uma boa pratica de hermetismo, quando Burkert diz:

> Hermes também era mensageiro dos deuses, o comunicador e o fazia em várias línguas. O fato de a comunicação linguística com inimigos ou estrangeiros ter sucesso é sempre atribuída a Hermes. O tradutor, hermeneús, ostenta o seu nome, e o fato de o seu nome continuar a viver no conceito da hermenêutica corresponde à interpretação alegórica que via simbolizado em Hermes o discurso, o Logus puro e simples. (BURKERT, 1993, p. 312):

A terceira hora do Nuctemeron, obra atribuída a Apolônio, fala-nos sobretudo do misterioso caduceu de Hermes. Refira-se que todo o processo evolutivo humano passa fundamentalmente pelas transformações sofridas devido ao circuito energético nele operado. Sabe-se que o caduceu termina em cima por um par de asas, fazendo toda referência a Hermes como dito no hino Órfico a Hermes: “Com asas nos pés, voas pelo espaço, cantando toda a Música, em todas as línguas...”. Desta forma podemos fazer nova conexão com as falas de Apolônio citada na VA ao dialogar com um brâmane: - Cheguei até vós por terra, e presenteaste-me com o mar; compartilhando a vossa sabedoria, fizeste-me voar pelos céus. Fazendo alusão à representação do caduceu que representa o equilíbrio entre os opostos e com a aquisição da sabedoria, o homem entra em harmonia e expande sua consciência podendo voar voos bem mais altos.

Hermes representado pelo caduceu, representa o equilíbrio entre os polos; assim, o Apolônio de Filóstrato, após anos de peregrinação, se deparou com conhecimentos herméticos baseados na Alquimia e na Gnose, que colocam o homem como o protagonista do seu bem-estar psíquico e espiritual graças ao seu autoconhecimento e equilíbrio entre o interior (do indivíduo) e exterior (natureza).

Outra conexão com Apolônio está no texto [...]para servir de mensageiro do deus do céu, quem poderia ser mais indicado do que Hermes, que voa com a rapidez de um raio e aparece misteriosamente em todas as partes, cabe evocar sua voz vigorosa[...] (Walter Otto apud LOPEZ, 2020, p.10). Hermes é uma divindade que desconhece limites espaciais ou temporais.

Na VA (IV, 10), Filostrato fala sobre a viagem de Apolônio que saiu de Esmirna para Éfeso, assim como fez Pitágoras quando esteve em Túrios e em Metaponto simultaneamente, apenas dizendo "vamos embora" e viajou com a rapidez de um raio, aparecendo em Éfeso instantaneamente.

DE OLIVEIRA REGINO (2011) em seu artigo, no item valorização do ínfimo, cita Gilbert Durand:

> Hermes representa a potência do ínfimo, a valorização do desprezível, enquanto a obra alquímica, inspirada pela figura do deus transgressor, "tem como missão essencial revalorizar o que está desvalorizado (DE OLIVEIRA REGINO, 2011, p.5).

Apolônio como reformador dos mistérios, como citado no sacrifício de um animal no templo de Asclépio, revaloriza esse culto numa atitude de puro hermetismo, impedindo que o animal seja morto em troca de benefícios divinos.

A lei do silêncio cumprida por Apolônio foi uma atitude hermética de iniciação nos moldes da escola de Pitágoras com uma função alquímica de transmutação, de autovalorização, do menor para o maior, de tornar-se melhor.

> Quando a vida subjetiva e a vida empírica do avatar correspondem a um padrão fixo criado nos céus, a busca dos traços individuais de personalidade e dos fatos de sua carreira objetiva exige estudo cuidadoso. "A Vida de Apolônio", de Filostratus, não somente descreve uma existência, mas também a aprimora para simbolizar toda a filosofia hermética (FINGER, 2013, p.50).

Como patrono dos viajantes, Hermes se relaciona a Apolônio como itinerante, mesmo que suas viagens sejam simbólicas. Hermes protegia os viajantes em suas jornadas, nas estradas e por onde quer que eles passassem.

Na VA de Filóstrato, as narrativas mais íntimas de Apolonio com Hermes e o respeito que o mesmo tinha a esse deus, narra que Apolônio aprendeu a arte divinatória da adivinhação. Apolônio fazia leitura do futuro de forma muito hábil. Apolônio teria adivinhado uma série de acontecimentos, como a morte do governador da Cilícia (VA, I, 12), o tempo em que permaneceria na Babilônia (VA, I, 22), a epidemia que ameaçava Éfeso (VA, IV, 4), a identidade do próximo hierofante de Elêusis (VA, IV, 18), que o istmo de Corinto começaria a ser escavado e as obras não seriam concluídas (VA, IV, 24), que surgiria uma ilha entre Thera e Creta (VA, IV, 34), relâmpago prestes a matar Nero (VA, IV, 43), a efêmera tomada do poder por Galba, Otão e Vitélio (VA, V, 11-13), o naufrágio de um navio (VA, V, 18), a reconstrução

do templo de Júpiter Capitolino (VA, V, 30), o destino futuro de Tito (VA, VI, 32) ou a morte iminente de Nerva (VA, VIII, 27).

Salienta-se que a influencia de Hermes sobre o Apolônio de Filóstrato, é muito mais arquétipica, como viajante, mediador e detentor da sabedoria. Como Hermes era astuto, o fato de Apolônio ter-se desvencilhado das correntes que o predia, é uma alusão arquétipica a Hermes.

3.2 Pitágoras

Pitágoras nasceu na ilha de Samos na Grécia provavelmente em 570 a.C. Sua fama se espalhou pelo mundo pela sua determinação em trabalhar com números. É o formulador do teorema que hoje conhecemos como "teorema de Pitágoras". Fundou uma escola em Crotona na Itália e nesta, não trabalhou apenas com números e matemática, mas também com espiritualidade e filosofia. Na antiguidade tardia, ele foi reconhecido como homem divino por alguns feitos realizados. Conta a lenda que o mesmo foi visto ao mesmo tempo em dois lugares, especificamente em Crotona e Metaponto.

> As narrativas antigas descrevem Pitágoras como algo mais que humano, como o deus Apolo em forma humana. Sua condição sobrenatural teria sido confirmada por uma coxa de ouro e o dom da bilocalização: ele foi visto em Crotona e Metaponto ao mesmo tempo (KAHN, 2007, p.21).

A condição sobre-humana que dava a Pitágoras a posição de homem divino (theios aner) se dá na sua busca pela sabedoria, ensino de filosofia, espiritualidade e filosofia de vida. Algumas lendas sobre a vida de Pitágoras dizem que ele podia prever o futuro e sabia sobre vidas anteriores (reencarnação).

> Há registros surpreendentes de seu sucesso educacional com animais, pois se diz que ele persuadiu um touro guloso a abster-se de comer feijões e, em outro relato, Pitágoras fez um urso perigoso jurar não ferir coisas viventes, e o urso manteve seu juramento. Acima de tudo Pitágoras conseguia recordar-se de suas encarnações anteriores, inclusive como o herói troiano Euforbo, mencionado por Homero. Na tradição tardia, portanto, a vida de Pitágoras assume forma mítica; ele se torna o paradigma do theios aner, o homem divino que absorve todas as formas de sabedoria, para tornar-se um sábio, um vidente, um professor e um benfeitor da raça humana (KAHN, 2007, p.22).

Segundo BURKERT (1993, p.569), não se pode já duvidar que Pitágoras desenvolveu a sua atividade na segunda metade do século VI a.C. no Sul da Itália, sobretudo em Crotona e

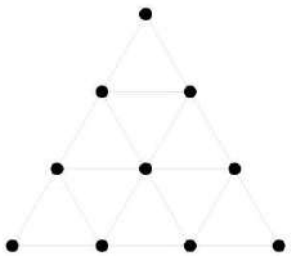
em Metaponto, onde morreu. Os testemunhos pré-platônicos revelam uma curiosa amálgama de simbologia numérica e saber aritmético com doutrinas sobre a imortalidade e a vida no além e com regras de uma vida ascética.

Pitágoras entendia que todos os seres viventes viviam como dentro de uma teia entrelaçada, como um todo dentro de um só ser, onde a alma podia, ao final da vida de cada corpo, migrar para outro ser. Assim, a alma de um homem podia renascer em um animal e vice-versa. Ele acreditava que existem ciclos de renascimentos e que a alma de cada ser é imortal - é a transmigração da alma ou metempsicose, relacionado a reencarnação.

> Na escola pitagórica, além da harmonia dos números, que tornou Pitágoras muito famoso, um outro aglomerado de ideias é a concepção da alma como imortal, e, portanto, potencialmente divina, já que na tradição grega a imortalidade é o atributo distintivo dos deuses. No pensamento pitagórico, a imortalidade é concebida em função da transmigração das almas (com a noção relacionada de parentesco entre todos os seres viventes) e também na possibilidade de purificação e libertação do ciclo do renascimento, da escravidão da forma corporal (KAHN, 2007, p.18).

Segundo BURKERT (1993, p.569), Aristóteles, nos chamados versos órficos, afirmava que a alma, levada pelos ventos, saía do universo e entrava num ser vivo com a primeira golfada de ar; no entanto, Aristóteles também conhecia ditos pitagóricos, segundo os quais qualquer alma podia entrar em qualquer corpo. E num poema de escárnio, Xenófanes, a nossa testemunha mais antiga, atribui a Pitágoras a crença de que em um cão açoitado podia estar a alma de um homem.

Em seus ensinamentos podemos encontrar a proporção áurea que muitos utilizam em arquitetura e que representa a harmonia perfeita em tudo o que se faz, principalmente em obras de arte. Pitágoras a utilizou na estética através da música e criou o que se chama de “tetractys”, que é uma figura feita através de pontos que correspondem a um triângulo equilátero perfeito, representando assim a perfeita forma geométrica de tudo como é feito no universo.



Tetractys

Olhando para a figura da tetractys, temos em cada fila, respectivamente, 1,2,3,4 pontos onde a soma destes é igual a 10, Pitágoras entendia que o número 10 é o número da unidade. O número perfeito. Em seus rituais, com seus alunos, ensinava-os a meditar diante dessa imagem na busca do entendimento da perfeição divina.

Em seu estilo de vida, Pitágoras fazia abstinência de carne e pregava o silêncio como forma de contemplação do eu interior e essa era a primeira iniciação que exigia dos pitagóricos, seus alunos, que só passavam para níveis posteriores da sua filosofia, se cumprido à risca o primeiro estágio.

> Ficaram em silêncio durante cinco anos, ouvindo apenas a doutrina; e eles nunca viram Pitágoras até que essa aprovação fosse completada. A partir daí eles foram até a casa dele e participaram de sua exibição. Pitágoras disse: O silêncio é a primeira pedra do templo da sabedoria (RUBIO, 2013, p.39).

Os ensinamentos de Pitágoras nos dias atuais são tão importantes em ordens esotéricas, que, a AMORC, tem no seu calendário, todo mês de fevereiro, um ritual em homenagem a este filósofo. Ordens esotéricas deram significados abundantes para a tetractys, como cada fila representar um elemento da natureza: fogo, ar, água e terra.

O Apolônio de Filóstrato, como um filósofo neopitagórico, se assemelha em muitos detalhes aos ensinamentos de Pitágoras e sua filosofia. Como narra a VA, Apolônio cumpriu a lei do silêncio como sua primeira iniciação, não comia nada de origem animal como método de purificação corporal, levava uma vida ascética, vestia-se apenas com linho, tinha sabedoria filosófica e religiosa. Acreditava na imortalidade da alma e sua espiritualidade buscava o fortalecimento do eu interior e ensinava às pessoas como se comportar diante dos deuses.

> Na vida interior e mística, todos os adeptos e avatares são salvadores "divinamente concebidos". Isto simboliza seu "nascimento místico" durante o Mistério da Iniciação: o dia do verdadeiro nascimento de uma pessoa é aquele em que ela "renasce" para o mundo espiritual (FINGER, 2013, p.49).

Conforme Filostrato, Apolônio vivia uma vida muito simples, abdicava de bens materiais, era muito rigoroso com sua espiritualidade. Foi celibatário e determinado com seus horários para preces e meditações e muito admirado por esse requisito de ascetismo que resolveu dar para sua vida.

> ...mais ainda, andava descalço, deixou o seu cabelo crescer livremente, e vestia-se somente com tecidos de linho. Passou a viver no templo, para admiração dos

> sacerdotes e com a aprovação expressa de Esculápio e rapidamente se tornou tão famoso pelo seu ascetismo e sua piedade... (MEAD, 2007, p.64).

Muitas tradições religiosas, principalmente as orientais e algumas ordens esotéricas, também pregam a imortalidade da alma, porém, com uma roupagem diferente à chamada metempsicose como ensinava Pitágoras e posteriormente Apolônio. Algumas relatam que acontece devido ao karma, outras por processo de aprendizagem até a evolução total do ser, mas, como um bom pitagórico Apolônio entendia que todos os seres viventes respiravam da mesma atmosfera e como tal deveriam ser tratados com igualdade, pois no corpo de um animal, poderia estar a alma de um homem. “O leão me pede para que você saiba qual é a alma do homem que ele possui. Bem, este é Amasis, rei do Egito, do nome de Sais. Com estas palavras Apolônio identificou a alma de um rei no corpo de um leão domesticado, que ao ouvir as palavras soltou um rugido e derramou lágrimas. (VA, V, 42).

Em outra passagem sobre a metempsicose, Filostrato cita uma defesa de Apolônio quando estava sendo questionado por Domiciano: “Isso pareceu a Apolônio repleto de tanta verdade que mais tarde ele disse a mesma coisa a Domiciano no discurso em sua própria defesa. Então, reiniciando o questionário, ele disse:

-E sobre a alma, o que você acha?

-Como Pitágoras comunicou a você, e nós aos egípcios.

-Você diria então", disse ele, "que, assim como Pitágoras declarou que era euphorbus, você também, antes de voltar ao seu corpo, era um dos troianos, ou dos aqueus, ou qualquer outra pessoa?" (VA, III, 19).

Ainda sobre a imortalidade da alma, em uma de suas cartas Apolônio escreve para Valério, cônsul em 70 d.C. em uma sábia consolação filosófica, pelo falecimento do cônsul, dizendo assim:

> Não existe a morte de ninguém, exceto na aparência, e não existe nenhum nascimento, a não ser aparente. A passagem da essência à substância é o nascimento; assim como a morte é a passagem da substância à essência. Na realidade, ninguém nasce e ninguém morre. Tudo surge para se tornar, ora visível, ora invisível; primeiro, pela densidade da matéria e, segundo, pela subtileza do ser, que é sempre o mesmo na mudança, quer se mova, quer esteja em repouso. É próprio do ser mudar de estado e essa mudança não lhe vem do exterior, pois o todo subdivide-se em partes e as partes reúnem-se no todo... (MEAD, 2007, p.169).

A lei do silêncio que Pitágoras e Apolônio praticavam, não era apenas uma determinação para ficar calado. Na verdade, era uma lei de elevação da alma aos planos espirituais, como se

o silêncio fosse um lugar sagrado para acalmar a mente diante de um mundo tumultuado e em transformação. A lei do silêncio mostra o quanto o indivíduo tem autodisciplina nas questões espirituais. Apolônio praticou essa lei de forma árdua.

> Ele diz que esse modo de viver, que praticou durante cinco anos inteiros, foi o mais doloroso para ele; porque, tendo muitas coisas a dizer, não as disse, e tendo ouvido muitas coisas para se irritar, ficou com raiva. Ele foi forçado a não os ouvir e, quando se sentiu compelido a repreender muitos, disse a si mesmo para resistir, de coração e de língua. Quando o raciocínio discordou dele, ele adiou as refutações (VA, I, 14).

Silenciar pode ser a melhor forma de expressão existente em ocasiões diversas e não apenas para autoconhecimento e reflexão. Silenciar aguça a observação e contemplação: "Não precisas espantar-te com o conhecimento que tenho das línguas, pois, para te dizer a verdade, também conheço todos os segredos do silêncio humano" (VA, I, 19). Ao dizer isso, Apolônio revela que, ao silenciar a boca, o corpo humano revela seus segredos mais profundos, desenvolvendo e apurando os outros sentidos, sensoriais e racionais, que uma vez exercitados, absorvem tudo.

> "Em particular guardaram a lei do silêncio, tomando-a como ciência divina. Porém, entendiam em segredo as vozes divinas, sobre as quais teria sido difícil manterem o silêncio, se antes não tivessem sabido que o silêncio também é uma linguagem" (VA, I, 1).

Rubio fala do silêncio como docilidade da alma: "A docilidade é o oposto do orgulho. A arrogância, o poder sobre os outros, o orgulho, são impedimentos à promoção. A docilidade é um elemento essencial no caminho da ascese. É a vontade de compreender, os primeiros passos inevitáveis no caminho da ascensão." (RUBIO, 2013, p.39).

No templo de Apolo em Delfos existe uma máxima: "homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses". Essa máxima atribuída ao filósofo grego Sócrates, informa que o homem deve buscar dentro de si e não externamente, toda a verdade. Mas, não uma verdade restrita e limitante, e sim, uma verdade libertária e expansiva. É reconhecendo nossas capacidades e possibilidades que podemos alcançar o melhor de nós. Adentrando nas profundezas do nosso ser, vencendo nossos medos e nossas paixões. Rubio, em um dos trechos, fala desse silêncio:

> "A consciência pode chegar profundamente através de um trabalho especial de internalização. Nessa internalização irrompe o que está sempre oculto, encoberto pelo ruído da consciência. É nas profundezas que se encontram as experiências de espaços

> e tempos sagrados. Em outras palavras, nas profundezas está a raiz de todo misticismo e de todo sentimento religioso. ” (RUBIO, 2013, p.42).

Montain (2017, cap.4) diz que quando Apolônio adotou a filosofia pitagórica como prática de vida, ele se isolou por um período de cerca de cinco anos, mantendo um silêncio quase absoluto nesse período, como recomendava Pitágoras, para que pudesse alcançar uma elevada purificação de alma, capaz de aproximá-lo do Santo Espírito, a origem da vida. Mais tarde, na Escola que fundou em Éfeso, Apolônio somente ensinava os mistérios de Deus e do Universo para aqueles que tivessem vivido e passado com pleno sucesso por um período de cinco anos de silencio, quando deveria ser alcançado um elevado e puro estado de alma.

Para Semírames, a influência de Pitágoras que trata sobre a abstinência de carne exercida sobre Apolônio e que hoje chamamos de vegetarianismo ou veganismo, tem dois fatores: Um político e outro espiritual. O político trata de uma rejeição à cidade pelo fato de esta autorizar sacrifícios de animais aos deuses, onde, os homens comem a carne e oferecem os odores aos mesmos. Pitágoras e Apolônio, entendem que não há necessidade de sacrificios animais para adquirir bençãos dos deuses, para eles bastava a oração. O fator espiritual está ligado à transmigração das almas, uma vez que os mesmos entendiam que a alma de um homem poderia habitar o corpo de um animal. Sendo assim, ao comer carne de animal, os mesmos poderiam estar praticando canibalismo. Daí vem a questão da reforma política nos cultos de mistérios que Apolônio exercia.

> Para os pitagóricos, que nos interessam em especial por ser a corrente filosófica de Apolônio, a dieta livre de carne, mito possivelmente, estivesse fundamentada na ideia de que as almas podiam ocupar o corpo de homens e animais, havendo uma necessidade de respeito dos seres humanos, pois os animais podiam ter a alma de algum de nossos antepassados (CORSI SILVA 2024, p.123).

3.3. Religião cívica grega

A religião cívica grega era uma mescla de diversos eventos, como: ritos, festas, oferendas, como também crenças em deuses e seus templos - espaços sagrados. Como estado e religião se entrelaçavam, muitos dos festivais eram patrocinados pelo estado. Sendo assim, uma festa pública, podia ser praticada por todos, estava enraizada em qualquer setor da sociedade.

Diferente das religiões com seus dogmas e livros sagrados, a religião cívica grega baseava-se nos mitos e seus cultos. As pessoas se interessavam pelas narrativas dos mitos e os seus simbolismos. Cada um tinha a sua vivência capturada pelo mito.

> Os cultos para as divindades gregas eram feitos através dos ritos, festas, e o comportamento que se tinha perante a sociedade e a família (LOPES, 2020, p.12).

Conforme (LOPES, 2020, p.12), era tipo de religião praticada por todos, algo que era incorporado em todas as camadas sociais. Envolvia oráculos, faziam-se consultas, portanto, existiam os medos ou respeito para com as divindades, no sentido de sofrer punições caso não cumprissem as suas vontades. Esse tipo de religião, além de dar uma identidade social e cultural para aquela região, não compartilhva o conceito de fé que temos hoje.

Essa religiosidade grega é baseada também em festas comunitárias. Cada polis tinha seu padroeiro, onde seus devotos faziam preces em busca da troca e como um dos conceitos de religião é religar-se, essa ligação pode ser entre as pessoas, numa forma de agregação da sociedade, tornar-se mais una e como o estado exercia seu papel, isso significa, tornar-se forte politicamente.

Para ministrar todos esses eventos, além do estado que fazia toda a organização, existia o sacerdote, figura de grande importância, que organizava toda parte relacionada à devoção.

Segundo LOPES (2020, p.14), o sacerdote servia como um intermediário dos deuses para com os homens, e ele muitas vezes vivia separado do convívio público, e se direcionava maior parte do tempo nos templos, lidando dos assuntos pertinentes aos cuidados com a infraestrutura dos locais, o recebimento e sacrifício de oferendas, e poderia também aconselhar qual seria a vontade dos deuses, conforme o comportamento social que algum indivíduo possuísse dentro da vida social.

Concernente a Apolônio, segundo as narrativas de Filostrato, o mesmo era bem interligado a essa religiosidade grega, no sentido de obediência aos deuses e levar uma vida moral e ética. Seus discursos sempre foram baseados numa harmonização social, manteve sempre respeito aos espaços sagrados e templos, sua busca pela sabedoria, não só filosófica, mas, também religiosa e o simbolismo dos mitos.

O Apolônio Filostratiano, reformou diversos cultos gregos e sua personalidade era ideal para servir como sacerdote, pois reunia em si todos os critérios prováveis de tal religião como saber curar, lidar com o sobrenatural e todo autodomínio da própria vida que lhe dava a tintura de individualidade. Ele era um homem sábio que ensinava até mesmo aos sacerdotes como se comportar diante dos deuses. Em sua filosofia de vida, ele sabia lifar com a justa medida das

coisas - “concedei-me, oh deuses! Que tenha pouco e não precise de nada” (VA, I, 34) - e seus merecimentos – “Oh deuses, dai-me o que me é devido” (VA, I, 12).

> Apolónio acreditava na oração, mas quão diferentemente do vulgo! Para ele, a ideia de que os deuses pudessem modificar o curso da reta justiça pelas súplicas dos homens era uma blasfémia; e que os deuses pudessem tornar-se partidários das nossas esperanças e temores egoístas, era algo impensável para o nosso filósofo. Só sabia de uma coisa: que os deuses eram os ministros da justiça e os rígidos administradores do justo merecimento. A crença comum, que ainda persiste nos nossos dias, de que Deus pode ser desviado do Seu propósito, quando nos dirigimos a Ele ou aos Seus ministros, era totalmente aberrante para Apolónio. Os seres com quem tais pactos podiam ser feitos, fazendo-os desviar dos seus propósitos, não eram deuses, mas entidades inferiores aos homens (MEAD, 2007, p.157).

Como consta nas narrativas, respeitava os rituais de mistérios fazendo diversas iniciações, como os mistérios bacos e de Elêusis, tornando-se um iniciado de grau elevado, passando pelos obstáculos impostos pelos dramas que cada iniciação outorgava, respeitando todas as tradições, que naquela época já se misturava com tradições romanas e cristãs, empunhando toda sua sabedoria religiosa e espiritualidade.

> Apolónio chegou a Atenas na altura dos Mistérios Eleusinos, e a despeito dos festivais e ritos, não só o povo, mas também os candidatos acorreram até ele, negligenciando as suas obrigações religiosas. Apolónio censurou-os, e ele mesmo cumpriu os ritos preliminares necessários e apresentou-se para a iniciação (MEAD; AMARANTE; ABALADA, 2013, p.135).

Dentre os rituais, na religião cívica grega, existia um no altar ao ar livre do templo de Apolo em Delfos, o culto ao fogo. Apolônio levava muito a sério este ritual, pois o fogo representava para ele, a energia vital, o pulsar da vida, o elemento de transmutação e de purificação, algo que transcende e renova o ser, como quando no Egito ele disse “Se de fato tivésseis conhecimento da natureza do culto do fogo, veríeis quantas coisas são reveladas no disco do Sol quando nasce” (VA, V, 25). Com essas palavras Apolônio correlaciona o fogo com o sol, elemento de renovação e esperanças. As flores se abrem, os pássaros cantam e os homens se renovam em suas vidas.

> Do mesmo modo que em casa não se deixa que o fogo se extinga, em muitos templos é também mantido um fogo eterno, sobretudo no templo de Apolo em Delfos e em outros templos. Tal fogo é símbolo da continuidade do santuário e da comunidade. O extinguir-se e reinflamar do fogo representam de modo impressivo a consumação, a purificação, o reinicio (BURKERT, 1993, p.137).

Os rituais de curas, que faziam parte da religião grega eram promovidos por Apolônio no templo de Asclépio, deus da cura e da medicina. Hoje sua representação simbólica se dá através de um bastão com uma serpente entrelaçada. As narrativas mostram a aprovação do próprio deus aprovando Apolônio realizar as curas quando falou a um alcoólatra para se consultar com Apolônio: "Se você falar com Apolônio, se sentirá melhor" (VA, I, 9). Eis que Apolônio o recomendou: "Mantenha um silêncio piedoso. Porque é concedido àqueles que o amam, mas você faz o oposto do conveniente para a sua doença, porque entregue ao prazer, acumula mordidas requintadas em suas entranhas encharcadas e quebradas e envolve a água com lama" (VA, I, 9).

> De imediato tornou-se um reformista e, tendo sido iniciado pelos sacerdotes no Templo de Asclépio, aí aprendeu a fazer prodígios (milagres) e a curar os doentes encomendados ao deus da medicina. Tendo tido a aprovação do oráculo, fixou residência no templo de Esculápio, onde Hipócrates estudara e se tornara o pai da medicina moderna, criador do juramento médico. Pouco tempo depois passou a ser conhecido pelas inúmeras curas que aí operou, tendo muitas pessoas doentes rumado ao templo, a fim de serem curadas por Apolónio de Tiana (MEAD; AMARANTE; ABALADA, 2013, p.24).

Sobre a influência da Religião cívica grega, segundo as narrativas de Filóstrato, dar-se de uma forma política, uma vez que Filóstrato utiliza-se do Personagem Apolônio para firmar a identidade grega dentro do império romano, uma vez que naquele tempo, século III d.C., os cultos e festividades já se viam enfraquecidos.

3.4. Cultos de mistérios

Na Grécia, na antiguidade tardia, existiam vários cultos de mistérios. Estes cultos eram privados, no sentido de secretos, e talvez seja esta a razão principal para que delas tenhamos registros tão escassos. Dentre eles devem ser enumerados cultos de mistérios frígios, báquicos, de Ísis e de Mitra, além dos mistérios de Elêusis.

Na VA, Filostrato narra que Apolônio fora iniciado nos mistérios de Elêusis e nos mistérios báquicos, entre outros. Esses mistérios, para os participantes, são dispostos em dramas encenados como peças teatrais que levam o iniciando a entender simbolicamente, noções sobre a natureza e seus ciclos, uma vida renovada e mais espiritualizada, o domínio de si mesmo fortalecendo o eu interior, entre outros significados.

Conforme FINGER (2013, p.49-50), o protagonista deve passar pelas provas da iniciação. É tentado, mas triunfa sobre o reino das trevas. Os estados interiores são simbolizados, nas várias dramatizações dos mistérios, como os graus e provas da Iniciação. Apolônio, é óbvio, derivou seu nome do deus do sol, Apolo, e a saga solar alegórica identificava suas provas com os doze signos zodiacais. Mesmo as suas viagens, descritas misticamente, revelam uma viagem através dos signos.

3.4.1. Mistérios de Elêusis

Os mistérios de Elêusis baseiam-se no mito de Demeter e Perséfone. Perséfone, filha de Demeter, foi raptada por Hades, deus do submundo. Demeter, deusa que cuidava da agricultura, viveu em busca de sua filha e por consequência de não a achar promoveu grande período de seca nas plantações, gerando fome e desespero entre os homens. Zeus intercedeu e ordenou que Hades a libertasse. Porém, Hades a libertou fazendo com que a mesma passasse um período do ano com ele, pois, era muito apaixonado e, um período do ano com a mãe. Desta forma, por no período do ano em que Perséfone ficava com a mãe Demeter, as plantações floresciam e frutificavam.

> Este culto atraiu homens e mulheres de toda a Grécia e, posteriormente, de todo o Império Romano, para, como se afirma repetidamente, lhes conferir felicidade e consolo. Segundo Diodoro, era a particular longevidade e a pureza inalterável do culto que faziam a fama de Elêusis. Mas foi a posição única de Atenas na literatura e na filosofia dos gregos que fez com que esta fama se difundisse por todo o lado (BURKERT, 1993, p.545).

O simbolismo deste culto tem a ver com as estações do ano. Numa relação com o mito, os períodos que Perséfone estaria com Hades, seriam outono e inverno, sendo estas as estações menos frutíferas. Quando Perséfone subia do submundo, as estações estariam na primavera e verão, estações mais frutíferas. Assim, desta forma, os ciclos se repetiam de tempos em tempos.

Homens e mulheres que queriam participar das iniciações deste mistério, primeiro passavam por uma purificação e depois pelo ritual secreto. Esses ciclos têm o significado, entre os participantes, sobre a vida e a morte, assim como os ciclos da natureza e o ciclo do sol, que se põe e renasce todos os dias. No final da iniciação os iniciados tinham a promessa de uma boa vida espiritual assegurada.

> Os mistérios foram celebrados em Elêusis por cerca de dois mil anos, e é muito provável que certas cerimônias tenham se modificado com o passar do tempo. Os

> pequenos mistérios, aqueles que não exigiam segredos, eram celebrados uma vez por ano, na primavera, durante o mês de antestérion. A cerimônia compreendia uma série de ritos (jejuns, purificações e sacrifícios). Os grandes mistérios, os secretos, eram feitos também uma vez por ano, geralmente em setembro e outubro. As cerimônias se desenrolavam durante oito dias, e todos aqueles que falavam grego, mulheres e escravos incluídos tinham direito à iniciação, desde que tivessem cumprido os ritos preliminares (ELIADE, 1978, p.280 e 281).

Conforme BURKERT (1993, p.546), a iniciação era um ato de escolha individual. O primeiro ato era o sacrifício de um leitão. Cada mystes[14] tinha de trazer o seu leitão. Segundo uma descrição, o mystes banhava-se no mar com seu leitão. Ele entregava o animal à morte no local apropriado. Seguia-se uma cerimônia de purificação que no hino homérico era executada pela própria Demeter para dar o exemplo. Sem dizer uma palavra ela senta-se num banco, sobre o qual se encontra esticada uma pele de carneiro, e cobre a cabeça. O que na vivência subjetiva do mystes, com a cabeça e os olhos tapados, era vivido como ameaça, era interpretado na antiguidade como purificação pelo ar e pelo fogo. No relevo, segue-se a esta cerimônia o encontro com Deméter. Isto indicava certamente a festa propriamente dita: enquanto não tiveres alcançado o Anactóron ainda não foste iniciado.

Diz o ditado popular, "na vida há jeito para tudo, só não há jeito para a morte". Este dito cabe muito bem para a representação da encenação desse mito, pois o homem busca a felicidade intensa em vida, porém não se sabe o que vem após a morte. Sendo assim, o mito, em sua iniciação ritual leva o iniciado à esperança de uma boa morte e à esperança do renascimento.

> A principal contribuição de Elêusis era de ordem soteriológica, onde os iniciados buscavam a salvação post mortem, que os separava da massa de não iniciados. Assim, os mistérios eleusinos podem ser considerados um sistema religioso que completava a religião olímpica e os cultos públicos (ELIADE, 1978, p.285).

Existia um hierofante responsável pela admissão dos iniciandos, ao mistério. Na VA narrada por Filóstrato relata-se o diálogo entre Apolônio e o hierofante, quando este se submeteu à iniciação:

> "..., mas depois de aportar no Pireu, no limite da época dos mistérios, quando os atenienses celebram o mais popular entre os gregos, apressou-se em subir do navio para a cidade; O hierofante, porém, não quis admiti-lo nos ritos, sob o pretexto de que jamais iniciaria um feiticeiro ou abriria Elêusis a um homem que não fosse puro em relação ao divino. Apolônio, sem perder o equilíbrio habitual, disse: -Você ainda não

[14] Mystes refere-se ao iniciando.

> disse a coisa mais importante pela qual eu poderia ser acusado: que sei mais sobre iniciação do que você, mas vim disposto a me iniciar como se estivesse ao lado de alguém mais sábio que eu. O hierofante, vendo que removê-lo não causaria boa impressão no povo, mudou de tom e disse: - Comece, porque você parece ter vindo como um homem sábio. Apolônio respondeu: Eu me iniciarei em outra ocasião, e fulano de tal me iniciará - exibindo sua presciência em relação ao hierofante que, depois dele, presidiu o templo quatro anos depois" (VA, IV,19).

Este diálogo relata um retalhamento por parte do hierofante, pois Apolônio por muitas vezes foi acusado de charlatão e feiticeiro pelos seus feitos, porém posteriormente, o mesmo concluiu sua iniciação.

Além dos ensinamentos pitagóricos e dos magos orientais adquiridos por Apolônio, a participação nos mistérios de Elêusis reforçou ainda mais sua crença na transmigração das almas, reencarnação e numa vida pós morte. Isso está bem exposto quando o mesmo detecta que um leão é a encarnação de um faraó egípcio e ele mesmo se reconhece como a encarnação de Proteu, um deus egípcio.

Apolônio não apenas trabalhava a purificação do corpo, como também da alma. Como trabalhava não apenas o conhecimento interior, mas também o conhecimento do homem e da natureza, entender sobre os ciclos desta o ajudariam ainda mais na sua jornada até a sabedoria plena ou luz maior.

Damis afirma que nosso personagem manteve muitas palestras em Atenas, mas não as escreveu todas, mas apenas as essenciais e as que tratavam de temas importantes. Seu primeiro discurso, desde que viu que os atenienses gostavam de sacrifícios, foi sobre as cerimônias sagradas, como cada um deveria adaptar seu sacrifício, libação ou súplica ao que era apropriado para cada um dos deuses e a que horas do dia e à noite.

3.4.2. Mistério de Dionísio

O culto de Dionísio é muito antigo na Grécia. Apesar disso ele estava em constante alteração. Dançarinos gordos, cujo disfarce sugerem uma nudez grotesca, são representados a dançar, a beber vinho e a pregar todo gênero de peças e brincadeiras.

Dionísio é o deus das festividades, da bebida – vinho - da loucura, do teatro. O ritual se dá durante o período noturno. Mulheres, chamadas bacantes, devido ao sincretismo romano que o chamou de Baco ou mênades – devotas de Dionísio - entram em transe e ficam a dançar,

cantar hinos e a correr pelas montanhas e caçam animais, os matam e comem as suas carnes cruas.

> A par dos festivais dionisíacos públicos emergem mistérios privados em honra de Dionísio. Estes são esotéricos e realizam-se durante a noite. O acesso é feito através de uma iniciação individual (BURKERT, 1993, p.554).

No teatro, foi justamente numa peça de gênero, tragédia grega, de Eurípedes que a mãe de Penteu, em transe durante o ritual de Dionísio, pensando ter visto um jovem leão, arrancou-lhe a cabeça.

O êxtase das pessoas durante o ritual, tinha a finalidade de elas se libertarem de seu estado primário social e conservador. Apesar de as pessoas se sentirem livres, isso gerava uma certa desordem. Nesse sentido Dionísio também era o deus da destruição e do caos

Ao termino do ritual e o retorno à razão, os participantes sentiam-se purificados, curados e renovados. Morria-se o velho homem e nascia um novo, com uma nova visão de mundo, sentindo-se mais próximos do deus.

> Para Platão, finalmente, Dionísio é o senhor da loucura teléstica, que ele distingue como um tipo de loucura profética, musical e erótico-filosófica. O deus atua através de purificações e iniciações, trazendo a salvação da doença e das maiores aflições que se manifestam numa família talvez devido a alguma antiga culpa. A pessoa tem de se entregar à loucura e deixar-se arrebatar pelo deus, de forma a libertar-se e curar-se não só para o presente, mas também para todo o futuro (BURKERT, 1993, p.556).

Dionísio também era o deus da fertilidade. Seus rituais faziam mostrar o quanto a terra era generosa e dela brotava leite e mel, além de vinho. Simbolizando a felicidade da mãe terra, como se dissesse a seus filhos que, estando mais próximo do deus, ela daria a eles um novo mundo, com alimentos em abundância, onde a fome nãos mais reinaria.

> A iniciação dionisíaca consome-se no devaneio. Este devaneio é uma benção. A terra transforma-se num paraíso onde o leite, o vinho e o mel brotam do solo...uma nascente primitiva de energia vital estilhaça a crosta refinada da cultura urbana. Constrangido e atemorizado pelo cotidiano da vida normal, o homem pode aqui libertar-se de tudo o que o oprime e desenvolver o seu verdadeiro eu. O devaneio transforma-se em revelação divina, numa fonte de significado que contrasta com um mundo cada vez mais racional e profano. (BURKERT, 1992, p.556;557)

Decorridos mais de um século de pesquisas, Dionísio ainda permanece um enigma. Pela sua origem, pelo seu modo de ser, pelo tipo de experiência religiosa que inaugura, ele se afasta

dos grandes deuses gregos. Segundo o mito, Dionísio é filho de Zeus e de uma princesa, Sêmele, filha de Cadmo, rei de Tebas (ELIADE, 1978, p.338).

Por ser filho de um deus com uma mortal, Dionísio tinha uma conexão forte com os humanos e servia de ponte para o mundo divino. Por ser tão próximos dos homens, o mesmo conhecia suas dores e desta forma seus rituais levavam os homens a um estado alterado de consciência, liberando seus medos, angustias e preocupações. Como era muito ligado à fertilidade seus rituais eram realizados nas florestas e não em palácios ou templos. O que o fazia ser diferente de outros deuses do olimpo, foi a forma com que foi gerado, nas coxas de Zeus.

> O mistério era constituído pela participação das bacantes na epifania total de Dionísio. Os ritos são celebrados durante a noite, longe das cidades, sobre as montanhas e nas florestas. Com o sacrifício da vítima por despedaçamento e o consumo de carne crua, realiza-se a comunhão com o deus, pois os animais dilacerados e devorados são epifanias ou encarnações de Dionísio. Todas as outras experiências – a força física excepcional, a invulnerabilidade ao fogo e às armas, os prodígios (a água, o vinho, o leite que jorram do solo), a familiaridade com as serpentes e com as crias dos animais ferozes - são possibilitadas, pela identificação com o deus (ELIADE, 1978, p.345).

Conforme Eliade, o êxtase dionisíaco significa, antes de mais nada, a superação da condição humana, a descoberta da libertação completa, a obtenção de uma liberdade e de uma espontaneidade inacessíveis aos homens. As bacantes que devoravam as carnes cruas reintegravam um comportamento reprimido há dezenas de milhares de anos. Tais frenesis revelam uma comunhão com as forças vitais e cósmicas que só se podiam interpretar como uma possessão divina. Que a possessão tenha se confundido com a loucura era de se esperar. O próprio conhecera a loucura e o bacante nada mais fazia que participar das provas e da paixão do deus; afinal, era um dos meios mais seguros de estar em comunhão espiritual com ele (ELIADE, 1978, p. 346).

Para Apolônio, ser iniciado nos mistérios de Dionísio, lhe custou muito caro, pois o mesmo não se alimentava de carne e nem bebia vinho. A narrativa de Filostrato sobre a iniciação de Apolônio ao mistério de Dionísio nos chega através de um diálogo com Damis, seu discípulo:

> Ora, Dionísio também poderia me perdoar por não ter sido dominado por nenhum tipo de vinho; mas se você preferir o da tâmara ao invés do da videira, você vai ficar bravo, eu sei bem; e ele dirá que insultei seu presente. E não estamos longe do deus, pois você também ouviu o guia dizer que fica próximo ao monte Nysa, onde Dionísio realiza, creio eu, muitas ações admiráveis. Por outro lado, ao embriagar-se, Damis, não apenas os cachos de uvas invadem os homens, mas também as tâmaras igualmente os enlouquecem. Na verdade, já conhecemos muitos índios que se deixaram levar por

> esse vinho; alguns dançam enquanto caem, outros cantam, sonolentos como aqueles entre nós que se abstêm de beber à noite e em horas estranhas. Você também faz isso quando bebe vinho, você demonstra fazendo uma libação com ele a Zeus e dirigindo-lhe tantas orações quanto acompanham o vinho. Resta dizer isso, Damis, em minha defesa, porque eu não impediria você ou esses companheiros de beber e até te perdoaria se você comesse carne, pois ao se abster disso, vejo que não lhe beneficiou em nada. Para mim, porém, sim, pelo que professo em matéria de filosofia desde muito cedo. (VA, II, 7):

Conforme Amarante, Apolônio demonstra que um homem religioso poderia adaptar a libação a qualquer deus e que era possível o sacrifício sem sangue (MEAD; AMARANTE; ABALADA, 2013, p.29).

A aproximação de Apolônio com o deus Dionísio se dava de certa forma, por essa selvageria implantada nos rituais dionisíacos, que representava o pulsar de uma sociedade inquieta que precisava de liberdade e que naquele momento vivia um período de invasão romana onde as regras e leis foram modificadas de acordo com o império em questão.

> A lei obriga-nos a morrer pela liberdade, e a natureza ordena que morramos pelos nossos pais, nossos amigos, ou nossos filhos. Todos os homens estão submetidos a estes deveres (VA, VII, 15).

Por várias vezes Apolônio confrontou imperadores e reis do seu tempo, que apesar de ser um cidadão do mundo pelas viagens que fez e reformador de cultos, prezava muito bem pela cultura grega e sua religião cívica. O mais acirrado confronto foi com o imperador Domiciano como narra Mead; Amarante e Abalada de acordo com a VA:

> Domiciano emitiu uma ordem ao governador da Ásia para prender Apolónio, mas este, prevendo os acontecimentos, partiu para Roma. No entanto, foi preso por Eliano, um conselheiro de Domiciano, quando navegava do Tibre para Roma. Damis receou que Apolónio não tivesse tempo de preparar a sua defesa e, vendo as condições em que o mestre se encontrava, chorou. Apolónio, vendo a falta de "fé" do seu companheiro, disse: "Até onde o veredicto da corte for, estarei livre ainda hoje; mas, se de pender da minha vontade, será agora mesmo" (MEAD; AMARANTE; ABALADA, p.31).

O culto a Dionísio muitas vezes se utilizou da estética teatral para representar essa agonia, essa angustia de uma sociedade que no momento se encontrava de certa forma reprimida. Esta forma de arte tinha como propósito atingir as massas, numa tentativa de mostrar a realidade numa peça de ficção.

Como na religião civica grega, os mitos eram muito valorizados e os cultos muitos se baseavam nos mitos, Filóstrato tratou em sua obra biográfica sobre Apolônio de Tiama, em fortalecê-los, inserindo o seu biografado dentro do contextos desses cultos, colocando-os como grandes influências nos aspectos iniciáticos de Apolônio.

3.5. Recepção de Apolônio em ambientes esotéricos

Algumas correntes fundadoras do esoterismo moderno são: A teosofia, a gnose e o hermetismo. Essas três correntes irão perpassar outros elementos que contribuirão com o esoterismo: cabala cristã, philosophia perennis, filosofia da natureza, rosacrucianismo e outras sociedades secretas. Como os rituais são de cunho particular e, cada corrente tem suas interpretações individuais, não cabe citá-los.

3.5.1 Esoterismo de Apolônio

Como é de praxe, para ensinar, Apolônio precisou de muito conhecimento e conforme as narrativas de suas supostas viagens, ele aprendeu com diversas correntes filosófica, como sábio hindus, persas e os gregos. Extraiu o melhor de cada uma e como ele era um cidadão do mundo, via toda humanidade como uma só nação e todos os locais como sua pátria. Todos os locais, eram lugares onde ele poderia aprender e dar sua contribuição, respeitando sempre as particularidades de cada região.

A pesquisa adentrará apenas nos textos e linguagem velada ou simbólica pronunciada por Apolônio de Tiana e citará oito passagens da vida de Apolônio[15]

Primeira passagem: O rei pergunta que presente ele traria de sua viagem à Índia? – Um presente que lhe agradará, pois se minha estada lá me tornar mais sábio, voltarei para o senhor melhor do que sou agora (VA, I, 41).

Assim diz o dito popular, só é útil o conhecimento quando nos tornamos melhores, pois nossas palavras e ações estão impregnadas do que há de melhor em nós.

Segunda passagem: Findos os quatro meses na Índia, Apolónio estava pronto para partir. Entregou uma carta a Iarcas onde dizia: “Cheguei até vós por terra, e presenteaste-me com o

[15] As 8 passagens e interpretações são citações da NOVA ACRÓPOLE BRASIL com alguns acréscimos do próprio autor da dissertação. Acessadas através do link: https://www.youtube.com/watch?v=NYIJQlfVUwo em 25/06/2025.

mar; compartilhando a vossa sabedoria, fizeste-me voar pelos céus, essas coisas relatarei aos gregos porque não bebi a taça de tântalo em vão" (VA, III, 51).

Numa linguagem simbólica, Apolônio diz que chegou a pé, pela terra, em sua modéstia, dizendo que foi com pouco conhecimento e foi presenteado com um mar de sabedoria das tradições milenares dos brâmanes e isso lhe fez expandir sua consciência (voar pelos céus), deu amplitude no espaço e no tempo, dando conotações atemporais para seus conhecimentos. Sendo tântalo um personagem da mitologia grega que tomou o néctar dos deuses em busca da imortalidade, Apolônio entrou em contato com essa imortalidade, pois o conhecimento nos remete a aquilo é de mais essencial em nós, o que é mais perene, duradouro, aquilo que somos realmente, o que é imortal.

Terceira passagem: Apolônio estava em Termópilas, onde aconteceu uma guerra entre os espartanos e os persas, região montanhosa. Seus discípulos perguntaram - Qual era o lugar mais alto da Grécia? – Termópilas é o ponto mais alto, pois os que aqui morreram por causa da liberdade elevaram-se à altura do monte Eta e acima de muitos olimpos (VA, IV, 23).

As montanhas remetem simbolicamente à elevação, estado alto de consciência, pois, para morrer pelo seu país, sua cultura e suas tradições, precisariam estar com a consciência bem elevada.

Quarta passagem - se deu quando Apolônio estava em Rodes, uma das ilhas gregas onde ficava o colosso, uma estátua muito grande, considerada uma das maravilhas do mundo antigo e que hoje não mais existe, era. Seu discípulo Damis o perguntou se havia algo maior do que o colosso. Apolônio respondeu que maior do que o colosso de Rodes é o homem que trilha o caminho da sabedoria de forma saudável e com sinceridade (VA, V, 21).

A citação saudável em sua fala, Apolônio queria dizer harmonia interna e externa, pois a medicina sabe das doenças psicossomáticas que tem como causa algum distúrbio nas emoções ou no psicológico. Desta forma deve haver coerência entre o pensamento, a fala e ações do indivíduo.

Numa outra passagem na (VA, V, 22), a quinta, Apolônio diz para um jovem muito rico que exibia a conquista da sua casa, que o mesmo não possuía a casa, mas, a casa é que lhe possui, rebatendo o apego exagerado às coisas materiais, esquecendo do lado espiritual.

O homem através de suas conquistas deve ampliar suas possibilidades e não as restringir.

O imperador Vespasiano pergunta a Apolônio o que deve fazer um bom rei? – Tendes medo de fazer tudo o que puderes, para que venhais a usá-lo com prudência. Obedecei a Lei, pois vos mesmo governará com sabedoria se não desprezardes a lei. No que concerne ao estado, age com um Rei, no que concerne a si próprio, age como uma pessoa comum (VA, V, 36).

As pessoas devem medir as consequências das coisas que fazem, pois, seus atos influenciarão muitas pessoas, ou para o bem, ou para o mal. Principalmente quando se trata de um governante.

Numa próxima passagem seus discípulos perguntaram como os escultores conseguiram esculpir obras tão perfeitas. Apolônio responde que a imaginação as produziu, a imaginação é um artífice mais sábio que a imitação. A imitação só faz aquilo que viu, enquanto a imaginação realiza o que nunca foi visto concebendo na forma que realmente é (VA, VI, 19).

O artista é aquele que vê as ideias. Platão já dizia que o nosso mundo vive à sombra do mundo das ideias. O artista não vê coisas deste mundo e sim coisas que estão além deste mundo. Por isso tanto vislumbre nas obras de artes esculpidas, pintadas, desenhadas, até mesmo escritas, dos artistas.

Em outra passagem Apolônio conversava com um sacerdote de nome Vespesião e disse: - penso que um homem não faz nada sozinho ou para si mesmo; nenhum pensamento seu é tão secreto que ele mesmo não seja sua testemunha (VA, VII, 14).

O sábio tem uma compreensão do seu papel no mundo e consciência de si mesmo. Cada ato que ele faz por mais simples que seja, tem uma consequência. Cada ato no cotidiano tem a sua importância, tem o seu valor. O sábio extrai o máximo de sua vida. Com essa consciência, nenhuma atitude é em vão. Ele mesmo é a testemunha do que está fazendo. Existe um dito: vá e roube sem que seja visto. Isso é impossível, pois você é testemunha de si mesmo. Esse é o bom sentido das palavras de Apolônio.

3.5.2. Alquimia

Conforme Montain, pode-se dizer que, em essência, a alquimia é a química da Luz da alma e que a química é a ciência da transformação de elementos e substâncias materiais em novos elementos e substâncias. São duas ciências que se completam no mundo e no homem. Tanto a alquimia como a química são processos que acontecem naturalmente nos seres vivos e nos reinos da natureza. Mas há uma grande diferença quando isso acontece espontânea e naturalmente, consoante os padrões definidos pela inteligência divina e quando as transformações seguem a vontade comandada pela inteligência de uma individualidade consciente, como o homem (MOUNTAIN, 2017, Cap.4).

Sabe-se que o homem através da química pode transmutar os elementos da natureza. Porém, quando se trata de alquimia, como na citação de Montain, a transmutação se faz na alma,

em outros termos, é uma transmutação espiritual e como o homem é consciente de si, essa transmutação se faz por decisão própria, de acordo com seus desejos.

Conforme Finger, existem três estágios para a alquimia no homem. O primeiro é o do homem conduzido como manada de bois, um homem de torrente que precisa que outro o diga o que fazer, não existe ainda o domínio de si. Porém, ao despertar, ele sacrifica o seu corpo, matando-o simbolicamente para uma nova situação de vida. Esse é o estágio do nigredo. É o sacrifício da matéria. Assim que este toma a decisão de mudar, ele se torna um homem de desejo. Purificando sua matéria - corpo – é o estágio albedo. O homem faz sua jornada em busca de conhecimento e ao atingir a sabedoria plena, ele se torna um homem espiritualizado, é o estágio rubedo. A exaltação da nova matéria, ressurgida, renascida. Nesse estágio o homem tem o domínio de si e passa a conduzir-se a si mesmo como menciona (FINGER, 2013, p.49) Todos os avatares têm sido na tradição da filosofia hermética inspirados por uma norma de vida que se baseia na Consciência Cósmica e não nas porfias mesquinhas de egos limitados e inconscientes. Não é de surpreender que a lenda de “despertar os mortos” seja característica habitual do “Mito dos Magos”. Estamos sempre mortos para as verdades de que não temos conhecimento. Conforme Jung:

> O negrume ou "nigredo" é um estado inicial, sempre presente no início como uma qualidade da "prima materia", do caos ou da "massa confusa”... A partir da "nigredo", a lavagem conduz diretamente ao embranquecimento, ou então ocorre que a alma (anima) liberta pela morte é reunida ao corpo morto e cumpre sua ressurreição. Neste ponto, a primeira meta importante do processo é alcançada: trata-se da "albedo”... A "rubedo" sucede então diretamente à "albedo", mediante a elevação do fogo à sua maior intensidade (JUNG, 1990, p.244).

No Corpus Hermético atribuído a Hermes Trismegisto afirma-se: “O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo”. Numa análise simples, o todo está no um como o um está no todo, ou seja, a natureza e a divindade se completam em uma só força universal. Esse é o estado da rubedo, o casamento alquímico entre corpo e espírito.

Micea Eliade em sua obra “ferreiros e alquimistas” também faz uma correlação da alquimia no homem em um dos métodos citados por ele, onde o chumbo é o metal pesado que precisa ser transmutado do nigredo para o albedo e posteriormente o rubedo, o ouro.

> O corpo é assimilado ao chumbo e o coração ao mercúrio, sendo outros elementos despertados e ativados nos níveis físico e anatômico do ser humano (ELIADE, 1979, p.69).

Apesar da obediência aos deuses e participar da religião cívica grega, a tradição esotérica posterior reconhece Apolônio como um alquimista em se tratando da transmutação de si mesmo e alcançar a espiritualidade plena, todas as iniciações que ele fez, as fez com o intuito de mudar o seu estado em níveis de torrente, aquele homem que vive em função da barriga, passando pelo nigredo. Ao tomar a decisão de viver por cinco anos em silêncio e se abster de alimentação de origem animal, ele passa por um processo de morte do velho homem e purifica-se entrado no estado albedo e passa a agir com o coração. Sua jornada em busca de conhecimento por todos cantos já mencionados nessa pesquisa, o colocava num processo de alcance da sabedoria, atingindo o estado rubedo, o estado espiritual. Assim ele se torna um homem incomum no sentido de saber usar forças sobre-humanas e não no sentido de ser um sobre-humano. Sabendo usar as forças da natureza, ele se insere nela, mas, de forma consciente, homem e natureza como um só ser.

> Apolônio observava não somente a parte simbólica das coisas, mas principalmente a realidade que envolve tudo, porque acima de qualquer coisa ele era um mago, que fazia questão de executar, falar e escrever respeitando as leis do universo, onde os homens estão inseridos como participantes da manifestação do Todo (MONTAIN, 2017, Cap.4).

De acordo com Filostrato em sua narrativa, Apolônio esteve entre os brâmanes e lá adquiriu a sabedoria hindu. Ali ele teria promovido curas, tanto físicas quanto mentais. Ele aprendeu que da natureza ele podia tirar os antídotos necessários para promoção das curas, onde muitos naquela época chamavam de milagre. Eliade fala da alquimia hindu como medicina mágica. Na citação ele mostra que junto ao significado químico da fixação (ou "morte") do mercúrio existe certamente um sentido puramente alquímico, ou seja, na hindu, o yoga-tântrico, em termos de alquimia, fixar ou matar ao mercúrio equivale a obter a supressão dos estados de consciência, meta última do Ioga.

> Daí a ilimitada eficácia do mercúrio fixado. O Suvarna Tantra afirma que comendo mercúrio morto (nasta-pista) o homem se faz imortal. Segundo o Rasaratnasamuccaya, o homem ao assimilar o mercúrio evita as enfermidades causadas pelos pecados de suas existências anteriores. O Rasaratnacara, menciona um elixir extraído do mercúrio para a transmutação do corpo humano em corpo divino. No mesmo texto Nágárjuna pretende dar remédio para apagar as rugas e os cabelos brancos e outros sinais de velhice (ELIADE, 1979, p.74-75).

São Tomás de Aquino definiu uma lista de sete pecados capitais, denominados: avareza; luxúria; gula; ira; inveja e soberba. Um termo maçônico diz que o homem nasce pedra bruta,

em suma, ele nasce com todos os pecados capitais e precisa, de acordo com conhecimentos e sacrifícios de si mesmo, polir esta pedra e se tornar refinado, um homem sem pecados capitais e apenas virtudes plenas, o chamado homem celestial que conversa com os deuses com intimidade. São estas correlações com a alquimia, que transmuta chumbo em ouro, que fazem do homem um alquimista de si. Apolônio tornou-se esse alquimista de si e conversava com os deuses "face a face" e seu aprendizado lhe deu habilidade para utilizar as forças da natureza, tanto para si, fazendo-o viver por longos dias, como ao próximo.

> A ciência desenvolvida e mostrada por Apolônio, a espetacular ciência como arte da transformação dos elementos, substâncias e metais, conhecida como alquimia em sua parte sutil e também como química na parte material, aplicando ambas na ciência da medicina, para a cura do corpo humano, mas não se limitando a ele (MONTAIN, 2017, Cap.4).

Apolônio era desapegado de bens materiais e da necessidade de prazer para poder evitar o sofrimento. Para ele era erro achar que a felicidade estava atrelada a essas coisas. Ele valorizava bem mais a vida espiritualizada, apesar de não haver problemas em ter uma vida próspera. Parafraseando Zé Ramalho, "eu prefiro um galope soberano, à loucura do mundo me entregar". Apolônio achava loucura esse apego e vivia com o pouco que lhe era suficiente. Como aconteceu num diálogo entre ele e um jovem sem educação:

> Jovem senhor, disse ele, parece-me que não é a tua casa que te pertence, mas tu que pertences a ela (VA, V, 22).

Todos os pecados capitais podem ser evitados por meio do autoconhecimento, da reforma intima e da generosidade. Todos eles são centralização doentia, preparando metas de sofrimento.

> O desenvolvimento da alquimia motivou a ambição de inúmeras pessoas, que buscavam a riqueza material pela transformação do chumbo em ouro e prata, quando o que realmente se buscava era algo muito mais valioso do que ouro e prata, que era a riqueza espiritual com a obtenção da prata da alma e do ouro do Espírito. Essa riqueza pode ser nobremente alcançada de graça pelo homem que se dispuser a abdicar da sua condição egoísta e material, podendo obter em troca algo extremamente superior, que é participar do mundo de Deus, uma ciência e uma arte que foram resgatadas por Apolônio (MONTAIN, 2017, Cap.4).

Apolônio em sua alquimia, na condição de ter apenas o necessário, buscou muito conhecimento sobre a natureza e sobre a natureza do homem no que tange aos quatro elementos do corpo humano: fogo, ar, água e terra. O fogo e o ar são princípios ativos, sendo água e terra,

passivos. A terra representa os alimentos, a água a nossa umidade, o fogo o calor e o ar o movimento. A justa medida desses quatro elementos no corpo humano, dá a condição de uma vida saudável, pois há um melhor controle das emoções, do corpo físico e mental.

> A alquimia espiritual, trata da transformação do homem em um ser celestial, por um processo de pura alquimia, com a utilização de elementos materiais e da energia espiritual, onde se destacam os elementos terra, água, ar e fogo, mediante a utilização do sal do corpo, do enxofre da alma e do mercúrio do Espírito, como instrumentos de transformação (MONTAIN, 2017, Cap.4).

Os conceitos e esboços mostrados acima, são uma mistura de alquimia espiritual com alquimia operativa. Segundo BERNARD (2013, p.7), na alquimia operativa, o alquimista transforma metais vis em ouro, enquanto a alquimia espiritual transmuta nossa alma. A alquimia operativa também cria substâncias para cura do corpo do homem, como mostra Eliade:

> ...os metais, quão mesmo o corpo humano, podem ser purificados e divinizados por meio de preparações mercuriais que lhes comunicam as virtudes salvíficas de Siva. O Rasárnava recomenda aplicar o mercúrio primeiro sobre os metais e logo sobre o corpo humano. Se tivermos que acreditar em Rasahrdaya-Tantra, a alquimia permite curar inclusive a lepra e devolver aos velhos a perdida juventude. ...quando o mercúrio é morto com uma quantidade igual de enxofre purificado volta cem vezes mais eficaz; quando lhe mata com uma quantidade dupla de enxofre cura a lepra; morto com uma quantidade tripla cura a fadiga mental; morto com uma quantidade quádrupla troca os cabelos brancos em negros e faz desaparecer as rugas; morto com uma quantidade cinco vezes maior cura a tuberculose; morto com uma quantidade seis vezes maior se converte em uma panacéia para todos os males do homem (ELIADE, p.75).

Conforme Filostrato, Apolônio, em sua alquimia espiritual, isolava-se em oração e se envolvia inteiramente num manto de lã fina, prendia uma ponta com os pés, enrolava o manto em círculos pela coluna vertebral e prendia a outra ponta em cima da cabeça; fechava os olhos, meditava e verbalizava preces, fixava a imaginação e determinava a ação da vontade. Ao fazer esse ritual Apolônio era convencido de que o homem tem o poder não de substituir a natureza, mas de se colocar em pé de igualdade com a mesma. Em virtude dessa convicção, ele estudava as leis naturais com o maior respeito. Os alquimistas espirituais, usavam:

> A alquimia como um suporte à busca mística. Os laboratórios dessa categoria de alquimista incluem sempre um oratório, ou seja, um lugar reservado à prece, à meditação e, de maneira geral, ao estudo das leis divinas. Esse oratório se limitava o mais comum das vezes a uma cadeira e uma mesa, sobre a qual se encontravam livros esotéricos, objetos rituais e velas (BERNARD, 2013, p.9),

Conforme BERNARD (2013, p.9), a alquimia material não era mais do que a expressão objetiva de uma transmutação infinitamente mais elevada: a da própria alma, cujo fundamento não é senão a alquimia espiritual. Este processo místico consiste, para o homem, em transmutar suas imperfeições por meio do crisol da vida, sob o impulso do fogo divino que se consome nele. Somos todos imperfeitos, mas o objetivo final de nossa evolução é atingir o estado de perfeição. Ora, esse estado não pode se realizar senão após termos purificado nossa personalidade de suas qualidades negativas, o que implica em despertar as virtudes da alma divina que habita em nós e que não nos pede mais do que exprimir seu potencial de sabedoria.

Nas narrativas de Filostrato não encontramos alusão a Apolônio utilizando da substância mercúrio para cura e elixir da juventude, mas, o imaginário popular, de acordo com a beleza e jovialidade do mesmo mencionada na VA, mesmo com idade já avançada, levar muitos a acreditar no uso. Porém pode-se dizer que a melhor alquimia praticada por ele era a alquimia espiritual.

3.5.3. A recepção de Apolônio em sociedades esotéricas e iniciáticas

As novas formas de busca pelo sagrado foram classificadas como Nova Era, neoesoterismo, nova consciência religiosa ou grupos místico-esotéricos. Esta religiosidade caracteriza-se pelo trânsito do sujeito religioso por vários espaços sagrados e pela centralidade na busca individual em detrimento de instituições e lideranças religiosas. Conforme Cordovil, nessa busca, podem ser apropriados saberes e doutrinas espirituais que tem origem no Oriente ou em civilizações antigas, como os celtas (Wicca, druidismo), o Egito Antigo (Ordem Rosacruz e sociedades secretas) e os indígenas americanos (neoxamanismo) (CORDOVIL., 2015, p.128).

Para Magnani, as vivências religiosas da Nova Era se caracterizam pelos espaços onde são realizadas e pelo público que os frequenta. O autor classificou os principais espaços de vivência desta religiosidade em quatro tipos: 1) sociedades iniciáticas, 2) centros integrados, 3) centros especializados e 4) espaços terapêuticos individuais.

Os primeiros compreendem associações de caráter transnacional, como Ordem Rosacruz, Teosofia, etc., em que se discute uma doutrina, geralmente de caráter iniciático. Os centros integrados e centros especializados são locais nos quais são realizadas vivências,

workshops, práticas terapêuticas, cursos e oficinas; eles estão ligados a terapeutas holísticos que atuam em grupo, combinando ou não diferentes tendências terapêuticas. Por fim, o autor classifica como espaços terapêuticos os locais ocupados por terapeutas que atuam individualmente ofertando serviços cuja filosofia está ligada à Nova Era (Magnani apud CORDOVIL, 2015, p.129).

Algumas dessas sociedades e fraternidades iniciáticas preservam em vários pontos os ensinamentos de Apolônio, tal como a sociedade teosófica e a Ordem Rosacruz AMORC.

Os rosacruzes da AMORC por considerar, através da VA, Apolônio um grande iniciado e como o mesmo é pitagórico e nesta Ordem esotérica existe um ritual em homenagem a pitágoras e devido ao sincretismo de Hermes com Toth do Egito atualizando o Deus para Hermes Trismegisto, ela se apropria dos ensinamentos e da vida dedicada de Apolônio para ter como exemplo o caminho que o homem deve seguir para atingir a iluminação realizando uma alquimia espiritual. A lei do silêncio também é uma apropriação da ordem rosacruz dos ensinamentos pitagóricos de Apolônio de Tiana. Esta Ordem pede aos seus membros que guarde silêncio sobre os ensinamentos considerados sagrados para não cair em mãos de pessoas não iniciadas. O exercício espiritual de oração e contemplação ao sol também é uma apropriação esotérica dos ensinamentos de Apolônio.[16]

A Sociedade Teosófica (ST) foi fundada em Nova Iorque, E.U.A., em 17 de novembro de 1875, por um pequeno grupo de pessoas, dentre as quais se destacavam uma russa e um norte americano: a Sra. Helena Petrovna Blavatsky e o cel. Henry Steel Olcott, seu primeiro presidente. Em 1878 o cel. Olcott e a Sra. Blavatsky partiram para a Índia. Em 3 de abril de 1905, foi estabelecida legalmente a sede internacional da ST no bairro de Adyar, na cidade de Chennai (antiga Madras), estado de Tamil Nadu, no sul da Índia, onde permanece até hoje.

Desde os primeiros dias de sua fundação, ainda no século passado, a ST estruturou-se sobre o amplo princípio humanitário da Fraternidade Universal; “uma instituição que se fizesse conhecida em todo o mundo e cativasse a atenção das mentes mais elevadas”.

Encontra-se nos escritos daqueles primeiros tempos a afirmação de que “é a Humanidade que é a grande órfã, a única deserdada sobre esta Terra – e é dever de todo homem capaz de um impulso altruísta fazer algo, por menor que seja, pelo seu bem-estar”. Por esta razão, o seu primeiro objetivo está formulado da seguinte maneira: “Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor”.[17]

---

[16] Consulta ao endereço eletrônico https://amorc.org.br/sobre-pitagoras/ acessado em 25/06/2025

[17] Extraído do endereço eletrônico: https://sociedadeteosofica.org.br/quem-somos/

A origem da palavra Teosofia é grega e significa primária e literalmente, Sabedoria Divina. Foi cunhada em Alexandria, no Egito, no século III d.C. por Amônio Saccas e seu discípulo Plotino que eram filósofos neo-platônicos. Fundaram a Escola Teosófica Eclética e também eram chamados de Philaletheus (Amantes da Verdade) e Analogistas, porque não buscavam a Sabedoria apenas nos livros, mas através de analogias e correspondências da alma humana com o mundo externo e os fenômenos da Natureza.

A Sociedade Teosófica afirma-se sucessora moderna daquela Escola antiga e almeja tal busca da Sabedoria não pela mera crença, mas pela investigação direta da Verdade manifesta na Natureza e no homem. Dizia Blavatsky: "o verdadeiro Ocultismo ou Teosofia é a 'Grande Renúncia ao eu', incondicional e absolutamente, tanto em pensamento como em ação – é Altruísmo". "Teosofia é sinônimo de Verdade Eterna", Divina, Absoluta, Paramarthika Satya ou Brahma-Vidya, que são seus equivalentes muito mais antigos na filosofia oriental. Teosofia, portanto, é uma Sabedoria Viva, o ideal que o verdadeiro teósofo busca alcançar e manifestar em sua vida diária como serviço à Humanidade.

A adjetivação teosófica na denominação da Sociedade Teosófica significa, desta forma, uma sociedade cujos objetivos refletem esta Sabedoria, ou que nesta têm sua inspiração. Isto não quer dizer que todos os membros da ST possuam esta Sabedoria ao tentar realizar tais objetivos. Quer dizer, apenas, que uma sociedade "teosófica" é uma sociedade cujos objetivos podem trazer benefícios imensos ao mundo, desde que compreendidos e realizados apropriadamente.[18]

A teosofia busca a evolução espiritual da humandiade. Para isso é necessário conhecer a sabedoria ancestral, sabedoria essa, que segundo a teosofia é o ponto em comum de todas as tradições espirituais. Baseando-se na alquimia, é a prima matéria das religiões, onde tudo começou, a pedra filosofal. Centrando-se no homem, ao encontrar a pedra filosofal, o homem "conhece a si mesmo" e se torna um iluminado no sentido budista da palavra.

Ao centrar-se no homem para conhecer-se a si mesmo, em busca da evolução espiritual, a teosofia prega a prática da virtude, onde o homem se predispõe à prática do bem e levar a vida baseado na verdade e de forma correta, dando ênfase mais ao lado espiritual do que o material. Todas essas questões são bem similares à vida que Apolônio levava e os discursos que praticava, sempre buscando o lado certo das coisas.

[18] Extraído do endereço eletrônico: www.sociedadeteosofica.org.br/a-teosofia/

Como toda sociedade iniciática, para alcançar tal estágio, o adepto deve passar por iniciações e práticas que trabalham nele mesmo cuidados com o corpo físico, com o emocional, o mental e o espiritual.

A sociedade teosófica é uma das organizações que preza pelos ensinamentos de Apolônio e é precisamente em "Ísis Sem Véu" que podemos compreender plenamente a dimensão da teosofia atribuída a Apolônio de Tiana, especialmente quando Helena Petrovna Blavatsky afirma:

> Como Buddha e Jesus, Apolônio foi um intransigente inimigo de toda a ostentação exterior de piedade, de toda a exibição de cerimônias religiosas inúteis e de toda a hipocrisia (BLAVATSKY, 2018, p.292).

Se estudarmos o problema sem partidarismo, logo reconheceremos que a ética de Gautama, Buda, Platão, Apolônio, Jesus, Amônio Saccas e seus discípulos baseiam-se na mesma filosofia mística. Todos adoravam um Deus, quer o considerassem como um Pai da humanidade vivendo Nele ou como o princípio criativo incompreensível, e todos levavam vidas santas.

A dimensão ética em Apolônio é interna e externa e os aspectos taumatúrgicos beneficiam esta dimensão. No que diz respeito à sobriedade dos costumes, Apolónio vai ainda mais longe que Pitágoras, defendendo decididamente a castidade.

Outro aspecto teosófico de Apolónio é representado pelo fato de ele ter sido, também graças às suas viagens, uma verdadeira ponte entre o Oriente e o Ocidente.

Apolônio de Tiana também tinha uma dimensão de verdadeira tolerância. Na verdade, ele nunca esperou que os outros seguissem as rígidas regras de conduta que ele impôs a si mesmo. Pode-se deduzir, pelo fato de nunca ter tentado converter Damis para uma dieta vegetariana, apenas pedindo-lhe que respeitasse suas escolhas.

O sentido e a importância do trabalho comum também estiveram presentes em Apolônio, como se depreende desta afirmação:

> Vejam a tripulação, uns trazem os barcos de volta a bordo, outros levantam as âncoras e acorrentam-nas, outros estendem as velas para aproveitar o vento, enquanto outros supervisionam as manobras da embarcação tanto à popa quanto à proa. Se pelo menos um destes homens negligenciar o seu dever pelo menos uma vez, ou se se mostrar inexperiente, a navegação procederia mal, como se o barco estivesse a meditar a tempestade no seu seio. Se, pelo contrário, os velejadores competirem pelo zelo, se todos apenas estudarem para cumprir o seu dever de igual aos seus companheiros, o

> barco fará um bom percurso em direção ao porto e o clima favorecerá a sua viagem (VA, IV, 9)

Apolônio pode ser lembrado também pela sua elevada visão ético-filosófica toda voltada – teosoficamente – a uma visão universalizante da vida. Uma visão que podemos encontrar nestas palavras contidas em carta dirigida ao cônsul P. Valerio Asiatico e escrita para ajudá-lo a superar o trauma causado pela perda prematura do filho:

> Não existe a morte de ninguém, exceto na aparência, e não existe nenhum nascimento, a não ser aparente. A passagem da essência à substância é o nascimento; assim como a morte é a passagem da substância à essência... (MEAD, 2007, p.169)

Em outra passagem da VA, Apolônio mostrou todo seu conceito ético e moral ao "pregar para o povo de Atenas e outras cidades, a moral mais pura e nobre e os fenômenos que realizou foram tão admiráveis e estupendos quanto numerosos e bem comprovados". Como é que – pergunta Justino (mártir) com espanto: - os talismãs de Apolônio têm a virtude de impedir, como presenciamos, a fúria das ondas, a violência dos furacões e as investidas de animais ferozes? (BLAVATSKY, 2020, p.45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o trabalho munidos de uma intuição investigativa, buscando textos que pudessem explanar as narrativas do personagem de Filóstrato, Apolônio de Tiana, e os fatores históricos que influenciaram sua vida. Nesse contexto observamos que o mesmo fez várias viagens para lugares distantes em busca de conhecimento, porém, muitos desses lugares faziam parte do trajeto traçado por Alexandre Magno em suas conquistas e, ao mesmo tempo, faziam parte da peregrinação do homem divino.

A busca por conhecimento em suas viagens, a aproximação com os ensinamentos de Pitágoras e contatos com os sofistas e filósofos, segundo as narrativas de Filóstrato, fez dele um homem sábio, com uma retórica invejável, a ponto de fazer a própria defesa nos tribunais onde foi réu e provavelmente seria condenado.

A aquisição de conhecimento sobre a natureza, provavelmente lhe deu conhecimento sobre situações climáticas a ponto de entender manifestações de pragas, saber a origem de algum mal e determinar como combatê-lo, inclusive com o uso de magia.

O conhecimento de si, o fez entender bem o ser humano e unido à sabedoria pelo conhecimento da natureza, lhe proporcionou mérito na prática de curas, relatadas na biografia como práticas taumaturgas e cheias de simbolismos.

A biografia escrita pelo sofista Flávio Filóstrato no século III "A Vida de Apolônio de Tiana", contava as benfeitorias do mesmo, como: curas milagrosas; reformação religiosa e vida sócio-política e o colocava como um filósofo pitagórico, com uma vida exemplar. Como diz Ehrman:

> Sobre Apolônio histórico: Em geral, concorda-se que ele era um filósofo pitagórico — ou seja, um proponente das ideias de Pitágoras, filósofo grego do século V a.C. Ele viveu durante a segunda metade do século I (Jesus viveu durante a primeira metade). Apolônio viajou pelas regiões do leste do império romano como pregador moral e religioso. Com frequência morava em templos e era pródigo em conselhos às autoridades religiosas e civis. Tinha numerosos alunos e era bem recebido por muitos membros da elite romana nos lugares onde ficava. Tinha especial interesse em que as pessoas abandonassem o materialismo excessivo e vivessem para o que interessava, ou seja, os assuntos da alma (EHRMAN, 2014, p.11).

Como era um período em que os imperadores romanos promoviam perseguições aos cristãos, começou um certo desconforto onde alguns personagens como Hierócles, governador da Bitínia e Eusébio de Cesareia criaram polêmicas em torno de Apolônio e de Jesus. Porém

esses conflitos não passavam de uma relação de poder entre o estado constituído que queria manter suas crenças e práticas espirituais e a Igreja Católica que estava começando sua ascensão e, como todo grupo hegemônico e fundamentalista, mirava o controle total e agia contra o pluralismo religioso. Alguns padres foram historicamente chamados de caçadores de heresias por combater todas as outras visões que não colocavam Jesus como Deus. Isso incluía não apenas os próprios cristãos, sendo eles membros da igreja ou não, como também cidadãos que propagavam outras crenças religiosas e acreditavam em outros deuses. Neste caso entra a obra VA de Flavio Filóstrato. Eles combateram visões dos ebionistas, adcionistas, docetistas, marcionitas, gnósticos, entre outros, até chegarem ao concilio de Niceia e determinarem o credo católico da época, promovendo Jesus a Deus e propiciando o esquecimento dos ensinamntos de Apolônio como um ser divino.

Esse credo católico foi escrito no século IV quando Constantino assumiu o império romano e se converteu ao cristianismo, acabando com toda perseguição aos cristãos, e entendeu que Deus não ficaria feliz em saber que havia conflitos em torno dele, uma vez que o mesmo achava que o império romano era robusto por cumprir todas as determinações que os deuses lhe imputavam como menciona Ehrman:

> Por muitos séculos a crença generalizada foi de que os deuses supervisionavam o que era do interesse de Roma quando adequadamente reconhecidos nas práticas de culto do estado. Adorar os deuses da maneira apropriada e prescrita garantia seus favores, e eles manifestavam seu favor tratando o estado com bondade, por exemplo, trazendo vitória nas guerras e prosperidade em tempos de paz (EHRMAN, 2014, p.204).

Quando da época de Constantino, os debates teológicos se davam mais entre os presbíteros Ário e Alexandre. Ambos atuavam em Alexandria. Eles debatiam sobre a existência de Jesus. Àrio entendeu que sua interpretação, sobre "Cristo nem sempre ter existido. Ele veio a existir em algum momento do passado remoto antes da criação", não era bem aceita por Alexandre; assim, pediu asilo a Eusébio de Cesareia. Posteriormente, após o concílio de Niceia, Ário por não concordar com o credo, refugiou-se no Egito.

Retomando a Apolônio, o que os debates, polêmicas e conflitos influenciaram na continuidade histórica dele, já que o mesmo tinha sido elevado ao status de homem divino? O que se pode afirmar é que na relação de poder, os caçadores de heresias saíram vencedores, principalmente com a chegada de Constantino, o concilio de Niceia que determinou o credo católico e logo após o imperador Teodósio I que estabeleceu o cristianismo como religião oficial em Roma. Com isso o cristianismo junto com a igreja espalhou-se por todo o ocidente e a memória de Apolônio ficou apenas como "motivo de muitos questionamentos por parte de

estudos acadêmicos, além de especulações de cunho religioso e esotérico", como introduz (CORSI, 2015, p.29).

Como não foi criada nenhuma religião em torno de Apolônio para que seu nome fosse reverberado pelos quatro cantos do mundo e sua figura fosse desenhada, redesenhada, pintada, repintada, de acordo com o imaginário popular em quadros de paredes, teatralizada e cinematografada, ainda assim, pode-se afirmar de acordo com a VA de Filostrato que o Apolônio histórico foi um político reformador, filósofo-mestre pitagórico e um mago taumaturgo.

Como político, CORNELLI cita em sua tese:

> Na VA de Filostrato Apolônio desenvolve uma atividade política complexa, narrada em vários detalhes. A postura fundamental de Apolônio é a de opor-se duramente, e de várias formas, à tirania imperial romana, representada, ao longo de sua vida, pelas figuras dos imperadores Nero e Domiciano. (CORNELLI, 2001, p.136)

Sabe-se que Flávio Filóstrato tentou, através do seu personagem, reafirmar a cultura grega. Porém, quem dava as cartas era o Império Romano e este mais tarde, oficializou a religião cristã e esta, através de suas instituições, tratou de apagar nomes como o de Apolônio de Tiana dos caris religiosos. Porém, as ordens esotéricas o guardaram em suas bibliotecas.

Fazendo um breve comparativo, sabe-se que Apolônio nasceu de uma família aristocrática enquanto Jesus nasceu de uma família pobre de carpinteiro, ambos têm o arquétipo de homem divino. Cultura daquela época.

Em relação a questão da aristocracia, Helena Petrovna Blavátskaya, mais conhecida como Helena Blavatsky ou Madame Blavatsky, foi uma prolífica escritora russa, responsável pela sistematização da moderna Teosofia e cofundadora da Sociedade Teosófica, em sua obra "Isis sem véu", volume III, faz um depoimento sobre ações de Apolônio, nas narrativas de Filóstrato, e seu nome não ter reverberado ao longo dos séculos:

> ... seu grande erro consistiu em confiná-las por demais às classes superiores da sociedade. Enquanto o pobre Jesus pregava 'Paz na terra e boa vontade para com os homens', Apolônio era o amigo dos reis, e privava com a aristocracia. Nasceu no seio desta, e era um homem de riqueza, ao passo que o 'Filho do Homem', representando o povo, 'não tinha onde repousar a cabeça'... Apolônio foi um intransigente inimigo de toda a ostentação exterior de piedade, de toda a exibição de cerimônias religiosas inúteis e de toda a hipocrisia. Se, como o Salvador cristão, o sábio cristão, o sábio de Tiana tivesse, por preferência, buscado a companhia do pobre e do humilde; e se, ao invés de morrer confortavelmente, e com mais de cem anos de idade, tivesse sido um

> mártir voluntário, proclamado a verdade divina de uma cruz, seu sangue se teria provado tão eficaz para a subsequente disseminação das doutrinas espirituais, como o do Messias cristão. (BLAVATSKY, 2023, p.292;293).

Na antiguidade tardia os preceitos para a consideração de homem divino passavam por alguns aspectos como: sabedoria sobrenatural, nascimento, os dois nasceram de forma mágica, Apolônio anunciado por um deus egípcio, Jesus pelo espírito santo; ambos faziam uso da sabedoria, porém Apolônio se utilizava de palavras mais filosóficas enquanto Jesus discursava em parábolas e o gênero do seu discurso era apocalíptico anunciando a salvação pela intervenção de Deus; Obediência. Um era obediente aos deuses e o outro obediente ao seu Deus, ascetismo, mediação entre o humano e o divino, resistência a perseguição e taumaturgia, ambos promoveram curas milagrosas. Essas comparações serviram como dados para que seus seguidores travassem debates conflituosos:

> "Possivelmente a comparação entre os dois profetas não se deve tanto a uma autêntica semelhança entre os seus homólogos históricos, mas sim ao fato de as histórias das suas vidas estarem incluídas num arquétipo como o do homem divino e o género hagiográfico, tão fluido e reconhecível pelo público da antiguidade tardia, sem desconsiderar o fato inegável de que os modelos idealizados de ambos foram utilizados como argumento pelos seus apoiantes, preocupados em obter uma vantagem política moral sobre os seus adversários, e não o valor intrínseco da mensagem em que se baseiam para se desenvolver seus argumentos" (PRIETO GOMEZ, 2017, p.38).

O ocultista Eliphas Levi, dá ao simbolismo da magia aplicada por Jesus como ponto determinante para o sucesso do cristianismo, não que o Jesus histórico pretendesse isso, quando ele cita:

> "A magia muda realmente a natureza das coisas ou, antes, modifica à sua vontade as aparências, conforme a força de vontade do operador e a fascinação dos adeptos aspirantes. A palavra cria a sua forma, e, quando uma personagem, reputada infalível, deu a alguma coisa um nome qualquer, transforma realmente esta coisa na substância significada pelo nome que lhe dá. A obra-prima da palavra e da fé, neste gênero, é a transmutação real de uma substância cujas aparências não mudam. Se Apolônio tivesse dito aos seus discípulos, dando-lhes um copo cheio de vinho: 'Eis aqui o meu sangue que bebereis, para sempre, a fim de perpetuar a minha vida em vós', e se os discípulos tivessem, durante séculos, acreditado continuar esta transformação, repetindo as mesmas palavras, e, tomando o vinho, apesar do seu cheiro e sabor, pelo sangue real, humano e vivo de Apolônio, seria necessário reconhecer este mestre de

> teurgia como o mais hábil dos fascinadores e o mais poderoso de todos os magos" (LEVI, 2017, p.186).

Após várias escritas e depoimentos sobre a Vida de Apolônio de Tiana, pode-se dizer: sim. Apolõnio era um homem sábio, ele andava com os sofistas, tinha uma boa retórica, falava bem e vivia de forma independente, mesmo que não fosse um cidadão abastado por ter doado suas riquezas e vivendo uma vida acética. Ele era também um homem muito místico, seguia uma doutrina em seus exercícios espirituais, era fiel aos deuses e devoto de asclépio, tinha conhecimento das leis da natureza e das estrelas e praticava orações e amuletos. Ele era um homem divino? Apesar de essa pergunta ser uma questão de interpretação, naquela época, segundo a hagiografia dos homens divinos e as narrativas de Filóstrato, pode-se dizer também que sim, o mesmo fazia parte do rol de homens considerados divinos.

A pergunta da reverberação do seu nome durante os séculos é muito difícil de obter uma resposta exata, mas, baseando-se nas ordens iniciáticas que se apropriam de sua vida como exemplo, pode-se afirmar que o caminho para a salvação de acordo com Apolônio, é o conhecimento e o autoconhecimento, porém, a aquisição destes requer muito esforço individual, uma força interior muito grande e muita devoção e respeito às coisas sagradas. Esse caminho individual não serve para todos, apenas os abnegados conseguem, diferente do discurso de Jesus de Nazaré que prometeu o reino de Deus na terra e essa salvação viria pela fé, sem o esforço abnegado, que poderia ser experimentada no coração daqueles que o seguissem.

> "O tempo é chegado", dizia ele. "O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas! (Marcos 1:15).

> Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas a vocês. (Mateus 6:33).

O povo daquela região de israel já esperava por um messias há muito tempo, desde as profecias de Daniel, onde o filho do homem viria sobre nuvens e implantaria a paz na terra e assim foi se criando uma identidade etno-religiosa naquela região que tempos depois criou-se as narrativas sobre Jesus, dizendo ser o mesmo o messias esperado da linhagem de Davi.

REFERÊNCIAS

ALBY, Juan Carlos. **Milagros de curación en la tradición médica tardo-antigua. Teología y vida**, v. 56, n. 2, p. 219-238, 2015.

ATANÁSIO, Santo. **Vida de Santo Antão**. Tradução por Bibliotheca Patristica. Petrópolis-RJ: Mosteiro da Virgem, s/d, 2000.

BECCARI, Alessandro Jocelito. **A Viagem como lugar comum: Heródoto, Paulo e Apolônio de Tiana**. Scripta Uniandrade, v. 15, n. 2, 2017.

BERNARD, Christian. **A alquimia espiritual.** Revista: O Rosacruz, nº 284, ano 2013. Acessado no endereço eletrônico: https://s3.amazonaws.com/afiliado-prod/pdf/magazine/pdf_magazine.pdf.

BLAVATSKY, Helena. **A Chave para a Teosofia**. Editora Teosófica, 2018.

BLAVATSKY, Helena P.; SARZANA, Silvia. **Glossario Teosofico**. Editora Oka, 2020.

BLAVATSKY, Helena. **ISIS SEM VÉU-Explorando os mistérios ocultos do cristianismo: do clero mágico às virtudes pagãs-: Volume 3**. JOP, 2023.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega Vol. II. **Editora Vozes**, 1995.

BURKERT, Walter. **Religião grega na época clássica e arcaica. Trad. m. JS loureiro**. lisboa: fundação Calouste gulbenkian, 1993.

CORDOVIL, Daniela. **Religiões de Nova Era em Belém, Pará: entre o cosmopolitismo e a identidade local. REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 15, n. 1, p. 126-143, 2015.

CORNELLI, Gabriele. – ***Sábios, filósofos, profetas ou magos? Equivocidade na recepção das figuras de homens divinos na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré***- *2001 – 343 páginas – tese de doutorado UMESP.*

CORSI, Semíramis. **O sábio Apolônio de Tiana em testemunnhos contrastantes: a tradição epistolar e a obra do sofista grego Filóstrato (séc. III d.C.)**. CALÍOPE: Presença Clássica, n. 29, 2015.

CORSI SILVA, Semíramis. **A dieta pitagórica de Apolônio de Tiana na biografia escrita por Filóstrato**: a construção de um homem divino e sua atuação política como reformador religioso. **Romanitas: Revista de Estudos Greco-Latinas**, n. 24, 2024.

DE OLIVEIRA REGINO, Sueli Maria. **O mito de Hermes na obra poética de Manoel de Barros**.2011.

DOS SANTOS, Kayque Leandro Peixoto. Vita Apollonii: Entre história e ficção. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

EHRMAN, Bart D. **Como Jesus se tornou Deus**. LeYa, 2014.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Zahar, 1978.

ELIADE, Mircea. **Ferreiros e alquimistas**. Zahar ed., 1979.

FILOSTRATO, Flavio. **A Vida de Apolônio de Tiana**. Editorial Gredos, Madrid, 1992

FINGER, Bem Jr. **Apolônio, homem e mito**. Revista: O Rosacruz, nº 284, ano 2013. Acessado no endereço eletrônico: https://s3.amazonaws.com/afiliado-prod/pdf/magazine/pdf_magazine.pdf.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. Editora Vozes Limitada, 1990.

JÚNIOR, José Carlos Baracat. Plotino, **Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino Introdução, tradução e notas.(Volume I).** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. 2006.

KAHN, Charles H. **Pitágoras e os pitagóricos-Uma breve história**. Edições Loyola, 2007.

LEVI, Eliphas. **Dogma e ritual da alta magia**. Editora Pensamento, 2017.

LOPES, Gustavo Ramos. **A RELIGIÃO CIVICA NA GRÉCIA ANTIGA E HERMES: DO DIVINO AO MORTAL**. 2020

MEAD, George R. S**., Apolônio de Tiana: Sábio, Profeta e Renovador dos Mistérios**. Editora Teosófica. Brasília-DF. 2007.

MEAD, George; AMARANTE Eduardo; ABALADA, L. Dulce. **Apolônio de Tiana: Taumaturgo contemporâneo de Jesus**. Apeiron Edições. Portimão – Algarve. 2013.

MOUNTAIN, Anthony. **A Alquimia de Apolônio de Tiana e Jacob Boehme**: Apresentação Do Nuctemeron de Apolônio de Tiana e a Encarnação de Jesus Cristo Por Jacob Boehme. Independently Published, 2017.

PELÁEZ, Jesús; PADILLA, Carmen. **Espacio, tiempo y adversidad en los relatos de milagro del Evangelio de Marcos y de la Vida de Apolonio de Tiana de Flavio Filóstrato**. Fortunatae, n. 20, p. 101-126, 2009.

PRIETO GÓMEZ, Miguel Ángel et al. **Redescubriendo a Apolonio de Tiana: el mayor enemigo del cristianismo primitivo?** 2017.

RUBIO, Susana. **Apolonio de Tiana Filósofo místico neo-pitagórico Siglo I de nuestra Era - Parques de Estudio y Reflexión Los Manantiales -** agosto 2013. Acessado em 03/10/2024 no endereço eletrônico: https://www.academia.edu.

SILVA, Semíramis Corsi. **O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III dC)**. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) –Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista. Franca.

SILVA, Semíramis Corsi. **O sábio Apolônio de Tiana na cidade de Alexandria: a visão do sofista grego Filóstrato sobre a capital da província romana do Egito (século III d.C.)**. Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos, n. 3, p. 107-128, 2014.

SILVA, Semíramis Corsi. A **Segunda Sofística de Filóstrato**: identidade grega, paideia e Império Romano. 2016.

SILVA, Semíramis Corsi. O Apolônio de Tiana da biografia escrita por Filóstrato e os sofistas. **Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 29, n. 2, p. 119-144, 2016.

SILVA, Semíramis Corsi. **Identidade grega e poder imperial romano em representações da India: Reflexões a partir da" Vida de Apolônio de Tiana", de Filóstrato**. Tempos Históricos, v. 21, n. 1, p. 468-497, 2017.

SILVA, Maria de Fátima. **Cáriton: Quéreas e Calírroe**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

THOMAZELLA, Nathalia. **Sobre a natureza e os sábios hindus: uma leitura de a Vida de Apolônio de Tiana de Filóstrato**. 2018.

TORRES, Milton Luiz. **Apolônio de Tiana e Seus Discípulos: Elementos Religiosos no Antigo Magistério Filosófico**. Faces da História, v. 8, n. 02, p. 228-249, 2021.

VIEIRA, Otávio Santana. O Esoterismo: Uma abordagem hermenêutico-conceitual. **Diversidade Religiosa, Paraíba**, v. 4, n. 01, 2014.